

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO • EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES • DELEGAÇÕES: LISBOA - TELEF. 31839 - FARO - R. INFANTE D. HENRIQUE, 11-TELEF. 875
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 • OFICINAS: EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, LIMITADA - V. R. S. ANTÓNIO

OITAVO ANO

COM este número, Jornal do Algarve entra no oitavo ano de convívio com os seus leitores. Não nos parece que valha a pena evocar o que tem sido a nossa luta pelo Algarve. Atrás de nós ficou um rasto de batalha, uma poeira de cavalgada infrene de sete anos de correria na luta pela nossa terra e pela nossa gente.

Não consideramos o dia de hoje festivo e pela circunstância natural de que ninguém festeja o dia que asinala o começo de uma vida estafante como é esta de luta permanente para manter em nível aceitável um jornal sobre o qual as circunstâncias fizeram recair a esmagadora responsabilidade de defender um dos pedaços mais belos de Portugal. E no meio destas fadigas ainda há a dúvida de se teremos servido bem todos aqueles que esperaram e esperam do seu jornal mais ainda do que ele lhes tem dado — ânimo para prosseguirem nos seus empreendimentos, estímulo para valorização das nossas actividades do campo e do mar, incitamento para que se incrementem o progresso das nossas

(Conclui na 23.ª página)

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

1) PROBLEMAS DE S. MARCOS DA SERRA

Nós queremos que se elabore imediatamente o plano rodoviário

— afirma-nos o sr. António Lourenço, presidente da Junta de Freguesia

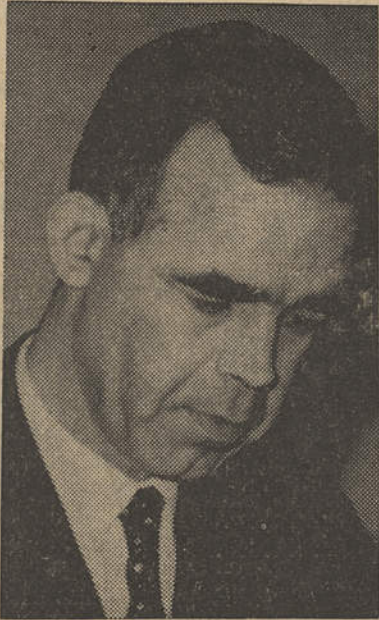
UMA paisagem completamente diferente da do resto da Província caracteriza S. Marcos da Serra, aldeia solitária, esquecida entre montes ali à beira do Alentejo. Reside nela o mais completo e altamente significativo exemplo daquilo a que se convencionou chamar «os milagres do Algarve». Na batalha insana pela sobrevivência os seus habitantes não se têm conformado com a sua pouca sorte e assim verifica-se, de há uns anos a esta parte, uma inestimável conjugação de esforços no sentido de chamar a atenção do Governo para a precária situação em que a freguesia se encontra.

Jornal do Algarve, por várias vezes, se tem feito eco dos anseios da gente de S. Marcos da Serra. Desta vez porém queremos ir mais longe e, assim, deslocámo-nos àquela freguesia para, em contacto directo com as realidades, podermos avaliar a situação de angústia em que ali se vive.

Durante anos e anos aquela gente esteve esquecida, sem que houvesse quem lhe lançasse os olhos e lhe desse um pouco de protecção. Hoje, mercê de várias circunstâncias, e sobretudo devido à força de vontade e à dedicação do presidente da Junta que há cinco anos está à frente dos destinos da freguesia, algumas realizações têm sido levadas a cabo.

É extraordinária a acção deste homem de 59 anos que está a par

(Conclui na 20.ª página)



ENG. EDUARDO DE ARANTES E OLIVEIRA

ASSINALA Jornal do Algarve mais uma vez e como sempre com muita satisfação, a passagem na próxima quinta-feira do 10.º aniversário da entrega da pasta das Obras Públicas ao sr. eng.º Eduardo de Arantes e Oliveira.

Estranharão alguns raros dos nossos leitores desavisados que se dê relevo especial a esta efeméride mas a verdade é que nisso temos muito prazer e o Algarve também. Se a nossa insignificância tem lucrado com a honra de um convívio apetecível e estimável sem lucro pessoal que não seja

(Conclui na 20.ª página)

É indispensável uma certa tolerância para que não seja afectada a Operação Algarve-Turismo no presente e no futuro

RESPONSÁVEIS pelo desencadear da Operação Algarve-Turismo que revolucionou todo o território algarvio e que levou o Governo a debruçar-se sobre estas semi-esquecidas terras do Sul,

é natural que uma vez por outra nos venham pedir contas do calor e do entusiasmo que espalhamos, atraindo para as nossas terras valores os quais se lamentam agora de que as coisas não correm ao nível desse entusiasmo contagiante que os arrastou a empreendimentos de vulto e equivalentes às alviçadas perspectivas turísticas do Algarve.

Aqui estamos para aceitar a queixa. Antes do mais devemos esclarecer que não enganamos ninguém. São universais os louvores a esta maravilhosa terra onde nascemos. Basta saber-se que nem cem vezes a nossa actual capacidade hoteleira chegaria para satisfazer os pedidos de alojamento feitos este ano no estrangeiro para

(Conclui na 22.ª página)

Um museu de conquiologia poderia ser uma bela atracção turística em qualquer praia do Algarve

por J. MIMOSO BARRETO

AS conchas marítimas, que despertaram a curiosidade e o interesse do homem logo nos tempos arqueológicos, constituem preciosos elementos auxiliares da investigação e de elaboração da História. Veio diminuindo, ao longo dos séculos, o valor que inicialmente se lhes atribuía como utensílios comuns de uso diário. Elas serviram de moeda, por exemplo na América do Norte; utilizaram-se como objectos de adorno, numerosas civilizações primitivas, entre as quais as indústicas; usaram-nas em toda a parte como recipientes para os alimentos; as maiores, como os búzios, chegaram a ser trocadas por bois; foram encontradas em sarcófagos, simbolizando a última morada dos defuntos, porque elas são as resis-

(Conclui na última página)



Éis uma antevisão do Algarve dentro de meia dúzia de anos, se as exigências estéticas não determinarem que se conservem as rochas — mas sem prédios

JANELA DO MUNDO

pelo dr. MATEUS BOAVENTURA

Em busca do tempo perdido

QUANDO o filósofo grego dizia que «a consciência é como um rio onde nunca se toma duas vezes banho na mesma água», esta-

(Conclui na 21.ª página)

NOTA da redacção

AOS QUE ESTÃO LÁ LONGE

AOS algarvios que as necessidades ou a ambição legítima de obterem uma vida mais desajogada distanciou da sua pequena pátria, queremos dirigir no dia de hoje uma palavra de esperança e de saudade. De esperança para lhes dizer que esta terra onde nasceram continua a ser sempre bela, que as flores dos valados e dos campos acudiram à chamada da Primavera e que por aí andam já a enfeitar de cor e a amenizar de

frescura quer as encostas íngremes da serra, quer as colinas suaves que desmaiam na planície onde verdejam as nossas hortas. Como sempre, o tapete verde das searas ondula aos sopros dos ventos e perdida a alvura hiberna da sua floração, as amendoeiras, em período de maternidade, alimentam com o seu sangue os frutos pequeninos.

Por toda a costa, ao compasso resmungão deste nosso mar que ajeita o dorso para receber daqui a pouco os nossos barcos, vão erguendo-se edificações que prometem grandiosidade estética e monumental à nossa terra e a convergência de gentes de todos os quadrantes da rosa dos ventos.

É isto — algarvios que vivem longe da nossa pequenina pátria — que se passa na terra que vos viu nascer. Há um presentimento em todos nós de que tudo isto vai ser melhor, de que notícias mais agradáveis vos irão chegando e de que um dia virá em que não será necessário abandonar a mulher e os filhos, a casa onde se nasceu, a terra que se cultivava para ir por esses mundos em fora à conquista do pão que escasseia no lar pátrio. E um dia, que esperamos não venha distante, os que nasceram na abençoada terra algarvia poderão ver todos os anos florir a amendoeira e chorar, não na fria solidão da distância, mas bem junto deles os que, vítimas da lei inexorável da vida, abalarem para os abismos misteriosos da eternidade.

DEPOIS DE SETE ANOS DE TRABALHO A LINHA DE CONDUTA NÃO MUDARÁ

PASSARAM já sete anos sobre o dia radioso da Primavera, esse distante trinta de Março de 1957, em que surgiu o Jornal do Algarve. Temos agora na nossa frente esse primeiro número. Quatro páginas simples, porque, como diz o espanhol, bom começo é mau indício. E pensamos na batalha, na dura batalha que se tem travado ao longo destes sete anos para triplicar o número de páginas. Um autêntico milagre de perseverança, de boa vontade e de luta para fazer da modesta gazeta de quatro páginas um dos maiores defensores do progresso deste pequeno país do Sul.

Diz-se em fundo nesse primeiro número: «É norma no primeiro número de uma gazeta, além das saudações do estilo, envolvendo colegas, amigos e candidatos a simpatizantes, expor-se a razão da sua vinda ao mundo. Não fugindo a este hábito, começaremos por saudar os nossos colegas algarvios, assegurando-lhes que com eles viveremos em comum os problemas do Algarve e os problemas mais transcendentais da Nação.

(Conclui na última página)

É desoladora a situação financeira da Câmara Municipal de Alcoutim

AMENTA-SE no relatório da Câmara Municipal de Alcoutim que ainda não se tenha conseguido, por falta de efectivos da Polícia Internacional e de Defesa do Estado, a criação do subposto dessa Polícia na localidade e a abertura da fronteira com a Espanha, benefício que se reputa do mais elevado interesse para o

(Conclui na 20.ª página)



Vista parcial de S. Marcos da Serra

«Se as condições turísticas do Algarve não têm paralelo naquilo que mais atrai o visitante, só há que reconhecer, patrioticamente, o seu valor e tecer-lhe um hino de louvor aos seus predicados»

— afirmou o eng. José António Madeira na comemoração do aniversário da Casa do Algarve

DECORREU com brilho a comemoração do 34.º aniversário da fundação da Casa do Algarve e o 18.º do seu ressurgimento, acto que foi assinalado com o descerramento de uma lápida de homenagem aos presidentes honorários da Casa, srs. dr. Amadeu Ferreira de Almeida, major Mateus Moreno, dr. José de Sousa Carrusca, António Libânio Correia, eng. San-de Lemos, dr. Humberto Pacheco e Hermenegildo Neves Franco. Fez o descerramento a sr.ª D. Rosária Salgado Moreno e pronunciaram palavras a propósito os srs. general Leonel Vieira, dr. Américo Furtado Mateus e major Mateus Moreno.

Seguiu-se o almoço de confraternização ao qual presidiu o sr. general Leonel Vieira, presidente

(Conclui na 23.ª página)



(O sr. major Mateus Moreno discursando no acto do descerramento da lápida de homenagem aos antigos presidentes)



A saúde é a maior riqueza

A LIMPEZA DOS DENTES

A limpeza dos dentes deve ser feita várias vezes ao dia. Convém usar escovas de cerdas resistentes, capazes de retirar de entre os dentes os resíduos alimentares e os depósitos de tártaro.

Escove os dentes, friccionando-os com a escova, durante alguns minutos, em todas as direcções.

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
 SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Aqui tem um vestido de grande aparato que lembra certas criações orientais. Dou o risco Jeanne Lanvin e é confeccionado em tule-nylfrance-branco, bordado com grandes flores douradas.

CRÓNICA DE FARO

por ENCARNAÇÃO VIEGAS

PESCA DESPORTIVA

TURISMO tem sido apregoado em todos os tons, na nossa terra. Turismo, é aquilo a que chamaríamos a doença da moda, se essa doença não fosse quanto a nós, entenda-se, um mal necessário para a língua de terra, mar e ar que se estende ao sul de Portugal, que se chama Algarve e que parece ter concitado sobre si as atenções de um mundo faminto de coisas novas, e até dos «invejosos» cá do burgo que nos deixaram os reis da primeira dinastia.

O turismo quase criou laivos de ciência, a tanto assim que já por aí proliferam os técnicos da especialidade, cada um alvitando o que lhe parece, sempre cada qual procurando «puxar a brasa à sua sardinha». Esse será outro mal, mas no meio de tanto o que se tem posto em evidência, como condição turística a explorar, uma nos parece, que tem andado no rol dos esquecidos, que tem sido olvidada, talvez, porque não atrai para os jornais em grossos «títulos de caixa alta» os nomes dos seus praticantes.

Por isso seremos nós a trazer mais uma achega para a valorização turística da nossa terra, já que, como aqui temos referido, consideramos a capital da Província, minguada de recursos para atração de visitantes. Referimos exactamente, a um desporto que conta muitíssimos adeptos em Faro e que nos últimos anos, tem sofrido um incremento deveras notável: A pesca desportiva.

Devemos declarar desde já, que a nossa especialidade neste assunto, limita-se a faca e garfo, e talvez por isso ao pretendermos alinhavar esta crónica, naturalmente que recorremos à fonte, o que quer dizer, que Rua de Santo António acima, enfiámos no Clube dos Amadores de Pesca de Faro, onde o seu presidente, sr. José Sebastião Teixeira, com uma gentileza que não é demais pôr em relevo, se prontificou a dar-nos todos os esclarecimentos e que pudéssemos necessitar. Assim nasceu esta pequena entrevista.

Tendo por várias vezes sido postas em evidência as condições da ria Faro-Olhão para a prática da pesca desportiva, parece-lhe que na realidade esta oferece condições autênticas, para constituir um cartaz de atração turística ao nível internacional, desde que para o efeito se organizem concursos de tal projecção?

— Creio, através de depoimentos que me têm sido prestados por pessoas idóneas, ser a ria de Faro a zona marítima do País — isto reportando-me a águas interiores — a que melhores e mais seguras condições oferece aos indivíduos — e contam-se por muitos milhares, os praticantes — que se dedicam à pesca desportiva.

— Em face da sua resposta concluo que na verdade a ria Faro-Olhão tem as condições requeridas para a efectivação de provas de carácter internacional, que poderiam trazer até nós muitos entusiastas desse desporto. Porque se não realizam as mesmas então?

— Para poder dar uma resposta concreta a pergunta formulada, terei que ser um pouco extenso, citando factos que não têm tornando aconselhável a efectivação de provas de carácter nacional e muito menos ao nível internacional.

— Para se poder pensar na organização de qualquer prova de ampla projecção é indispensável saber que na ria de Faro será possível a captura de pescado de espécies diversas em tal quantidade e volume de peso que fizesse nascer nos concorrentes o natural desejo de voltar a tomar parte em competições futuras e não constituisse um autêntico fracasso. Há um ano, e porque o CAP de Faro pretendia organizar um torneio de pesca internacional dirigiu uma exposição ao comandante do porto de Faro na qual citava as dificuldades que se lhe deparavam para organização de tal empreendimento, uma vez que a ria (que poderia ser rica de pescado) se encontrava depauperada das várias espécies que a povoam por virtude de artes que embora proibidas continuavam e continuam a ser utilizadas por profissionais menos escrupulosos. Esta exposição, que foi secundada pelo CAP de Olhão deu aso a que fossem ouvidos pela entidade competente diversos amadores e até mesmo profissionais, tendo todos eles sido unânimes na aberta condenação das artes denominadas «redinha», «tresmalho», etc. Embora o capitão do porto de Faro tenha mandado proceder a inquérito, o certo é que o problema não teve até agora a solução desejada. Assim creio que se acha explicado o motivo porque não é possível a organização de provas ao nível internacional.

— Mas e há a esperança de que seja resolvida a presente situação ou seja a extinção das anormalidades que diz verificarem-se?

— Estou convicto de que o sr.

SALÃO JULINHA

Os últimos modelos em penteados de senhora

Rua Miguel Bombarda

VILA REAL DE SANTO ANTONIO

NOTÍCIAS PESSOAIS

Arthur Cupertino de Miranda

De visita às agências do Banco Português do Atlântico esteve no Algarve o sr. Arthur Cupertino de Miranda, presidente do conselho de administração do mesmo Banco, acompanhado dos administradores srs. Cabrita de Almeida Conde e eng. Alberto Saraiva e Sousa.

Jorge Rodrigues

Foi transferido para o Porto, onde vai desempenhar idênticas funções, o sr. Jorge Rodrigues, inspector da Shell e secretário do Rotary Clube de Faro, que esteve na nossa Redacção a apresentar cumprimentos de despedida, gentileza que agradecemos.

Partidos e chegadas

No «Bartolomeu Dias», que partiu para a Guiné e Cabo Verde em missão de soberania, seguiu o nosso comprouvino cadete de reserva da Armada João Manuel Pereira Brito.

— Encontra-se no Canadá, em serviço da sua vida profissional, o sr. Jorge Alberto Farinha, gerente da Empresa Litográfica do Sul, Limitada, de Vila Real de Santo António.

— Em serviço militar, partiu para Angola o nosso amigo sr. Sebastião António do Nascimento, Vieira, furiel miliciano e nosso estimado colaborador, de Alentejo.

— Encontra-se em Lisboa em casa de sua família, o nosso assinante sr. Artur da Graça, de Vila Real de Santo António.

— Está a passar algum tempo na casa de seu pai em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Maria da Encarnação da Silva Tenório, acompanhada de suas filhas.

— De visita a sua família está em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Maria da Encarnação Rafael, telefonista do sector internacional dos C. T. T. em Lisboa.

— Regressou de Lisboa, onde passou alguns dias, o nosso assinante sr. Domingos Martins Lopes.

— Esteve em Vila Real de Santo António o sr. Eduardo Indio Rosa Pires Gravitia, filho do nosso assinante sr. Manuel Pires Gravitia.

— Acompanhado de sua família foi passar a quadra festiva a Madrid, o sr. dr. Joaquim Bernardino Mata Artur, nosso assinante em Olhão.

— Regressou de Moçambique, onde se encontrava em serviço militar, o sr. António Domingos Martins Caldeira, filho do nosso assinante em Lisboa, sr. António Gonçalves Caldeira.

— Após uma viagem por Espanha esteve em Vila Real de Santo António e visitou a nossa Redacção o sr. António Feliciano da Ponte Feijó, de Estói.

— Realizou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Irene Teixeira Pires Guerreiro Dias, filha do sr. Manuel Gonçalves Pires, proprietário, e de D. Lourinda Teixeira de Sousa Nunes Pires, com o sr. Joaquim Manuel Guerreiro Dias, estudante de Medicina, filho do sr. Joaquim Dias Faisca, proprietário e D. Maria Martins Guerreiro Dias. Paranimfaram por parte da noiva, o sr. dr. José Ferreira de Castro, de Lisboa, e sua esposa, dr.ª D. Beatriz Aurora Lúcia Teixeira Ferreira de Castro; e por parte do noivo, o sr. dr. Manuel da Silva, de Faro, e sua esposa, dr.ª D. Maria da Conceição Sintra. O casamento realizou-se na igreja paróquia de Nossa Senhora da Graça, na Fortaleza de Sagres. Presidiu ao acto o rev. João Vicente Duarte, de Salir.

Rádio Juventud de Aiamonte

Programas Especiais para o Algarve
212 metros — 1.415 kilociclos
A Emissora amiga que vos fala em português

Um novo salva-vidas em Vila Real de Santo António

Procedente de Paço de Arcos chegou a Vila Real de Santo António o salva-vidas «Patrão Joaquim Lopes», que passa a substituir o «Patrão Rabumba». Trata-se de um barco maior e com melhor equipamento. É seu patrão o sr. José António Baptista, sota-patrão o sr. António Clemente Salas e motorista o sr. José Augusto da Silva Ganga.

Churrasqueira

Telefone 418
MARISCOS
FRANGOS ASSADOS no Espeto e de Churrasco
Vinhos Verdes e Maduros • Cervejas
Rua Cons. Frederico Ramirez, 8
Vila Real de Santo António

Gente nova

Em Vila Real de Trás-os-Montes onde reside, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma menina, a quem foi posto o nome de Luísa Margarida, a sr.ª D. Amélia Almeida Reis Teixeira Folgue, esposa do nosso comprouvino no sr. alferes Raul Socorro Folgue. A neófito é neta paterna do sr. dr. Raul Folgue e de sua esposa sr.ª D. Luísa Socorro Folgue e materna do sr. Jaime Reis Teixeira e de sua esposa sr.ª D. Margarida Almeida Reis Teixeira. Mãe e filha encontram-se bem; o Jornal do Algarve felicita os pais e os avós da recém-nascida.

Doentes

No Hospital de Faro sujeitou-se a uma intervenção cirúrgica aos ovídeos a sr.ª D. Maria do Nascimento Baptista Molano, filha do nosso assinante sr. Marciano Molaninho.

— Encontra-se melhor da doença que o acometeu, o sr. Joaquim António Lino, tendo já regressado do Instituto Português de Oncologia, onde esteve internado.



Mais forte do que o homem!...

Com certeza que os nossos poucos leitores notaram a ausência desta secção no jornal da semana passada. Do facto pedimos imensa desculpa, muito embora a responsabilidade não nos caiba a nós, mas a quem, infelizmente, a força oculta e avassaladora da Natureza.

Conforme terão lido em todos os jornais e ouvido nos noticiários das principais estações de rádio, registou-se um grande abalo do terreno no continente, sendo o Algarve a parte mais atingida e a Fuseta a localidade onde o sismo se fez sentir com maior intensidade.

Relacionada com esse acontecimento de triste memória, a nossa pequena secção, ficou tão emocionada que não chegou nessa semana a ver a luz do dia. E isto porque, sendo escrita do «alto da torre» muito sofreu em consequência do brusco abalo sísmico.

É verdade, estimados leitores. Nesse instante preciso, estávamos nós no nosso poiso simbólico, admirando a paisagem branca e encantadora da Fuseta ajoelhada a nossos pés.

A noite estava estranhamente bela. Na atmosfera plácida respirava-se já a fragância da florida Primavera. Do mar, nas águas duma brisa subtil, subia até nós o sabor acre das ondas, que uma lua brilhante inundava de prata.

Estrelas cintilavam no céu anilado, arrancando reflexos calíferos nas acoites e mirantes da povoação.

Que noite maravilhosa!

Parte da população fora como habitualmente para o cinema. Outra parte já se encontrava recolhida em suas casas. Contudo, muitas eram as pessoas que passeavam pelas ruas, saboreando a amenidade do clima.

Eram dez horas, trinta e um minutos e dez segundos...

Subitamente, um rumor saído das entranhas da terra, pouco perceptível, fez trepidar as casas da linda povoação. Os transeuntes olharam-se estupefactos. O rumor pareceu abrandar, para logo como que obedecendo a uma ordem cíclopica, ressurgir enorme, violento, destruidor.

A terra inteira tremia!

Ouviam-se estalidos horríveis e por entre o pânico que se gerou, mulheres choravam abraçando os filhos ao peito. Os corações bateram com mais violência e os rostos crestados de tantos lobos de mar, ficaram pálidos pela emoção...

Tudo isto, durante só sete ou oito segundos...

Fantástico!

É a nossa torre, que resistira estoicamente a tantos assaltos humanos, a tantos ventos contrários à sua formação, a maus olhados e execrações, fendeu-se a ponto de ameaçar ruína e quedou silenciosa ante a força esmagadora da Natureza; essa força livre e independente, que não está sujeita por nenhuma causa, nem impedida por nenhum obstáculo.

Porém, agora que está a ser novamente construído, o «alto da torre», ficará mais sólido do que nunca para resistir às arremetidas humanas, já que para as desconhecidas não há oposição possível. E pensamos que assim como o nosso poiso habitual, que era todo o nosso orgulho, se fendeu e foi demolido, também os homens que pisam o triste solo deste planeta, se desfarão apesar de serem construídos de porcelana uns, de ferro outros; amassados com argamassa certos deles e moldados com sangue azul, uma pequena porção...

E, como o espectáculo que se nos deparou, não nos foge tão facilmente da memória, vemos quão pobres e miseráveis somos nós sobre a superfície da Terra. Degradamo-nos em cada dia que passa, cuspidos no rosto de cada um, toda a bilis que segrega a alma. Fazemos de motivos frívolos e pueris, casos pasmosos e gigantescos. Rimos e escarnecemos dos humildes e dos fracos, como se fossemos mais fortes que eles, e envidecemos-nos das nossas próprias palavras.

Ah, pobres homens que nós somos! Sempre em guerras estúpidas e cruéis, semeando a dor e a destruição; roubando e saqueando os haveres do semelhante; concentrando exércitos, preparando quadras e esquadrilhas, e fabricando bombas e engenhos de poder maquívlico para químéricas conquistas.

E tudo isto porque e para quê? Para dum momento para outro a um simples golpe da Natureza sermos reduzidos à expressão mais ínfima, a morte!...

Como o homem da actualidade está bem longe de ser aquele que Hordico cantou há séculos.

«Se em pedras desfeito está o mundo, / sob sua ruína impávido perece!...»

JOAO DE DEUS

LOTAS DO ALGARVE

de 19 a 24 de Março

Portimão	
TRINEIRAS:	
Sol	59.000\$00
Estrela de Maio	51.830\$00
Lestia	51.050\$00
Novo S. Luís	49.400\$00
Lena	46.800\$00
Palmeta	43.380\$00
Maria do Pilar	44.850\$00
Pérola Barlavento	42.380\$00
Farihão	42.090\$00
Trio	39.400\$00
Arrifana	39.000\$00
Oca	37.470\$00
Praia Morena	35.590\$00
Pérola do Arade	34.800\$00
Mirita	33.360\$00
Anjo da Guarda	26.650\$00
Belmonte	23.200\$00
Donzela	20.200\$00
Sagres	9.900\$00
Maribela	9.700\$00
Lola	1.320\$00
Total	742.440\$00

de 12 a 25 de Março

Quarteira

de 19 a 25 de Março

Lagos	
TRINEIRAS:	
Baía de Lagos	73.260\$00
Sagres	42.810\$00
Virgem de Gui	32.030\$00
Donzela	27.180\$00
Milita	16.150\$00
Palmeta	14.000\$00
Brisamar	14.140\$00
Sol	10.900\$00
Pérola do Arade	6.700\$00
Farihão	6.230\$00
Pérola do Barlavento	2.900\$00
Trio	2.300\$00
Lestia	2.100\$00
Sol	3.450\$00
Nossa Sr.ª da Pompela	1.650\$00
Arrifana	1.650\$00
Total	257.830\$00

Clinica Cirúrgica de Loulé (CASA DE SAÚDE)

Av. José da Costa Mealha
Telef. 380 LOULÉ
DIRECTOR CLÍNICO:
Dr. Manuel Soares Cabeçadas
Cirurgia Geral
Dr. Diamantino D. Baltazar
Cirurgia dos Rins e Vias Urinárias
Consultas: 1.º Sábado de cada mês
LISBOA: Telefones { Consultório 736209
Residência 935257

Dr. Armando Granadeiro
Ouvidos, Nariz e Garganta
Consultas: 1.º Sábado de cada mês
LISBOA: Telefones { Consultório 323156
Residência 684579

Vila Real de Santo António

Café em frente ao cais de embarque para Espanha e Caminho de Ferro. Único neste local. O melhor local e de maior futuro turístico para esplanada. Trespassa-se urgente por motivo de saúde.
Respostas à Av. da República, 120 — Vila Real de Santo António.

Para os seus presentes, não tenha problemas!...



O melhor fabrico e apresentação, só na CASA DOS DOCES REGIONAIS Amélia Taquelim Gonçalves, de LAGOS. Agora nas suas NOVAS INSTALAÇÕES da Rua da Porta de Portugal, N.º 27
Telefone 82
AUTÊNTICAS ESPECIALIDADES EM:
Bolos de «Dom Rodrigo» e Doces Artísticos
Uma verdadeira tentação!...
REMESSAS À COBRANÇA PARA TODO O PAÍS
Não deixe V. Ex.ª de visitar esta Casa!

AGENDA DO CONTRIBUINTE

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL — Os contribuintes do grupo A, que não possuam instalações comerciais ou industriais ou representação permanente fora do continente ou ilhas adjacentes, apresentarão, durante o mês de Abril, o na repartição de finanças do concelho onde tiverem a sua sede, uma declaração modelo 2, em triplicado. Até ao dia 15 de Abril, os contribuintes do grupo B apresentarão, na repartição de finanças do concelho da situação do estabelecimento principal ou sede, conforme se trate de pessoa singular ou colectiva, uma declaração modelo 3, em duplicado, relativamente ao conjunto de todas as actividades exercidas. Na falta de estabelecimento, a declaração será apresentada na repartição de finanças do concelho em que o contribuinte tiver o seu domicílio.

Em cada um dos concelhos onde possuir qualquer instalação ou outra forma de representação permanente, apresentarão, também, declaração modelo 3, em triplicado, mas somente em relação às actividades aí exercidas.

IMPOSTO PROFSSIONAL — De 1 a 15 de Abril estará patente, aos contribuintes de cada classe, na repartição de finanças do concelho da residência, o apuramento do rendimento colectável.

Dentro do mesmo prazo poderão os contribuintes reclamar da fixação da matéria colectável.

IMPOSTO SOBRE A INDÚSTRIA AGRÍCOLA — Todas as pessoas que tenham estabelecido explorações agrícolas, silvícolas ou pecuárias, cujos rendimentos colectáveis totalizem mais de 25.000\$00 (ou sendo inferior a esta importância contudo produzam lucros que excedam 30.000\$00) deverão, relativamente ao ano anterior, de cada ano, e, na repartição de finanças do concelho onde o declarante tenha a sede ou o centro administrativo, uma declaração do modelo aprovado com a identificação dos prédios e indicação, relativamente ao ano anterior, do regime da exploração, renda paga ou quotas da parceria, equipamento móvel ou fixo, discriminação de todo o gado, incluindo o de trabalho, o rendimento bruto, as despesas e o lucro da exploração.

IMPOSTO DE CAPITAIS — Durante o mês de Abril estará à cobrança, na Tesouraria da Fazenda Pública, o imposto de capitais — secção A.

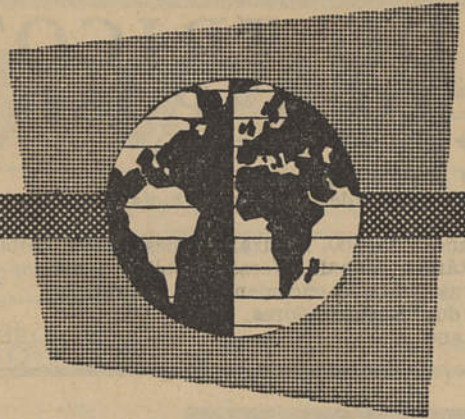
Vício de fumar

Quer perder este vício? Use o ANTI-FUMANTE ABADIAS e no prazo máximo de 15 dias, deixará de fumar. Êxito absoluto. Envie 30\$00 em selos de 1\$00 ou vale postal e este anúncio a ABADIAS, Trav. de Santa Teresa, 18-1.º, LISBOA-2, e receberá o produto na volta do correio.

A Tuna Académica de Coimbra actuará em Faro e Portimão

Na quinta-feira, actuará no Cinema Santo António em Faro, a Tuna Académica da Universidade de Coimbra, sob a regência do eng. Alves Ferreira. A comissão de recepção aos estudantes de Coimbra é constituída pelos seus antigos colegas de Coimbra drs. Arnaldo Vilhena, Fausto Pinheiro, José Coroa e Emilio Coroa, esperando-se que todos os antigos estudantes daquela Universidade deem a sua colaboração no sentido de ser possível a promoção de ambiente de carinho e simpatia com que as embaixadas académicas costumam ser tradicionalmente recebidas. O nível artístico da Tuna Académica da Universidade de Coimbra é sobejamente conhecido através das suas múltiplas actuações e o público vai ter o ensejo de assistir a um espectáculo de real valia. Os estudantes repetem a sua actuação no dia seguinte em Portimão.

PANORÂMICA



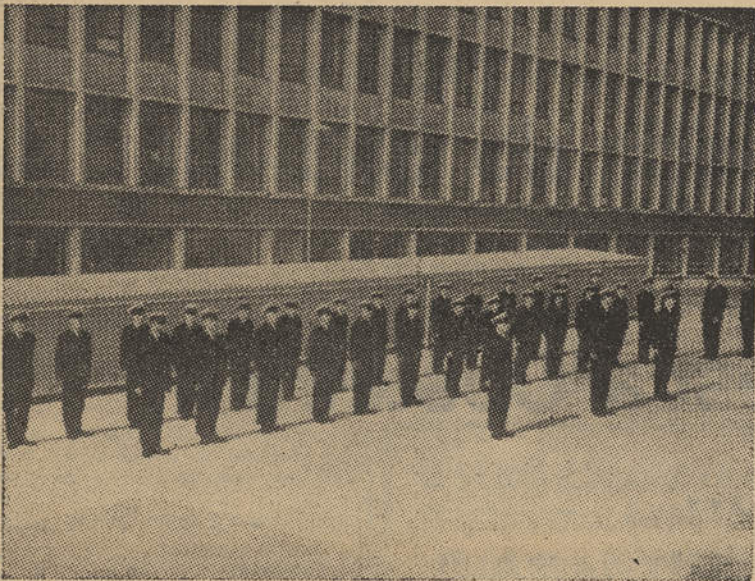
COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

TREINO PARA O MAR

Trinta e cinco rapazes matricularam-se no Outono na Escola de Navegação de Plymouth para começar um curso de treino de seis meses como praticantes da Shell Tankers Ltd. Estes rapazes participarão num método singular de treino criado por aquela Companhia, de acordo com a Escola, destinado a preparar os jovens pilotos para as modernas condições do mar, numa altura em que os navios-tanques se estão a

aprendeu durante o curso em terra.

Depois, regressa a Plymouth para mais seis meses de estudo em terra. Além de abranger o programa total para o seu primeiro exame profissional, é prestada grande atenção, durante a instrução em terra, a estudos de cultura geral e ao desenvolvimento da iniciativa. Finalmente volta ao mar durante cerca de um ano, desempenhando as funções de oficial



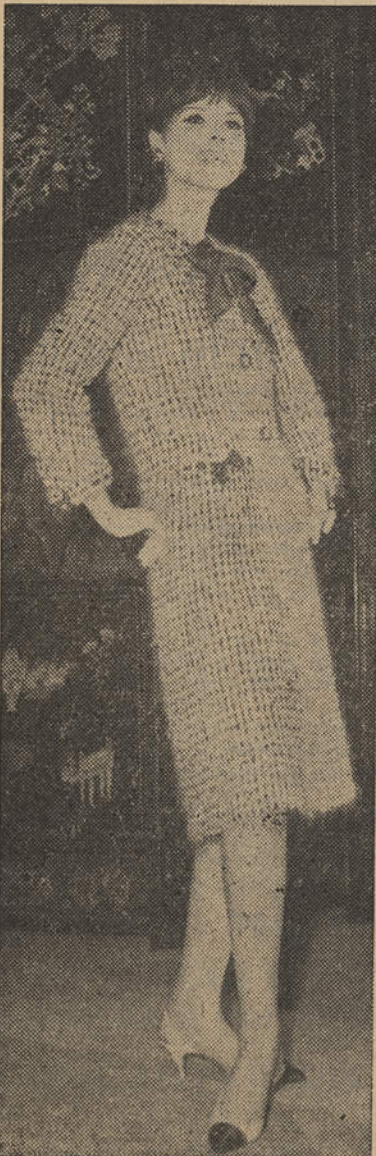
Uma formatura na Escola de Navegação de Plymouth.

tornar cada vez maiores e mais complexos.

O plano foi elogiado por um jornal dedicado à Marinha Mercante com «o maior progresso em adestramento em náutica dos últimos cem anos». Durante os primeiros seis meses, o praticante vive e estuda em terra, após o que vai para o mar durante cerca de quinze meses, pondo em prática a arte de navegar que

de convés. Os estudos continuam, no mar, através de cursos por correspondência.

O treino dos praticantes de convés nestas bases começou numa forma limitada em 1960; somente há um ano é que se iniciou o curso de «quatro fases». O facto dos pedidos recebidos pela Shell Tankers, Ltd. terem excedido em muito o número de lugares de praticantes, demonstra que este plano de adestramento é considerado o melhor que existe.



Original «redingote», modelo de «Coco» Chanel

SERVINDO A LAVOURA

Alterações que intervêm na conservação de legumes desidratados

pelo eng. agr. F. Mercês de Mello

(Do Boletim Agrícola, publicação mensal da Shell Portuguesa)

Os legumes desidratados sofrem durante a sua conservação alterações devidas a reacções químicas variáveis ou a reacções enzimáticas, que muito importam conhecer o grande interesse que a desidratação tem vindo a conquistar, como mais um processo tecnológico de conservação de alimentos.

Resumidamente podemos enumerar tais reacções do seguinte modo:

- 1 — Alterações de textura; 2 — Oxidação das gorduras; 3 — Oxidação do caroteno (pró-vitamina A); 4 — Oxidação do ácido ascórbico (Vitamina C); 5 — Reacções de Maillard; 6 — Reacções enzimáticas.

As reacções que influenciam o gosto e a textura dos alimentos desidratados são ainda bastante desconhecidos.

Na oxidação das gorduras temos a considerar uma auto-oxidação, influenciada pela luz, humidade e temperatura, e uma oxidação enzimática, qualquer delas importante, dado que os legumes contêm bastantes matérias gordas e a sua rancidez provoca o aparecimento de maus gostos que se comunicam a todo o produto e o tornam impróprio para consumo.

Em relação às matérias carotenóides pode ocorrer a auto-oxidação do caroteno ou mesmo a sua oxidação, catalizada por um enzima, também da maior importância pelas perdas que ocasionam neste princípio alimentar.

As reacções não enzimáticas de escurecimento dos alimentos desidratados têm sido objecto de variados estudos. Este escurecimento é acompanhado da presença de certos gostos que tornam o produto indesejável, a par de uma perda do valor nutritivo.

É grande a influência da humidade e da temperatura sobre as perdas em ácido ascórbico. Em geral os legumes desidratados têm uma qualidade comparável, em cor e sabor, aos legumes frescos. Contudo se o teor em água não foi reduzido a um valor conveniente, as perdas graduais em características organolépticas e em vitaminas podem sobrevir durante a conservação, observando-se um escurecimento nos produtos com aparecimento simultâneo de gostos estranhos.

As cebolas, couves, cenouras e as batatas desidratadas são muito rapidamente alteradas na sua conservação. Assim, a uma temperatura próxima de 22° C. a conservação pode alcançar períodos de 6 a 9 meses. Se é da ordem dos 30° C as perdas em ácido ascórbico são já extremamente rápidas; mas

se se fizer em atmosfera de gás inerte e com refrigeração, o período de conservação sem perdas é infinitamente mais longo.

O alimento desidratado conserva-se tanto melhor quanto menor é o seu teor em água.

A interacção entre substâncias glucídicas, aminas e aminoácidos, é muito importante na natureza. Estas reacções, vulgarmente chamadas reacções de Maillard, ou reacções de escurecimento não enzimático, implicam no produto o aparecimento de gostos e cores que o tornam inutilizáveis após um período de conservação prolongado.

As reacções enzimáticas propriamente ditas são em especial geradoras de maus gostos, devido aos aldeídos, cetonas e álcool etílico, dando igualmente origem a escurecimento. Os enzimas que intervêm no processo são principalmente catalases e peroxidases. As peroxidases dos diferentes vegetais não têm todas as mesmas temperatura de inactivação; o feijão e a couve, por exemplo, têm uma peroxidase extremamente resistente.

Estas considerações mostram-nos que para se ter um produto desidratado apto a conservar-se facilmente, devemos cuidar muito particularmente da operação do «blanchiment», efectuando-a nas condições tecnológicas tidas como óptimas.



Os tradicionais esgrimistas japoneses cruzam armas, num cenário moderno constituído pelos depósitos da Shell em Kobe (Japão)

«FLASHES» NO MUNDO

Uma cabra num filme

Uma cabra de nome «Biguette» vai trabalhar com Marie-Blanche Vergnes num filme que tem por título precisamente «A Cabra». Intérprete masculino: Alain Quercy, filho do antigo ministro Christian Pineau.

Sami Frey volta à tela

O actor Sami Frey, que nunca mais filmara desde «La Verité» ao lado da B. B. vai retomar a sua actividade cinematográfica num filme dirigido por Vadim. Trabalhará com Marina Vlady.

Anthony Perkins fixa-se em Paris

Anthony Perkins decidiu fixar-se em Paris. Para isso comprou uma casa nos arredores da capital francesa. O artista deve ser o intérprete principal de um próximo filme de Louis Malle.

Dez milhões de discos de «Nunca aos domingos»

O disco «Nunca aos domingos» extraído do filme do mesmo nome, já rendeu 10 milhões de unidades.

Dilúvio de génios

Segundo as estatísticas americanas, há 39.714 génios nas escolas primárias de Nova Iorque.

A ingratidão de Anita Ekberg

O actor Anthony Steel, ameaçado de falência por dívidas e impostos em atraso, declarou: «Quando me casei com Anita Ekberg era alguém e ela não era nada. Agora a situação inverteu-se. Apelei para ela, em nome da ajuda que lhe dei. Anita desligou o telefone com uma palavra: «arranje-se!».

As Nações Unidas traduzidas num filme

O realizador Christian Jacque, que está a filmar em Espanha «Madame Sans Gêne», contratou um elenco composto de seis espanhóis, vinte e cinco italianos (incluindo Sophia Loren), quatro alemães, catorze franceses, cinco húngaros, um inglês, um turco e um holandês. E ainda deu um papel a um turista sueco que ficara sem dinheiro para pagar a conta do hotel.

Conversa de moscas

Duas moscas passeiam sobre o crânio, perfeitamente calvo, de um cavaleiro. De repente a mais velha exclama: «Como o tempo passa! Ainda não há muito havia aqui apenas um estreito atalho...»

O detective africano

O «Dakar Matin» está a publicar um folhetim com o seguinte título: «Aventuras de Konan N° Doye, detective africano».

Pela primeira vez se realizou uma conferência debaixo de água

A primeira Conferência de Imprensa submarina realizou-se, há dias, nos conhecidos armazéns «Au Bon Marché», de Paris. Os convidados não tiveram que levar impermeável, pois só o conferencista, Louis Lourmais, esteve mergulhado numa piscina com 25 mil litros de água. Por meio de um microfone anunciou a assistência o seu desejo de efectuar uma experiência de sobrevivência na água e fez várias considerações. Esta tentativa constituirá como que o prelúdio de uma expedição ao Alasca, onde Lourmais submergirá na «banquise» de gelo, a fim de fazer o inventário da fauna local.

JORNAL DO ALGARVE

Vende-se em Lisboa na Tabacaria Mónaco — Rossio

ANEDOTAS

Num estúdio filma-se uma cena importante. O realizador explica à jovem «vedeta» o que ela tem de fazer.

— Veja bem: o leão persegue-a sem qualquer possibilidade de a alcançar, pois que há uma distância de duzentos metros entre você e a fera...

A «vedeta» olha para o realizador e depois para o leão — que o domador segura — e novamente para o realizador.

— Duzentos metros? — interroga visivelmente incrédula.

— Sim, duzentos metros, repete o realizador, aborrecidíssimo. Mas qual é a sua dúvida? Não está claro?

— Para mim está. Mas para o leão?

Dois «bau-baus», muito «nouvelle vague», conversam em Paris, saboreando um «whisky». A dado momento, um deles dá sinais de completa incredulidade perante certas palavras do seu interlocutor.

— Essa não! — exclama — Por quem me tomas? Queres-me então convencer de que passaste uma noite inteira numa «boite» com

uma pequena e só gastaram dois mil francos?

— Puêra! Era tudo quanto ela tinha na carteira!

Apercebendo um batiscafo, um peixinho chama, apressadamente, os amigos:

— Venham ver! Um aquário para homens!

Dois loucos viajam num autocarro lado a lado. De repente um deles pergunta:

— Perdão. Poderia dizer-me...

O interpelado tira o isqueiro do bolso, contempla-o durante um segundo e responde:

— Quarta-feira.

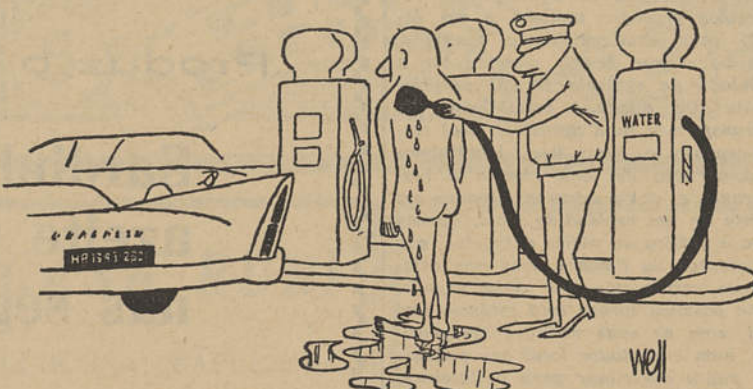
— Obrigado. Tenho de sair aqui.

Um inspector de saúde visita um manicómio. De repente, vê um doente que arrasta um carrinho de mão puzando pela roda.

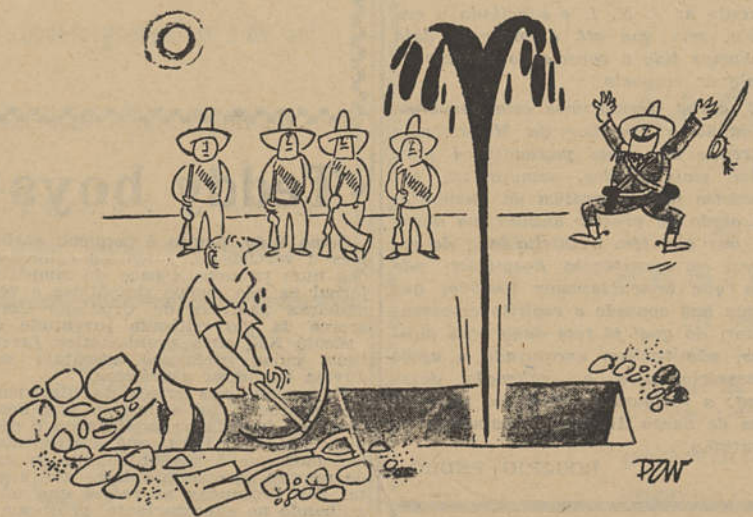
— Porque leva o carrinho dessa maneira?

— Ora essa! No outro dia peguei pelos varais e logo lhe meteram tijolos dentro. E eu não sou maluco...

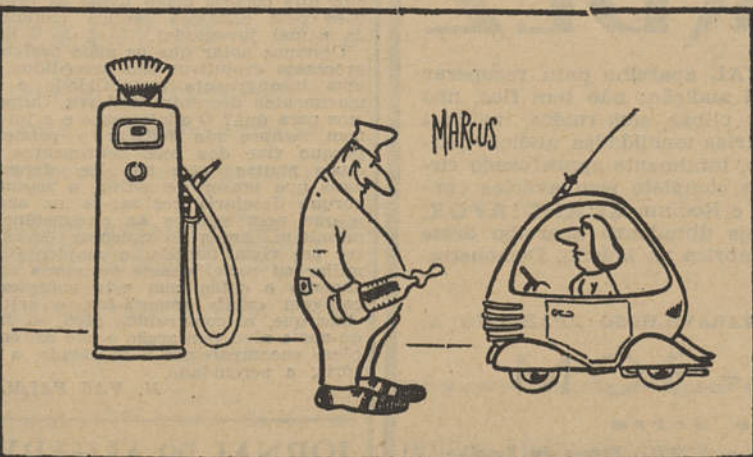
BOM HUMOR



Sem palavras



Sem palavras



A dose apropriada

FIOS DE TRICOT A. NETO RAPOSO (FABRICANTE)

Venda directa ao público a preço de fábrica.
Grande sortido em qualidades, nas cores mais modernas, aos
maiores preços!...
Escocesa e Shetland a 150\$00, Austrália, Bossa Nova, Robilon,
Perlapont, Brillan, Ráfias, Mohair, Jersey Robilon a metro, etc.
Enviamos amostras grátis e encomendas à cobrança.
Praça dos Restauradores, 13-1.º Dt.º
Frente ao Metropolitano LISBOA

ESPAÇO DE TAVIRA

A modernização do Balneário da Fontinha

TAVIRA, uma das mais antigas cidades algarvias e para quem auguramos um futuro radioso como zona turística a contar como importante balneario na Operação Algarve-Turismo, tem vivido sempre num inexplicável marasmo. Há pouco ouvimos uma abalizada opinião em matéria de turismo que nos dá a do grande valor que esta nossa cidade representava para o almejado desenvolvimento turístico algarvio.

Sendo quase uma cidade museu, merecedora da conservação do seu património artístico, do seu urbanismo e da traça das suas construções, aliado à boa e alegre disposição dos seus recantos ajardinados, a Veneza algarvia reúne condições como poucas outras terras.

Não conhecemos qualquer plano oficial, agora o da construção do hotel e da desafectação da ilha com a respectiva construção da ponte, sobre que nos possamos debruçar para uma melhor análise de tão importante problema. Contudo, chegou até nós a novidade de que, como subsídio para o programa do desenvolvimento turístico tavrino, estavam projectadas obras no Balneário da Fontinha, obras essas que pretendiam transformar aquela estância de banhos, numa estância termal actualizada, e, bem assim, dotar a cidade com um melhoramento de grande vulto.

Desta forma, não quisemos deixar de ouvir o provedor da Misericórdia, proprietária daquele Balneário, para nos certificarmos do que de concreto havia sobre o assunto.

O sr. José Emídio Fernandes Sotero, que desde há 5 anos assumiu a direcção daquela instituição de beneficência e que tem realizado valiosa obra, quer directamente na assistência hospitalar, quer ainda como principal organizador das Festas da Misericórdia que tão grande projecção têm tido e que muito têm contribuído para o bom nome de Tavira, disse-nos:

— A vida financeira da Misericórdia não é desajogada, em face dos seus pequenos rendimentos e do muito que se exige hoje, em assistência hospitalar. Dado isto, a Misericórdia procura arranjar proventos que lhe proporcionem um maior desajogo financeiro e dessa forma, arquitectar um plano que, subsidiariamente, viesse também valorizar a cidade.

«Neste plano ocupa lugar de relevo o Balneário da Fontinha, o qual data de longa época, pois as primeiras análises conhecidas são de 1767, embora a sua utilização seja muito anterior.

«O real valor terapêutico das suas águas está comprovado através de séculos de utilização e, das análises realizadas, entre elas, as recentes de Charles Lepierre e prof. Herculano de Carvalho e pelo estudo realizado pelo distinto hidrologista dr. Ascensão Contreiras.

Lamentando que, em face das reconhecidas qualidades terapêuticas das suas águas — reumatismo, pele, diabetes, etc. — e que, pela sua muita procura, ainda não se tivessem verificado condições condignas a uma obra que melhor devia ser cuidada, quer sob o aspecto de conforto para quem a utiliza (e só o faz porque a isso é obrigado, quando sem tal imperativo o poderia fazer, até como medida profilática) é-nos observado que:

— Em face das instalações, actualmente, obsoletas, a Misericórdia resolveu procurar proceder a uma renovação geral, quer sob o aspecto de comodidade, quer sob o aspecto técnico da sua utilização.

«A captação de águas, que é, sem dúvida, o mais importante foi entregue aos cuidados de dois técnicos que, num espaço de quatro anos ainda não concluíram os seus trabalhos, o que é de lamentar, visto a natureza do assunto em questão ser de primordial importância. Tanto mais que se trata de uma província em que as estâncias termais não abundam e que as poucas existentes melhor deviam ser amparadas».

Com bastante calor assistimos à defesa deste património da Misericórdia de Tavira, que, além da valorização que representa para a cidade, pode ser um importante contributo para o desenvolvimento turístico tavrino e também para a Operação Algarve-Turismo, pois ainda não há muito tempo acompanhámos vários turistas ingleses que se utilizaram daquelas águas e tivemos que lamentar as difíceis instalações, sem um mínimo de conforto, motivo que mais nos apressou a ouvir o provedor da Misericórdia, que nos informa:

— Quanto a projectos para transformar esta velha casa de banhos, de aspecto verdadeiramente anacrónico e resumida a oito simples banheiras, as quais não podem funcionar simultaneamente e sucessivamente em face do antiquíssimo sistema de aquecimento, resolvemos proceder também a um estudo para uma edificação condigna, que ao mesmo tempo pudesse ter a utilidade de estância termal própria, aliada à possibilidade de a transformar num agradável local termal-reposo e, para isso, idealizámos a construção de uma piscina e restaurante e, como estamos situados em frente de um esplêndido local, ótimo para a prática de vários desportos, que é pertença da Câmara, mas que estamos certos não nos seria negado, seria possível tornar esta estância termal, com as suas virtudes terapêuticas, num encantador local que pudesse em muito contribuir para o desenvolvimento da Operação Algarve-Turismo.

«De todos estes planos, ou de parte deles, já desde Outubro foi dado conhecimento ao S. N. I. e solicitado o seu apoio, sem que até à presente data tenhamos tido a consolação de receber qualquer resposta.

E, assim, terminamos esta conversa, deixando o provedor da Misericórdia entregue aos seus pensamentos para obter mais fundos, sempre tão necessários para a prática da humanitária acção de prestar auxílio, na doença, aos que têm a infelicidade de recorrer à assistência hospitalar, não sem que lamentássemos também que a sua boa vontade e espírito empreendedor, do qual já tem dado boas mostras, não tenham encontrado o apoio necessário para a realização dessa obra: a restauração condigna das termas de Santo António — balneário da Fontinha.

ROGERIO PEDRO

EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, LIMITADA

Praça Luís Cipriano, 10 — AVEIRO

Telefones 23111/2/3

Endereço Telegráfico «SALGUEIROS»

PESCA

DO BACALHAU

DO ATUM

DO ARRASTO COSTEIRO

Instalações de Secagem e Conservação de Bacalhau na Gafanha (Aveiro)
Produtores de Óleo de Fígados de Bacalhau, tipo Medicinal

FROTA

6 Arrastões da Pesca do Bacalhau

2 Atuneiros

4 Arrastões da Pesca Costeira

A sua fábrica de conservas, em Agadir — Marrocos, a

Société Cherifienne des Entreprises de Pêche Aveiro-Maroc

Rue Appert

Produz o seguinte:

Sardinha — Cavala — Atum (White Meat), em azeite puro de oliveira e óleo de amendoim, nas seguintes marcas registadas:

“Liberator” - “Delmónaco” - “Limão” - “Aveiro”



FAMOSAS TINTAS PARA TINGIR EM CASA

Depos. Geral: CASA ARTI, LDA.
Avenida Manuel da Maia, 19-A
Telefone 49312
— LISBOA —

SURDEZ

SENSACIONAL aparelho para recuperar uma confortável audição: não tem fios, não tem consumo de pilhas, sem ruídos, invisível nas senhoras, várias tonalidades, audição perfeita ao telefone, totalmente aparafusado circuito electrónico completo sem avarias contactos em Ouro e Rodium SCANDIAVOX, o melhor e mais duradouro aparelho deste género que se fabrica no Mundo. Demonstrações e trocas.

PEÇA CATALOGO GRATIS DESTA MARAVILHOSA APARELHO A:

MICRO-SOM

FARO: Casa Serra
LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º, Esq. — PORTO: Praça da Batalha, 3

«Teddy boys»

Como tudo quanto é pequeno e simples é verdadeiro, surgiram condensadas num pequeno espaço do simpático jornal as não menos simpáticas e verdadeiras palavras de Cristiano Cerol acerca da tão criticada juventude do século XX, uma problemática juventude, cujas premissas assentam sem dúvida em bases neuróticas.

Reparemos nas crises de histerismo que provocam as actuações dos Beatles, (os freudianos explicarão o caso pela libido). Para que criticarmos? Sabemos que à juventude que progride sempre se opõe a velhice que vegeta. São profundas as raízes que mergulhando no subconsciente, provocam o antagonismo entre os dois pólos opostos da nossa vida, que no cosmos são o ante e o após da evolução do espírito que começa com todas as evoluções pela condição caótica (condição da actual juventude).

Devemos notar que os mais perfeitos processos evolutivos são precedidos de uma incongruente instabilidade e de movimentos descentralizadores. Culpamos para quê? O adolescente e o jovem nem sempre são felizes: o primeiro porque vive dos seus sentimentos os quais muitas vezes não lhe oferecem mais que prazer de sofrer, o segundo porque desejaria realizar-se na acção o que nem sempre as circunstâncias permitem. Antes de censurar devemos ter em vista também o ambiente familiar ou social desses perigosos «selvagens» e então com mão enérgica e coragem «viril» ampará-los, e gritar-lhes que, só construindo algo, só dando-nos a algo «em acção» e não em emoções encontraremos a felicidade, a vitória, a serenidade.

M. VAZ PALMA

JORNAL DO ALGARVE
lê-se em todo o Algarve.



Farmácia CARMO

DEPÓSITO DE PRODUTOS QUÍMICOS
E ESPECIALIDADES FARMACÉUTICAS

JOSÉ GRACILIANO VIEIRA CARMO
Telefone 31 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

José de Aragão Barros

ESCRITÓRIO — Avenida da República, 86-88
ARMAZÉNS — Rua do Caminho de Ferro, 24-26

Telefone 66 P. B. X. (4 linhas)

Telegramas: JOSÉ BARROS

OLHÃO

Todos os Materiais para as

Indústrias de Pesca e Conservas
Conservas de Peixe em Azeite e Salmoura

Um belo sonho

Um dia triste o d'hoje para mim
Pois não tive a ventura de te ver,
Porque será amor, que sendo assim
Eu sinto mais a ansia de viver!

Viver para te amar e neste anseio
Meu coração que sofre e se tortura,
Vive d'um belo sonho o doce enleio
Um misto de saudade e de ternura.

Ternura que te dou e chega a ser
A única razão do meu viver
Por vezes tão triste e sem calor,

Não me roubes a ventura apeteida
Deixa-me sonhar e bem-dizer a vida
Que me fez conhecer o teu amor!

MARIA DA CONCEIÇÃO DOMINGUES

Seddon Furgoneta

c/ motor PERKINS P3, carga
ligeira, vende em bom estado

LUCILIO MATOS TOUPA

Rua do Alvíto, 33

LISBOA

TELEFONE 627024

Sociedade de Representações Industriais SOTALGARVE, Lda.

Fabricantes de Filetes de Anchovas em Azeite

ALCAPARRAS

e restantes materiais para a indústria de Conservas de Peixe

Vila Real de Santo António

Loulé... em retrato

TEMOS ouvido criticar, com certo sabor irónico, que os últimos retratos não têm a vivacidade nem o sentido mordaz, que, anteriormente, tinham.

desvia a objectiva e a fotografia sai, pelo menos, desfocada.

Muitas vezes sucede também que a fotografia, tirada de um certo ângulo de observação, é classificada de destrutiva ou tendenciosa. Mas, daí a dias, tirada, exactamente, do mesmo lugar e do mesmo ângulo, já é construtiva por ter sido tirada por outro fotógrafo.

REPORTER X

Estabelecimento em Castro Marim

Por motivo do falecimento do seu proprietário arrendam-se os estabelecimentos de Merceria por grosso e a retalho.

Trata a viúva de António Costa Esteves, em Castro Marim.

Estabelecimentos IMPÉRIO

PARA BEM SERVIR

DIAMANTINO M. BALTARZAR

Revendedor da Tabacaria, C. Portuguesa de Tabacos, Soc. C. de Cervejas, Mobil Oil Portuguesa, Soc. Nacional de Fósforos e Depositário do «Gás Mobil»

Telef. 165 — (Sede) Est. Fazendas, Calçado, Mercerias e Tabacos
Telef. 45 — Est. Mercerias, Louças e Vidros
Telef. 186 — Pastelaria e Confeitaria
Telef. 120 — Instalações, Gasóleo e Óleos

Telef. 278 — Merceria e Pastelaria na Praia de Monte Gordo

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Papelaria Lusitana

ARTIGOS DE ESCRITÓRIO E REGIONAIS

BRINQUEDOS

BIJOUTERIAS

ARTIGOS DE PRAIA

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Festividade dos Passos EM ALGOZ

ALGOZ — Tiveram grande brilhantismo as cerimónias que se efectuaram nesta localidade. Foi elevada a assistência que encheu a igreja e acompanhou com grande devoção religiosa, não só a procissão, como todos os actos realizados.

Os sermões proferidos por monsenhor Parda, cônego da Sé de Faro, caíram bem em todos os que sempre atentamente escutaram a sua palavra.

A procissão seguiu o itinerário habitual, e à vara do pálio pegaram os cavalheiros especialmente convidados.

A Hilarmonia de Silves acompanhou a procissão, tocando em todo o percurso as músicas adequadas às solenidades.

A comissão está satisfeita pela assistência que nos dizem desde há muitos anos não se registava. O párcio que há pouco vem dirigindo a paróquia teve ensejo de verificar que a população esteve presente.

DESPORTOS — Reina entre os desportistas locais grande regozijo pela vinda do Sport Lisboa e Saudade a Messines. É motivo para perguntar aos responsáveis pelo desporto local e autoridades porque não conjugam esforços em conseguir-se terreno para um campo. Saudosos tempos em que esta localidade era fértil em boas contadas e tudo se conseguia. Aparentamos o campeonato popular de futebol do Algarve em que o Sport Algoz e Benfica tão brilhantemente conquistou, e não foi o de Portugal, porque uma arbitragem declaradamente parcial ditou a nossa derrota, em favor de outro finalista.

Ainda a presença no nosso antigo campo dos internacionais do Benfica, Francisco Ferreira, Espírito Santo e Baptista, fizeram despertar o anseio à maior grandiosidade do clube.

É por que razão não encaram com mais vontade a que voltem as tardes de tanta valia para o desporto local?

Mãos à obra, que de novo eles apareçam e da sua valiosa colaboração.

Como nos encontramos não pode ser. Exige o passado, presença de espírito para que a mocidade, encare seriamente o seu problema desportivo. Que atendam os que podem em favor desta rapaziada, merecedora. — C.

notícias do CONDE BARÃO

Toda a correspondência deve ser dirigida aos Armazéns do Conde Barão, Largo do Conde Barão, 42 - Lisboa-2

SORTEIO PARA TODOS

Perguntas e Respostas - 13

Escreva num postal (só aceitamos em postal) as respostas às perguntas que abaixo fazemos, indique o seu nome e morada, com clareza, remeta-o até ao próximo dia 11 e ficará habilitado aos seguintes prémios:

- 1.º - Compras neste Armazém no valor de 150\$00.
2.º e 3.º - Compras no valor de 75\$00, a cada.
4.º a 7.º - Compras no valor de 50\$00, a cada.
8.º a 13.º - Compras no valor de 30\$00, a cada.

Eis as perguntas:
1.º - A que preço estamos vendendo os tapetes avulados?
2.º - A sede dos A. C. B. sita no Largo do Conde Barão, costura para uma outra rua. Indique o nome dessa rua.

Os premiados terão o seu nome publicado nesta secção, como acontece com os PREMIADOS DO SORTEIO N.º 10 - Com uma vale que dá direito a compras no valor de 150\$00, Maria de Lourdes Bravo, Rua do Molinho, 29, Ferragudo; com vale de 75\$00 a cada, Jorge Guerra Ferreira, Camarate e Maria Teresa Bravo Seixas, Igreja Nova, Aljezur; com um vale de 50\$00 cada, Célia Maria Bravo Cabrita, Rua do Molinho, 36, Ferragudo; Maria Margarida Ferreira dos Santos, Rua Pedro José de Ornelas, Entrada particular, Vila Augusta, rés-do-chão, Funchal; Alice Ramos Simões Dias, Cabeço de Marçó, Madeira; Balbina Cruz Ascensão, Rua Nova do Souto, 53, Tortosendo; com um vale de 30\$00 cada, Rogério Sena Seixas, Aljezur; Helena Maria Serra Seixas, Igreja Nova, Aljezur; Maria Otília Cruz Ascensão, Rua Nova do Souto, 53, Tortosendo; Sílvia Maria Ferreira dos Santos, Funchal; Maria Leopoldina Bravo Cabrita, R. Molinho, 36, Ferragudo e Sílvia Zélia, Rua da Levada, 79-A, Funchal.

As respostas certas são: Para o Jornal do Algarve: 70 semanas; para o «Jornal do Fundão» e «Diá-

RECORTE O SEU VALE

Recorte o seu vale, faça as suas compras por escrito (ou pessoalmente) e envie-o para lhe ser descontado em artigos que adquira num mínimo de 100\$00; se tiver dois vales, poderão ser descontados num mínimo de 200\$00 de compras; três vales, 300\$00, etc.

Se o não quiser aproveitar agora, poderá guardá-lo para outra oportunidade, pois terá validade até 31 de Dezembro de 1964.

5 armazéns do CONDE BARÃO CINCO ESCUDOS 5

O NOSSO CORREIO



Novo Catálogo - Só em me e a d o s d e Abril será lançado o novo precário dos artigos que os A. C. B. venderão na nova época.

mitirá incluir muitos artigos que ainda estamos a receber.

Preços de Aramzém - Não será de mais confirmar e informar de que todos os nossos artigos, são sempre vendidos a Preços de Aramzém, portanto, sempre mais baratos do que nas lojas e até mesmo em outros Armazéns.

Secção de Amostras - São atendidos todos os pedidos de amostras dos nossos artigos, sem qualquer compromisso. Presentemente estão a ser atendidos com dois dias de demora, em virtude de o volume de pedidos ter aumentado em vista à nova época. Mas todos serão atendidos e como sempre receberão um Saco Plástico, útil para as compras do mercado e ainda um dos célebres vales descontáveis em compras iguais ou superiores a 100\$00.

SAIAS PLISSADAS

O sucesso de sempre, a moda actual de todos os anos, novamente nas famosas SAIAS PLISSADAS, que os A. C. B. vendem a preços sem concorrência!

Em Polyester, absolutamente garantido, plissagem indissipável, todas as cores claras, tanto lisas como de fantasias ou xadrezes, 55\$00.

As mesmas saias, em cores escuras e preto, apenas por 110\$00.

Em Terylene, autêntico Terylene, garantidas por cinco anos, todas as cores lisas ou mescladas, só 145\$00.

Indique a sua medida de cinta, a altura e a largura de anca quando estiver compradora duma destas saias. Se desejar para criança, basta indicar a altura e a cinta; pode saber preço antes de comprar; escreva com essas indicações e receberá a resposta na volta do correio.

Pijamas para Verão



Em óptimo artigo de fantasia, cores lisas, só 59\$00



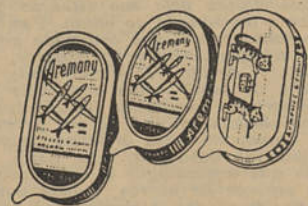
CASA RUBI

LIVRARIA - PAPELARIA ÓPTICA MÉDICA

Óculos graduados e de sol

Execução rápida e perfeita

LENTE E AROS das melhores marcas



FILETES DE ANCHOVAS

AREMANY-OS GATOS

satisfaz gostosamente o mais exigente paladar

COM AS SUAS MARCAS REGISTRADAS

Arménio Cardoso & Filhos, L. da

FÁBRICA DE CONSERVAS

IMPORT. E EXPORT.

Telegramas: ARCAFIL Telef. { Fábrica 119 Partic. 102, 174 e 255

Vila Real de Santo António - Portugal

ALGARVE

GOZE O SOL NO SUL DA EUROPA INSTALE-SE NA

RESIDÊNCIA MARIM

1.ª classe - Ambiente Selecto Serviço de Pensão completa em colaboração com o

RESTAURANTE GARDY

RESERVAS

TELEFONES 385 e 1121

TELEG: RESIDENCIAMARIM

RUA GONÇALO BARRETO, 1

FARO

Esquentadores

ESTA FAMOSA MARCA ALEMÃ QUER DIZER:



ÁGUA QUENTE PARA TODA A GENTE, RÁPIDA E BARATA

A GÁS LÍQUIDO (BUTANO OU PROPANO) DESDE 1.850\$00



Junkers

Garante:

- Óptimo funcionamento à pressão normal ou com pequenos depósitos a 1 metro.
• Economia resultante dos seus queimadores especiais.
• Impossibilidade de explosão devido aos seus dispositivos de segurança.

EXIJA O SELO DE GARANTIA DOS

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

SILVEIRA & SILVA, LDA.

RUA DA CONCEIÇÃO, 17-2.ª - LISBOA - TELEF. 327478

A VENDA:

Nos Agentes das Companhias Distribuidoras de Gás

10.800.000.000\$00 gastaram os empresários alemães em publicidade nos jornais que continuam à frente de outros processos publicitários

BONNE - Foi agora revelado pela Comissão Central da Indústria de Propaganda que durante o ano findo a República Federal Alemã despendeu em publicidade 23 milhões e 760 mil contos, ocupando a Imprensa, como sempre, o primeiro lugar. Eis o valor da publicidade atribuída aos vários meios publicitários:

Jornais - 10.800.000.000\$00; revistas - 8.640.000.000\$00; televisão - 2.635.200.000\$00; rádio - 460.800.000\$00.

O restante que completa aquela verba (109 milhões de marcos) correspondeu aos cartazes.

Verifica-se que continua a ser o jornal o meio mais eficiente de propagação e portanto o preferido por quem pretende tornar conhecidos os seus produtos.

Homenagem à memória do pintor Lister Franco

No dia 26 de Abril, na praça em Faro à qual foi dado o seu nome, será descerrado um medalhão em memória do pintor Lister Franco que como educador e artista plástico deixou saudosa memória na nossa Província. O medalhão é da autoria do falecido escultor Raul Xavier e o arranjo da memória foi confiada ao sr. arquitecto Alfredo Carlos Vilares Braga.

Para concretização da homenagem, constituiu-se uma comissão, composta dos srs. juiz-conselheiro João Bernardino de Sousa Carvalho, major Mateus Moreno, drs. Humberto José Pacheco, António Miguel Galvão e Joaquim Rita da Palma e capitão Rafael Pedro Pereira, todos antigos alunos do homenageado.

AJUDE O ARTESANATO - comprando colchas de Castelo Branco

HOTEL MASCO DA GAMA

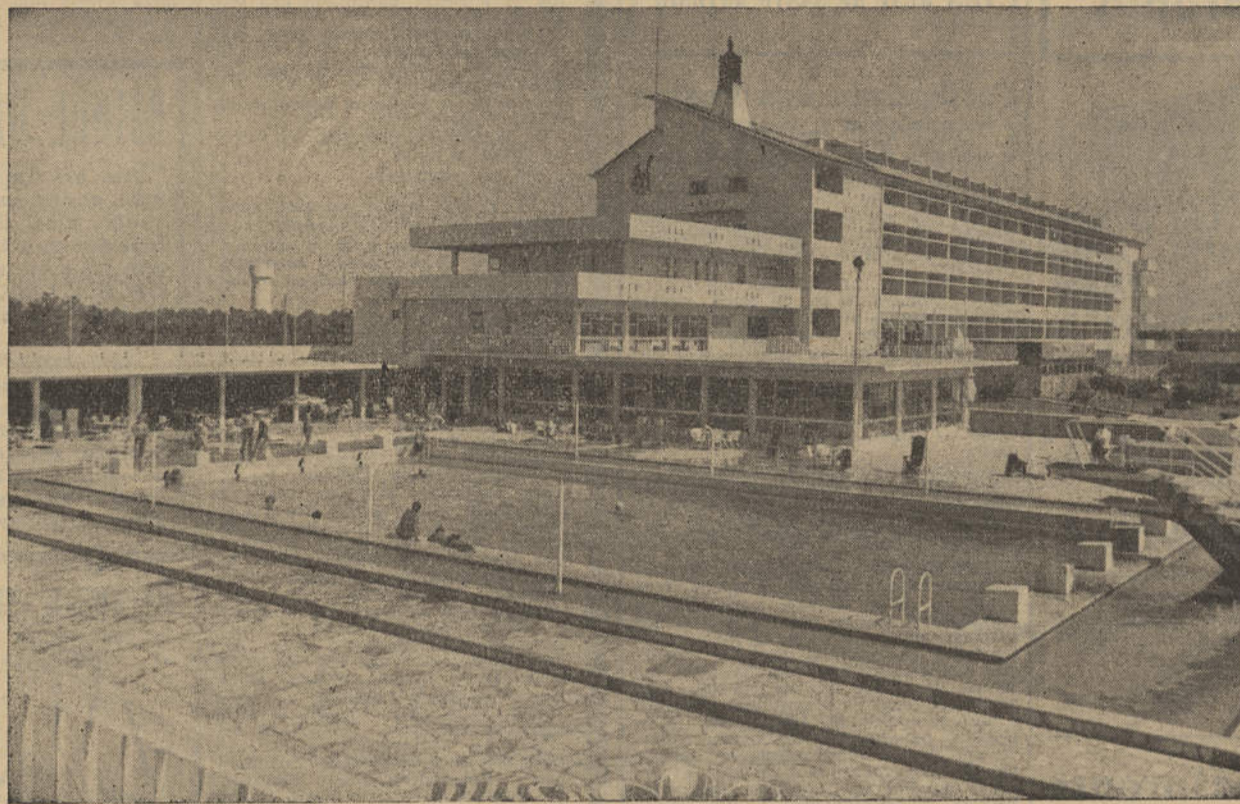
Bar



Piscina



Praia Privativa



Restaurante



Tennis



Dancing

O MELHOR HOTEL DO ALGARVE

TELEFONE 321 (3 linhas)

MONTE GORDO

A PROVÍNCIA DO ALGARVE - SUA ETNIA - NOVOS RUMOS

Como oportunamente noticiámos, o sr. dr. Maurício Monteiro, realizou na Casa do Algarve uma conferência intitulada «A Província do Algarve — sua etnia — Novos rumos». Demos então um resumo desse trabalho, excessivamente curto para se avaliar do mérito do mesmo. Aproveitamos agora a oportunidade para o inserirmos na íntegra.

Esta palavra Algarve, de origem árabe, na opinião do sábio dr. Leite de Vasconcelos, compreendia antigamente a província de Beja, Alentejo e Al-Faghar ou Chenchir. Al-Faghar ou Chenchir foram depois absorvidas pela palavra Al-Gharb que se transformou com a evolução da linguagem popular e pela influência das leis da fonética na expressão actual de Algarve. O Al-Faghar ou Chenchir, foi incorporado no património nacional em 1250, com D. Afonso III, quando Portugal oferecia já a Castela e ao Munguá uma perfeita unidade política e tinha assegurada a sua independência. Os nossos reis consideraram-se, a partir de então, como reis de Portugal e dos Algarves, tomando esta região como se fora uma unidade acessória e diferente do resto do país. Este título de reis de Portugal e dos Algarves manteve-se até à implantação da República. Esta distinção que a própria natureza acentua e facilita, destacando orograficamente, direi mesmo antropogeograficamente a Província do resto do País, dá-nos margem e condições que passo a expor, baseadas não apenas na sua história e seu solo, mas ainda na observação étnica e no trato social dos algarvios, para nos determos depois, nos Novos Rumos que apontam já no horizonte, como uma rêssea promessa para o nosso Algarve.

E assim, se nos dermos ao trabalho, ainda que em síntese, de analisar o algarvio puro, quer dizer o nado e criado no Algarve, descendente de antigos algarvios, e confrontarmos com o de qualquer província do nosso País, notamos, sem esforço, que ele consti-

tui um tipo diferente e distinto de qualquer outro. A sua diferença, aparentemente mínima, por vezes nula no seu aspecto físico, é bem diferente na sua pronúncia, no seu modo de ser psicológico, melhor direi no seu metabolismo psíquico e intelectual. Se formos profundos o seu substracto rário, os seus antecedentes históricos, indo mesmo além da constituição da nossa nacionalidade, verificamos que outros povos de raças superiores aqui viveram, deixaram o seu sangue, legaram as suas tradições, os seus costumes e a sua arte aos autóctones do país dos tartessos e celtas. Sem preocupações de investigação antropológica e etnológica, que uma modesta palestra não comporta, lembro que, segundo Estácio da Veiga, na necrópole de Alcaiz na freguesia da Mezilhoeira Grande, do nosso Algarve, foi encontrado um dolocéfalo puro, de cuja raça deviam ter dimanado as primitivas tribos que habitaram no Algarve. Nesses nebulosos tempos já a região algarvia apresentava com os celtas uma cultura própria, influenciada e subordinada a Tartessus na Andaluzia, cuja cidade se supõe ter ficado situada junto ao Guadalquivir e que constituía então um dos mais brilhantes focos de civilização dessa época, à semelhança de Babilónia e Nínive.

Nós, algarvios, podemos com orgulho fazer remontar os nossos antecedentes históricos e rários à civilização turdetana, tão diferente da dos outros povos que habitavam a península na parte norte. Segundo o testemunho de Heródoto, celtas e tartessos são povos da mesma origem, e consequentemente entre a Andaluzia e o nosso Algarve deve existir uma longínqua comunhão espiritual e rária, que vem de alguns séculos antes de Cristo. Os historiadores são concordes em apresentar os turdetanos como um povo civilizado, pacífico, progressivo, revelando uma certa cultura artística, e o que é extraordinário, com leis, gramática e até história dos seus heróis feita em verso, segundo relatam alguns historiadores, e entre eles Adolfo Schulten. Desta remotíssima origem comum deve vir a grande afinidade espiritual e psicológica que liga os algarvios aos andaluzes, separados por longos sécu-

los por lutas dinásticas e de conveniências políticas, afinidade que só avaliamos bem a sua profundidade quando estamos em contacto, por algum tempo, com os povos daquela região. O certo é que o algarvio, proto-histórico, apresentava então diferenças profundas com os outros povos que habitavam a península ao norte do Algarve e da Andaluzia, seu natural prolongamento orográfico, político e social, apenas separado pelo rio Guadiana. E se a antropogeografia não é uma ficção ou figura de retórica, a amenidade do clima, a semelhança orográfica, uma vegetação e produção idêntica, deviam ter actuado na formação psicofisiológica dos seus naturais, agravada posteriormente com as invasões de povos da mesma raça, que no sul da península se mantiveram por vários séculos e mais tarde com os árabes. Os gregos com a sua brilhante civilização também se fixaram nos portos do nosso Algarve, devido à sua posição ao sul da península que eles contornaram com as suas navegações, dando talvez preferência a seguirem para o norte do país. O mesmo se devia ter dado com os fenícios e os cartagineses, instalando feitorias nas costas, as mais próximas do ponto de partida, pouco contornando para o norte, preferindo fixarem-se à quem do Cabo de S. Vicente.

O domínio romano e árabe

Os historiadores dão-nos numerosos testemunhos destes movimentos, mais de exploração comercial de que de conquista, e assinalam a sua influência na nossa província com documentos arqueológicos, ruínas e objectos legados por estas civilizações, das mais brilhantes naquela época, e que deviam ter dominado mais intensamente no Algarve do que em qualquer outra região do país, talvez pela sua situação geográfica e amenidade do clima. Também os romanos com a sua ordenada civilização actuaram muito no Algarve, onde de ainda devido à benignidade do clima e às suas costas acessíveis aos desembarques, deixaram fundos traços da sua elevada cultura, do seu progresso e desenvolvimento artístico, criando a cidade de Ossunoba, hoje Estói, segundo uns arqueólogos e Faro, segundo o parecer de outros, cidade aquela que no dizer dos historiadores romanos e árabes era, pelo seu esplendor, riqueza e conforto das mais belas do mundo. Isto denota que os romanos deram preferência na península a esta encantadora região, instalando nela uma espécie de capital, cidade centro de arte e de prazer. Daqui talvez uma influência mais viva e um vinco mais fundo da civilização romana gravada no país dos celtas e dos turdetanos, do que no resto do país, entregue então a povos mais rudes e mais impermedáveis a estranhas civilizações.

Mais tarde vêm os árabes com a sua estadia no Algarve, prolongada para além de um século do resto do país, pois só com D. Afonso III se considera a povoação mais rudes e mais impermedáveis a estranhas civilizações. Está hoje demonstrado, segundo o parecer dos mais recentes arabistas, que os defensores de Mahomé mais importantes, mais poderosos e mais cultos escolheram, devido talvez ao clima e às proximidades do seu ponto de partida, para os seus preferidos domínios, a região do Algarve e da Andaluzia, criando nas sedes dos seus governos militares, nos seus castelos, cortes faustosas, poderosos centros de arte de cultura, de cujo testemunho temos as belas cidades de Silves, Sevilha, Granada e Córdoba. Nestas cidades flo-

peço dr. MAURÍLIO MONTEIRO

resceu em toda a sua exuberância a civilização árabe, no que ela tinha de mais perfeita e requintada. O escol dos seus intelectuais viveu aqui, transmitindo através dos seus escritos, as suas obras de arte, os seus serões, os seus costumes e do seu longo contacto com os povos vencidos, através de séculos de domínio o seu modo de ser rário, a sua cultura e civilização. Apesar desta influência, constitui contudo um exagerado lugar comum atribuir-se quase tudo que é antigo aos árabes, quando o certo é que há muito na nossa província dos longínquos celtas, turdetanos, romanos, fenícios e cartagineses. Todavia os árabes deixaram na nossa província algumas obras, muitos costumes, lendas e tradições e muito sangue estratificado no rosto e na mentalidade de muitos algarvios.

A luz maravilhosa do Algarve

Debruçemo-nos agora um pouco sobre o aspecto orográfico do Algarve: A província do Algarve apresenta-se-nos definida do resto do país. Limitada ao norte pelo Alentejo, da qual a separam as serras do Espinheiro de São, de Monchique e do Caldeirão, a leste pelo rio Guadiana e ao Sul pelo mar, ela mostra-nos uma flora, um aspecto orográfico, uma produção diferente das outras províncias, com um clima mais suave, um mar mais calmo e uma luz mais brilhante. Abrigada dos ventos do norte, escondida num suave anfiteatro, desde as montanhas até ao Oceano que a envolve no carinhoso abraço, com uma costa recortada das mais caprichosas grutas, arcaicas, recantos de fuma e macia areia, onde apetece repousar para gozarmos o milagre de transformar as nossas preocupações em sonhos maravilhosos. A sua luz tem, segundo declaram os meteorólogos, devido às correntes saturadas de humidade vindas do ocidente ao evaporarem-se, uma transparência isenta de poalha, difusa e luminosa, oferecendo-nos um céu de um azul forte, cintilando em tons metálicos. E daqui, talvez pelos seus antecedentes rários, pela amenidade do seu ambiente, pelos seus costumes e tradições, os algarvios nos apresentam uma afável comunicabilidade e até mesmo a sua criminalidade nos aparece com uma feição mais atenuada e menos violenta do que no resto do país. Considero interessante, anotar aqui, a diferença do tratamento dada pelos naturais de outras províncias aos algarvios. Observei, tanto no Alentejo como em outras partes do país, este passo curioso: «trago a trabalhar cinco homens (por exemplo) e dez algarvios». «Estavam lá nessa ocasião, dez homens e dois algarvios no meu trabalho. Não atribuo a estas expressões um sentido pejorativo, mas sim uma nota de diferença de pessoas, com modos de ser diversos, restos porventura de um longínquo travo de raça diferente, actuando sob a influência de seculares tradições. A sua pronúncia, as suas expressões não têm asperezas, os seus gestos em regra não têm violência; a sua linguagem oscila entre as manifestações exuberantes comunicativas e uma pronúncia melódica com ressonância, meio cantadas, num ritmo que lembra o sussurro do mar algarvio, em horas de calma! Repare-se no emprego abundante dos diminutivos e nas típicas expressões de ternura dos algarvios para com aquilo que os impres-

(Conclui na 15.ª página)

Um útil e valioso Brinde!



Todos os compradores de um receptor portátil «Atlante» Modelo 707 C5, terão direito a receber gratuitamente um moderno relógio despertador com horas luminosas. Esta sensacional oferta só se mantém no período do NATAL à PÁSCOA.



TURIST 707 C5. UM RECEPTOR TRANSISTORIZADO DE CATEGORIA APARTE. RELOJO DESPERTADOR BRINDE «ATLANTE» RECEPTORES DE CORRENTE E DE TRANSISTORES DE SUPERIOR QUALIDADE

AGENTES GERAIS.

Electrónica Lda

R. SANTO ANTONIO, 71-TEL 25800 PORTO

Agente em Olhão: AMÉRICO GUALBERTO MATIAS
Agente em Lagos: JACINTO C. SANTOS
Rua 18 de Junho, 171 Rua Marreiros Neto, 15

Experimente adubar bem. Com duas coberturas de NITRATO DE CÁLCIO, abundantes, obtém os melhores resultados. Faça as contas e verificará que valeu a pena utilizar um bom adubo de NITRATOS de PORTUGAL únicos produtores de NITROLUSAL, NI RAPOR e NITRATO DE CÁLCIO que poderá comprar em qualquer revendedor ou Grémios de Lavoura

CERVEJARIA e MARISCOS
Serviço ao Balcão

Esmerado Serviço de Mesa
PRATOS REGIONAIS

Caldeira

Café-Restaurante

Rua Júdice Biker, 27
Rua Cândido dos Reis, 10

PORTIMÃO
(Em frente da Estação de Serviço BP)

COM SETE MESES DE ATRASO

chegou-nos às mãos a carta de um olhanense que morreu no Paraguai em Dezembro passado

Nessa carta o saudoso filho de Olhão dava-nos a notícia da reunião dos «melos» em Buenos Aires e manifestava a sua grande admiração pelo JORNAL DO ALGARVE

Como preito à sua memória publica-se a carta e a reportagem

NO dia 4 de Janeiro findo noticiava o Jornal do Algarve ter morrido afogado em Assunção (Paraguai), quando tomava banho, o sr. João de Sousa e Silva Quintas, de 38 anos, casado, natural de Olhão, maquinista do petroleiro «Manuelita».

É o que se chama uma notícia do dia a dia, com a particularidade para nós de se tratar de um comprovinciano. Simplesmente acontece que nos últimos dias do mês passado chegou à nossa redacção uma carta escrita em Julho de 1963, datada de Assunção (Paraguai), portanto com sete meses de atraso (demora que certamente ninguém nos poderá explicar), carta essa endereçada pelo malgrado olhanense que perdeu a vida tão longe da sua terra natal. Aqui inserimos a sua carta, em homenagem à sua memória e como reparação póstuma, indemnização moral e espiritual a quem não teve o gosto de ver publicada no jornal da sua Província a reportagem que acompanhava a carta e se refere à reunião anual dos olhanenses que vivem na Argentina e aos quais nem a distância nem o tempo afasta espiritualmente da sua querida terra.

João Quintas, que tanto admirava o Jornal do Algarve, como claramente o diz na sua carta, lamentava-se da falta de notícias da sua terra. Até neste aspecto a sorte lhe foi madrasta porque teria agora semanalmente muito que ler acerca da terra natal, com a sofreguidão com que um bom filho, longe do lugar em que nasceu, lê tudo que lhe recorde a terra mãe, as pessoas que conheceu, os amigos, os sítios que frequentava, tudo enfim que nos fala do sentimento e nos conserva, apesar da ausência, radicado ao sítio onde nascemos e onde às vezes decorreram os melhores anos da nossa vida.

A memória de João Quintas agradecemos as palavras que dirigiu ao jornal da sua Província e em homenagem aos seus conterrâneos, que ele tanto prezava, publicamos a sua carta e a sua reportagem.

Que descanse em paz o infeliz algarvio!

Paraguai - Assunção, Julho de 1963

Ao Jornal do Algarve
Vila Real de Santo António
Portugal

Ex.ºs Senhores:

Jornal do Algarve, fez-se para mim uma necessidade, ao ponto de, a cada regresso de viagem, devorar na leitura, os exemplares chegados durante a minha ausência. Recebo o Jornal do Algarve, por atenção de meu querido pai, e não poderei nunca ter as devidas e suficientes palavras de agradecimento.

Verifico no Jornal do Algarve, a falta de colaboradores olhanenses, salvo que uma ou outra pequena crónica da autoria do sr. João Trigueiros, pessoa que, creio, não é natural de Olhão, mas que à terra da sua adopção tem dedicado muito do seu tempo e seu trabalho.

Sou de Olhão; a terra «mais importante do mundo e arredores», como dizem os «melos» orgulhosos do seu torrão natal. Sempre espero que apareça no vosso simpático e lutador jornal, um cantinho dedicado a Olhão. Tal não passa, e pergunto, como certamente o farão muitos outros filhos da Vila Cubista, se é que em Olhão não há quem se preocupe pela sua terra, ou se tudo nela é actualmente tão perfeito, que não há necessidade de criticar, de pedir, e mesmo de rogar, se preciso é. O jornalismo, fez-se para divulgação e luta; Jornal do Algarve, tem dado um exemplo com a sua luta pela província, pelo turismo, tão necessário, e de tão bons frutos em qualquer parte do mundo sabendo aproveitá-los, e que no Algarve estão à vista depois da vossa campanha. Jornal do Algarve preocupa-se em elogiar o bom, criticar o mau, e exigir o necessário. Felicitações e agradecimentos, com o pedido de que não desistam.

Voltando a Olhão: — somos ferrenhos os «melos» — parecera, que Olhão se resumia ao Sporting Clube Olhanense quando há futebol, as vendas de peixe, na loja, as crónicas sempre acertadas do sr. João Trigueiros, que têm sido bem poucas, e a uma ou outra notícia saída da redacção do Jornal do Algarve. Quisera pelo vosso jornal, fazer uma chamada de atenção aos filhos de Olhão na nossa terra residentes, e descrever o almooço reunião dos olhanenses de Buenos Aires, que anualmente se realiza no 17 de Junho, dia da nossa terra, permitindo-nos reunir, encontrando-nos uma vez por ano. Quisera também reclamar algo para Olhão, criticar, «dizer» algo na palavra escrita.

Penso que o vosso problema será o de todas as publicações, de todos os jornais: — a falta de espaço, mas a vossa boa vontade, e o pouco que no Jornal do Algarve tem sido publicado referente a Olhão, eliminará esse problema.

Se julgam conveniente a publicação destas linhas, não vejo inconveniente, depois de introduzidas as devidas correcções, que agradeço, já que a minha preparação não é a suficiente na palavra escrita.

Em folhas à parte, escrevo o que gostaria fosse em vosso jornal publicado, agradecendo também as devidas correcções. Em caso de impossibilidade de publicação, rogo a devolução.

Felicitações a todos os que no vosso jornal põem o seu grão de areia na luta pelo Algarve, e que no Jornal do Algarve escrevem.

Saudações amigas e reconhecidas,

JOÃO SILVA QUINTAS
(João de Olhão)

Pilcomargo - 198 - Berazategui - F. N. G. R. - Buenos Aires - Argentina

Desde há meia dúzia de anos, e por iniciativa de uns quantos «melos», se realiza em Buenos Aires, um almooço anual, que mais que nada, têm a finalidade de reunir os filhos de Olhão, naturais ou que na brancas vila cubista tenham feito sua vida durante tanto tempo, como para que se hajam adaptado a essa maneira de ser característica dos olhanenses, que ainda hoje, e pelo menos, aqui, usam as expressões «mano» ou «padre» man' Zé ou pad'Zé — em vez da palavra senhor, e aos filhos dos naturais de Olhão, ainda que hajam nascido na Argentina, ou qualquer outro lugar do mundo, mas que sintam inclinação pelas coisas nossas.

Vou dar três nomes de alguns felizes iniciadores da ideia que tão bem resultou. Que me perdoem eles se os retiro da sua modestia. Obrigado mano João Alegre; obrigado mano João Armando; obrigado mano Luciano de Sousa. Peço perdão aos outros iniciadores se os não menciono, é por desconhecimento, mas para todos está destinado este agradecimento reconhecido. João Armando, falou no ano presente, falaram outros: Bengaliña, ex-ponta direita do Olhanense entre outros. Falaram uns pelos seus afazeres profissionais, outros por estar ausentes da capital argentina. Outros falaram por ter deixado o mundo dos vivos, mas não são por nós esquecidos. Outras caras novas se somam à reunião em cada ano.

Na última reunião, 18 de Junho passado, Olhão esteve presente simbolizada na figura de uma pequena estatuetta, obra do mano Miguel Alberto, e que representava ao mano João Charrão, vestido com a típica roupa de oleado do marítimo olhanense, e sentado no Bate-estacas, que penso, ainda hoje exista. E está situado no canal, entre as duas pracas. Nem o chalavarr anunciador do mau tempo lhe faltava.

O mano Miguel Alberto, nos descreveu a história do Bate-estacas, por quase todos conhecida, mas no qual, quase todos os que em Olhão fomos criados tivemos a nossa classe pessoal de ginástica, pendurando-nos nos ferros, e neles dando voltas. Também o mano Miguel Alberto nos falou do mano João Charrão, tristemente falecido, com filhos e outros companheiros de pesca, durante um temporal, nesse mar, que é a única razão de ser de Olhão.

Esta nossa reunião é regida por uns estatutos não oficiais, mas que se cumprem, ou se fazem cumprir, ao pé da letra, quando algum dos assistentes quer fugir à regra.

É nomeado em cada ano, um «mestre da companhia», não podendo ser nunca o mesmo, e ele é autoridade máxima durante toda a reunião, sendo o primeiro discursante da tarde.

Todos os assistentes, estão obrigados a dizer algumas palavras em alusão à reunião, à sua terra ou ao seu sentir; nenhum deixa de o fazer, e faz monótona, ao ter de escutar perto de 30 conterrâneos, tal não acontece, pois cada um tem a sua anedota ou recordação para descrever, e ainda que cada qual possa falar durante todo o tempo que lhe apetece, ninguém se excede, e se o faz é com alegria de todos, e quem está falando, não pode ser interrompido, senão pelo «mestre da companhia».

Nenhum dos assistentes pode levantar a mão da mesa, seja qual for o motivo, sem pedir licença ao «mestre da companhia», e sem o consentimento deste.

É obrigatório por parte do restaurante, onde se realizam estas reuniões, almooço ajantarado, apresentar um prato de peixe. A ementa, é simples, mas farta, para estar ao alcance da algibeira do mais humilde.

Tudo o assistente proprietário de automóvel, está obrigado a deixar seu carro bastante longe do restaurante, se à reunião vai em automóvel. Há uma excepção para o carro que leva a máquina de «fazer fitas» do mano Miguel Alberto, porque a reunião termina com a projecção do filme feito pelo mano Miguel, quando da sua última estadia em Olhão.

Toda a iniciativa proposta durante a reunião, correrá de conta e risco de quem a propõe.

É cantada por todos a «Marcha de Olhão», da nossa querida terra distante, a nunca esquecida: Mui Nobre Vila de Olhão da Restauração.

Nesse dia se esquecem os muitos quilómetros que nos separam da terra natal, e é emocionante verificar como olhanenses, com mais de 30 anos de ausência da sua terra, quase com o idioma de origem perdido, voltam a ser e sentir-se mais «melos» que nunca. Homens idosos já, curtidos pela luta pela vida e pelos anos, homens duros, como o são os genuínos olhanenses, e frágeis, brandos, quando falam, escutam ou recordam do seu Olhão, emocionando-se a ponto de em muitos olhos ver-se a lágrima rebelde acusadora da emoção momentânea.

«Mestre da companhia» no 18 de Junho último, foi nomeado o «mano» Frota, ele foi quem iniciou os «discursos» depois da comida, cujo primeiro prato consistiu de pescada e batatas cozidas. Falou depois o «mano» Luciano; logo, o mano Miguel, a seguir o «mano» Frota, filho, um «melos» que à Argentina chegou quando apenas tinha 3 anos de idade, e que, com mais de 30 anos decorridos, se sente olhanense de verdade. Todas foram palavras de recordação e alegria, até chegada a voz do «mano» Rocha (?), que no ano passado, e em proximidades de viajar a Portugal, foi encarregado de fazer entrega ao Sporting Clube Olhanense, de um galhardete recorda-

tório dos olhanenses de Buenos Aires. Não tinha mais que valor recordatório esse galhardete, desenhado e pintado pelo «mano» Frota, filho; representa uma recordação mandada com todo o coração, pelos olhanenses que por aqui andam. Não só a moeda tem valor, sr. Pai Jorge, dirigente do S. C. O., que fez esperar ao nosso enviado portador do galhardete, e que dele se esqueceu. Por sorte nem todos somos iguais, havendo os olhanenses que fizeram companhia ao nosso representante durante esses bons pares de horas de espera. Nós vivemos, aqui tão longe, tanto as alegrias como as tristezas, quando os resultados obtidos pelo Olhanense são ou não favoráveis, e o galhardete recordatório, é expressão do nosso sentir. Sentimos aqui, tudo o que a Olhão diz respeito. Não esquecemos o Clube Desportivo «Os Olhanenses», clube modesto, mas não menos olhanense. Falou o «mano» José Alberto, integrante que foi, da nunca esquecida revista «Pita e Fanga». Ele sempre recorda aos «manos» Vazinho, Garrocho, Manuel Casca e a outros. Quem escreveu, assistiu às representações de «Pita e Fanga», sendo moço pequeno e não esquece, sendo as recordações avivadas em cada ano, pelo «mano» José Alberto, que não deixa nunca de nos dizer alguns versos de sabor bem olhanense.

Falaram muitos outros: José Cristóvão, Manuel Matias, Manuel Ventura, com mais corda que uma grafonola, sempre com as anedotas tipicamente olhanenses e por todos aplaudidas com gosto. Falou o «mano» Faixão, lembrando pela proximidade do S. João, os bailes que na nossa terra se realizavam, terminando já de dia, e com a ida à cana verde, na noite de S. João. Falou o «mano» João Alegre, que com poucas palavras disse do seu sentir e emoção. Todos os que assistiram tiveram os mesmos votos: — De que a nossa reunião anual prosseguisse, permitindo-nos reunir, recordar, e prestar uma humilde homenagem à terra distante que nos viu nascer. Todos falámos enquanto tomávamos o cafézinho com o cálice de aguardente da sobremesa. Não podemos deixar passar por alto, as palavras de um argentino, filho de olhanenses, Rocha, filho, dizendo-nos do seu sentir e emoção agradável, por poder desfrutar da nossa mesa e da nossa companhia, fazendo-o sentir-se na terra de seu pai, e como se dela fosse natural, tudo palavras de homenagem a todos os pais, e a todos os filhos que estão em proximidades do 18 de Junho. E quem não recordou seu pai?

Terminaram as palavras, e chegou o momento da função cinematográfica a cargo do «mano» Miguel Alberto. Voltando a Olhão na imagem, e anunciando o seu desenvolvimento, e começamos a despedir-nos. Todos contentes e felizes, quando já eram as 19 horas bem passadas. Nos havíamos sentado à mesa às 13 horas, e daí a origem das palavras de homenagem a todos os pais, e a todos os filhos que estão em proximidades do 18 de Junho. E quem não recordou seu pai?

Terminaram as palavras, e chegou o momento da função cinematográfica a cargo do «mano» Miguel Alberto. Voltando a Olhão na imagem, e anunciando o seu desenvolvimento, e começamos a despedir-nos. Todos contentes e felizes, quando já eram as 19 horas bem passadas. Nos havíamos sentado à mesa às 13 horas, e daí a origem das palavras de homenagem a todos os pais, e a todos os filhos que estão em proximidades do 18 de Junho. E quem não recordou seu pai?

parecer ao Jardim, seria algo comparado com o fazer desaparecer ao Nosso Senhor dos Afritos Sabemos, pelo Jornal do Algarve que alguns olhanenses se estão despertando e movendo em contra da ideia ou projecto, queremos desde tão longe, e com estas palavras, somar-nos a eles. Não afrouce o Diamantino Piloto, de quem temos lido pequeninas crónicas no boletim do Clube Desportivo «Os Olhanenses», órgão literário e informativo dedicado aos sócios da agremiação, que sabemos, sai quando pode, e que se bem é digno de louvor, não tem a divulgação de um Jornal do Algarve, que estamos seguros, não se negaria a inserir em suas páginas, uma secção semanal permanente, ainda que pequenina, e escrita, por um olhanense, nativo ou de adopção. Ainda que recebendo alguma que outra publicação portuguesa, além de Jornal do Algarve, estamos alheios a quase tudo o que a Olhão diz respeito, a não ser por correspondência particular, mantida com familiares e amigos, ou pelas notícias inseridas no Jornal do Algarve, órgão verdadeiro de luta pela Província. Sabemos também algo, pelo «Ecos de Portugal», publicação em língua portuguesa, a única editada na Argentina, se não estamos errados, redigida, dirigida e editada por Luciano de Sousa, um olhanense bem melo, de gema.

Fazemos uma chamada ao brio olhanense. Escreva, um cantinho por pequenino que seja, mas indicador de que Olhão existe mais além da venda de peixe na loja e do futebol. Queremos saber de Olhão, porque a distância e o tempo não nos fazem esquecer a terra natal, senão que avivam a Saudade.

JOÃO DE OLHAO
Buenos Aires, Julho de 1963.

MI TRISTEZA

La tarde mansa nada dice a mi tristeza
cuando luce su más bello colorido,
porque el alma prisionera en el gemido
me hace indiferente a la belleza.
Que dedos misteriosos aprisionaron
sobre mi yo interior, que lentamente
borró toda alegría de mi mente
y el corazón sombrío me dejaron?
Un socavón profundo y solitario
siento hoy en mí, y sin saber por qué,
la luz de la alegría se me fue
huyendo de este duende imaginario.
O, acaso sea tú, esta tristeza mía,
mis ojos no te ven, aunque vagan
por encontrar los tuyos otra vez amorosos.
Es tu ausencia la causa de esta melancolía,
No sé por qué, ni como, pero me siento
triste,
aunque la tarde mansa rie llena de luz
y el sol se tumba alegre harto de pie,
yo hoy solo sé de mí, que estoy muy triste.

MAY LOURDES CIENFUEGOS

Jardim João Serra

Com tristeza, e depois de bastante tempo de dúvida, confirmamos o desaparecimento do Jardim João Serra, sala de visitas do Olhão, ponto de recordação dos feitos olhanenses expressos nos seus originais bancos de azulejos, e único lugar de esparcimento de grandes e pequenos, ao ar livre e com sombra de árvores. No lugar ocupado por este, foi construído o Palácio da Justiça. Pelo Jornal do Algarve tínhamos conhecimento do novo Palácio da Justiça em Olhão, mas não pensávamos que para sua construção fosse necessário fazer desaparecer o Jardim João Serra. É triste verificar o desaparecimento de um jardim, mais em Olhão, onde, pensamos, não há outro jardim aceitável, e quando em todos os países por nós conhecidos, se luta pela construção de jardins, necessários pelas suas plantas, árvores e flores. Conhecemos uma cidade argentina, Paraná, capital de província de Entre Rios, que tem um jardim cada seis ou oito ruas, jardins de 8.000 a 10.000 metros quadrados.

Passeio da Avenida da República

Alarmantes notícias nos chegam, de que este tradicional passeio, está condenado a desaparecer, para dar lugar a uma faixa de terra arrelvada, com 2 metros de largura. Sr. Domingos Honrado — muitas têm sido as palavras de elogio que temos recebido e lido, respeitantes à sua obra como presidente da Câmara Municipal de Olhão. Suas boas obras, só merecem o agradecimento dos olhanenses, residentes ou não, e ali se reúne, a cemitério, os cafés, onde o ar ambiente, logicamente não é tão puro. É projecto de um olhanense o fazer desaparecer o passeio da avenida? Não podemos pensar tal coisa. Terminar com o passeio da avenida depois de haver feito dese-

COMPRE MAIS BARATO nas mercearias SPAR



SPAR AO SERVIÇO DA FAMÍLIA

APROVEITANDO AS SUAS PROMOÇÕES DE VENDAS

MI TRISTEZA

La tarde mansa nada dice a mi tristeza cuando luce su más bello colorido, porque el alma prisionera en el gemido me hace indiferente a la belleza. Que dedos misteriosos aprisionaron sobre mi yo interior, que lentamente borró toda alegría de mi mente y el corazón sombrío me dejaron? Un socavón profundo y solitario siento hoy en mí, y sin saber por qué, la luz de la alegría se me fue huyendo de este duende imaginario. O, acaso sea tú, esta tristeza mía, mis ojos no te ven, aunque vagan por encontrar los tuyos otra vez amorosos. Es tu ausencia la causa de esta melancolía, No sé por qué, ni como, pero me siento triste, aunque la tarde mansa rie llena de luz y el sol se tumba alegre harto de pie, yo hoy solo sé de mí, que estoy muy triste.

MAY LOURDES CIENFUEGOS

Jardim João Serra

Com tristeza, e depois de bastante tempo de dúvida, confirmamos o desaparecimento do Jardim João Serra, sala de visitas do Olhão, ponto de recordação dos feitos olhanenses expressos nos seus originais bancos de azulejos, e único lugar de esparcimento de grandes e pequenos, ao ar livre e com sombra de árvores. No lugar ocupado por este, foi construído o Palácio da Justiça. Pelo Jornal do Algarve tínhamos conhecimento do novo Palácio da Justiça em Olhão, mas não pensávamos que para sua construção fosse necessário fazer desaparecer o Jardim João Serra. É triste verificar o desaparecimento de um jardim, mais em Olhão, onde, pensamos, não há outro jardim aceitável, e quando em todos os países por nós conhecidos, se luta pela construção de jardins, necessários pelas suas plantas, árvores e flores. Conhecemos uma cidade argentina, Paraná, capital de província de Entre Rios, que tem um jardim cada seis ou oito ruas, jardins de 8.000 a 10.000 metros quadrados.

Passeio da Avenida da República

Alarmantes notícias nos chegam, de que este tradicional passeio, está condenado a desaparecer, para dar lugar a uma faixa de terra arrelvada, com 2 metros de largura. Sr. Domingos Honrado — muitas têm sido as palavras de elogio que temos recebido e lido, respeitantes à sua obra como presidente da Câmara Municipal de Olhão. Suas boas obras, só merecem o agradecimento dos olhanenses, residentes ou não, e ali se reúne, a cemitério, os cafés, onde o ar ambiente, logicamente não é tão puro. É projecto de um olhanense o fazer desaparecer o passeio da avenida? Não podemos pensar tal coisa. Terminar com o passeio da avenida depois de haver feito dese-

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje
Todos queriam ser pobres
Se fosse rica a pobreza
Ninguém queria ser rico
Se fosse pobre a riqueza.

António Sérgio

O doce nunca amargou

Tarte de cerejas — Faz-se massa tenra e com ela forra-se uma forma bem untada. Pica-se o fundo com um garfo e leva-se a cozer durante 15 a 20 minutos em forno médio. Durante este tempo, tiram-se os caroços às cerejas, e põem-se com o seu sumo num xarope (50 grs. de açúcar e um copo de água). Leva-se a ferver e depois de ebulição, tiram-se as cerejas e escorrem-se. Deixa-se reduzir a xarope pela fervura a descoberto e junta-se-lhe uma grande colher de geleia de groselhas. Quando a tarte está cozida e arrefecida, dispõem-se as cerejas dentro dela e regam-se com o xarope morno. Serve-se fresco.

Como eles pensavam

— A vida é um sono de que o amor é o sonho. E teréis vivido se tiverdes amado. — A. de Musset
— Os maus homens são grandes homens no amor. — Balzac
— A bondade oculta os erros, a prudência evita-os, a ciência dissimula-os, a religião perdoa-os. — Mabire
— A mulher põe no Mundo toda a poesia e doçura. — L. Daudet

Também na cozinha se pode ser artista

Rins de vitela panados — Depois de se ter tirado a pele aos rins de vitela, cortam-se estes em fatias de meio centímetro. Rolam-se estas fatias na farinha, depois mergulham-se em gema de ovo e, para terminar, envolvem-se em pão ralado.

Na frigideira põe-se bastante manteiga para que a carne não pegue e fritam-se as fatias nesta manteiga. Em seguida, deita-se na mesma frigideira uma colher das de sopa de farinha; faz-se um molho juntando um copo de vinho branco e um cálice de vinho da Madeira ou Afonso III, junta-se salsa migada e um pouco de noz moscada. Passa-se o molho. Dispõem-se as fatias do rim no prato de serviço, envolvidas por pequenas batatas cozidas a vapor. Salpica-se depois tudo com salsa migada.

E agora não ria!

Certa senhora foi para a praia, de férias, ficando o marido a trabalhar. De vez em quando mandava-lhe um telegrama: «Chove, manda dinheiro» Ao receber o terceiro telegrama, sempre igual, o marido respondeu: «Regressa. Aqui chove mais barato».

Tecidos S.º ANTONIO GOVILHÃ MARIO ANTUNES

HÁ MAIS DE 40 ANOS que esta casa se dedica exclusivamente a fornecer os melhores tipos de lençóis para fatos de Homem, Senhora e Criança

Se V. Ex.ª ainda não conhece os meus artigos faça uma experiência

NUM SIMPLES POSTAL PEÇA AMOSTRAS

Veja as qualidades, preços e descontos e verificará da conveniência em passar a ser meu cliente

Para limpar em casa, use fitas **Arti**

Uma história de ontem, de hoje... e de amanhã

Vivia razoavelmente mas não era feliz.

Faltava-lhe a convivência evoluída da rapaziada amiga. O ambiente daquela aldeia era-lhe vazio, pesado, e cada dois-dedos de conversa com os pacatos campônios lhe embotava a conversação fácil que adquirira em contacto longo com colegas e mestres.

Não tivera muita sorte em seu primeiro ano de exercício. Concorrerá para uma escola do norte na ansia de conhecer novas paragens e novas gentes, quisera adquirir mais conhecimentos e assegurar uma experiência vivida que depressa deixasse muito atrás a inércia insossa de uma vida de estudante.

Engano o seu que o viera enterrar sem apelo numa aldeia transmontana, pequeno quadro feito a pinceladas de neve e lama, sem outro acorde que o bramir das vacas e dos ventos.

Em redor da chaminé curvava-se a mãe velhota, novelo de rugas e reumatismo que o frio amarfanhava inda mais, enquanto o filho lia e relia jornais atrasados no ambiente amornado pela música suave do aparelho, sua única evasão. Trocavam-se-lhe os olhos no tédio da leitura e por entre os bocejos ficava-se a ler para dentro, esfôlhando um calendário de recordações, cinzas frias que a saudade em vão soprava.

Porque deixara a sua terra? Porque abandonara os velhos companheiros?

Daria um ano de vida por um bom filme ou, mais que não fosse, por um bate-papo sobre temas sociais, desportivos ou pedagógicos. Sentia-se pegajoso, caracol colado na casca, sem remissão, esperando melhores dias mas contando as horas minuto a minuto, lamentando os segundos fugazes de uma vida sem cor, gélida de neves e silêncio, caindo por fim no sono até que o berro metálico do despertador o espicacasse para a labuta de mais um dia.

E os dias perpassavam. Refreando o desalento da saudade calcava-o por vezes a lógica fria e dura que o acusava de insatisfeito e lhe lembrava que a vida não era assim tão má. E era verdade; a não ser os amigos e o ambiente evoluído, nada lhe faltava. Os pais dos alunos reconheciam a competência e esforço do mestre-escola e enchiam-lhe a despensa de legumes, fruta, carne, enchidos, e na capoeira as galinhas apertavam-se umas de encontro às outras olhando de través o galo brigão de crista ratada. Nem o pão, nem o vinho, nem o azeite acarretavam despesa; tudo saía da generosa abundância dos lavradores. Renda de casa não pagava porque a moradia abraçava a escola e desde anos esquecidos fora sempre abrigo de professores.

Que mais queria? Gastava o mínimo. No fim do mês, satisfeito, arrecadava o vencimento e,

despreocupado, nos dias um reentrava o velho portal da aula sem outros problemas que não fossem o cumprimento dos programas e a boa marcha da vida escolar.

Foi assim economizando largos tostões e, com o conforto dos economias, tomou a resolução do filho pródigo: tornar à casa paterna, à terra.

Uma boa classificação, um concurso de sorte, e ei-lo novamente no seu Algarve risonho das belas paisagens, da gente conversadora e amiga que rapidamente lhe fizeram esquecer os dias apagados perdidos numa aldeia transmontana.

Cinema, cafés, praias. A mãe velhota tolhida em seu reumatismo. Moças alegres e frescas. Namoricos. Casou.

Na igreja, segundo a classificação correspondente à profissão de professor, o casamento foi considerado «de ricos» e a papelada resultou caríssima.

Compraram-se as mobílias que foram recheiar uma casinha espaçosa alugada na vila. O pé-de-meia sumiu. Do ordenado paga-se a renda pesada, a água e a luz; o que fica dá mal para se comer decentemente e restaurar uma vez por outra o guarda-roupa visto que o professor é considerado «rico» e deve aparentar suficiência.

Acabaram os cinemas e os cafés. Em casa comem três bocas que em breve serão quatro. A jovem esposa espera debê e a saúde é frágil, a mãe velhota requiere frequentes cuidados médicos e o seu coração cansado exige tónicos dispendiosos. A assistência médica é cara, o professor não tem direito a outra assistência que não seja a paga do seu bolso.

A casa de renda elevada, as consultas e os medicamentos dispendiosos, o enxoval do bebé e a perspectiva de mais uma boca.

O chefe da família cansa-se porque os alunos são difíceis e os inspectores rondam a escola. Chega a casa e esforça-se por esticar um ordenado que se nega a chegar até ao último dia do mês.

Em casa e na escola ele pensa na sua vida, na família doente, no pão de cada dia e nos medicamentos; o rendimento escolar resente-se com tanta apreensão.

Tenta conseguir nomeação para a regência de um curso de adultos, não lhe concedem porque não possui receptor de televisão a fim de serem seguidas as lições televisonadas.

Embora recessos decide-se por fim a angariar novos recursos económicos leccionando particularmente alguns alunos em dificuldades. O produto dessas explicações, aos poucos, vai-lhe permitindo um equilíbrio económico que o faz encarar de novo a vida com esperança e firmeza.

Inveja e denúncia. Uma carta anónima. Um inquérito. O professor não pode defender-se dando explicações.

Um processo! Afundado em cogitações ele esfolheia os dias remotos em que nada lhe faltava numa aldeia pacata de gentes rudes mas boas, onde não existe a peçonha das cartas anónimas porque at se reconhece a acção trabalhosa do professor.

O homem é um insatisfeito: está mal onde está bem, e está bem onde está mal. Ele queria experiência da vida e foi encontrá-la, da mais amarga, na própria terra.

Desconhece os amigos; pouco sorri e pouco conversa, porém, quando o faz... é clinicamente.

V. S.

Café Veneza TAVIRA

TRESPASSA-SE
Com facilidades de pagamento.
Aceita-se em troca propriedade.

HOTEL DA BALEEIRA

SAGRES — ALGARVE

Telegramas
Cables

BALEEIRA SAGRES

Telefones
12 e 28 (2 linhas)

ESTABELECIMENTOS LITOGRAFICOS Ramirez, Perez, Cumbreira & C.^a

CASA FUNDADA EM 1890

Sede: Vila Real de Santo António (Portugal)

Telefones 15 e 181

SUCURSAIS | Olhão e Portimão (Portugal)
Ayamonte (Espanha)

Litografia sobre Folha de Flandres

Fabricação de: Pregos e Chaves para abertura de latas de conservas

LATAS

Construção de latas para conservas de peixe em azeite e salmoura. Latas para Tomates, Azeites, Azeitonas, Man-teigas, Cafés, Óleos e para quaisquer outros produtos.



Vilarinho & Sobrinho, Lda.
Janelas Verdes — LISBOA

Distrito de Recrutamento e Mobilização N.º 4

O Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 4 torna público que os mancebos que residam no Algarve, em concelho diferente daquele por onde foram recenseados para o serviço militar, e que, no corrente ano, tenham de ser presentes à Junta de Recrutamento, podem ser inspecionados no concelho onde moram, desde que aí vivam há mais de trinta dias, o que devem comprovar com atestado de residência da Junta de Freguesia a juntar a requerimento, elaborado em papel comum de 25 linhas, dirigido ao chefe do D. R. M. 4, e apresentar imperitavelmente até ao dia 15 do próximo mês de Abril.



PONTO E VÍRGULA

Porque condenamos os justos?

Conta a história que em determinada aldeia um acontecimento excepcional fez sair para a rua toda a população, ficando em casa apenas um homem. Por acaso chegou e toda aquela gente ficou mentalmente transtornada pela molha apanhada. Ouvindo uma tremenda algazarra, o homem que havia ficado em casa foi até à porta e, bastante admirado, viu todos os outros entretendo-se alegremente com brincadeiras nitidamente de crianças. Um deles, que engatinhava muito devotado, gritou-lhe: — Vem daí, anda também brincar. O homem não lhe ligou, achando preferível voltar para casa. Então, todos os outros exclama-

ram: — Olhem, aquele é maluco, não faz o mesmo que nós...
Esta história tão patética como antiga, mostra-nos bem a incompreensão com que todos quantos agem ajuizadamente são julgados. Desde todos os tempos o mal conquistou a humanidade de que, talvez por comodismo, ou então para não fugir à normalidade, o adoptou de alma e coração, não obstante, por esse mesmo facto, todos vivermos aborrecidos por tudo e com tudo.

Quem, meditando um pouco na mentalidade que predomina na sociedade de hoje, fizer o propósito de enveredar pelo caminho do bem, necessitará, sem dúvida, de muita persistência, pois todos o criticarão, todos o chamarão anormal. Será estupidéz, será malícia, será «dor de cotovelo», desejando a cada instante aniquilar aqueles que se julgam incapazes de suplantarem ou mesmo igualar...

O jovem de hoje, mais propriamente aquele que foge à generalidade procurando valorizar-se e conseguir para o seu semelhante um lugar são e estável neste mundo, em que vivemos, é intensamente criticado e por vezes até condenado. Precisa, pois, de muita força de vontade, porque, se é duro cumprir uma pena por um delito que conscientemente praticámos, ser condenado inocentemente, ser gosado por aqueles a quem queríamos ajudar, sem dúvida que nos conflagra ainda mais.

Em todas as épocas surgiram grupos de jovens tendo como alto ideal a conquista e valorização das massas jovens que os rodeiam e quantos desses organismos ainda hoje persistem! Estamos em presença de rapazes ávidos pela vitória do bem, que conseguem descobrir-se e compreender-se, e confortando-se mutuamente, não olham a esforços e acabam por conseguir impor-se.

Meditemos um pouco sobre este tema, deixemos de criticar A e B pelo seu anormal procedimento e, se acaso chegarmos a concluir que são eles que estão no bom caminho, não tenhamos, então, pejo de nos abelarmos desses mesmos jovens pois, já que é verdade que a união faz a força, num futuro talvez próximo acabaremos por vencer.

CRISTIANO CEROL

Concessão de pequenos créditos a famílias que queiram instalar quartos para alugar

Acerca da local «Concessão de pequenos créditos a famílias que queiram instalar quartos para alugar», escreveu-nos de Moura, o sr. Virgílio António Lopes a aplaudir a sugestão e a informar que em 1961 comunicou à Casa do Algarve a sua intenção de melhorar uma casa que tem na povoação de Espiche, freguesia da Luz, a qual por sua vez comunicou o facto à Comissão de Turismo de Lagos sem que até agora tivesse sentido quaisquer efeitos.

«Eu sou um simples aspirante de Finanças, sózinho e o que ganho para mim chega e o meu fim, é apenas o progresso da região e o bem estar dos habitantes da freguesia da Luz, e infelizmente não tenho verba.

«Mas acho lamentável, ver uma casa arruinar-se de ano para ano, numa provincia onde há tanta falta de alojamentos para receber o turista, principalmente os de classe média.

«Ultimamente com o fim de receber algumas famílias estrangeiras, escrevi para alguns mestres de obras de Lagos e até para pedreiros da aldeia para melhorar a respectiva casa, sem que tivesse qualquer resposta. Parece que estão já cheios de dinheiro com construções e que não precisam das pequenas obras!

«Venho comunicar a v. esta minha triste situação e pouca sorte, apelando para a sua boa vontade no sentido de me apresentar qualquer sugestão que seja posta em nota e que produza os devidos efeitos.

«Final qual o fim do turismo, é proteger os ricos ou os pobres?»

«Por outro lado a aldeia tem bons tocadores de concertina, tem o hábito de receber bem gente de fora, é alegre, com as suas casinhas brancas típicas da região e o melhoramento nas suas casas com o fim de receber gente de fora, quer dando comida em particular, quer alugando quartos que já têm casa de banho, seria uma maneira de resolver a crise agrícola que atravessa a região, porque não tem qualquer espécie de indústria. Além disso as suas águas são esplêndidas, os ares óptimos para pessoas fracas e servindo ao mesmo tempo de campo e praia porque fica a dois quilómetros da praia da Luz e a sete quilómetros da cidade de Lagos.

TELEFONE 161 • APARTADO 28 • TELEGRAMAS: GRÁFICA DO SUL

DESENHO • CARTANOGEM • JORNALIS • FAPFIS • ENVELOPES • FOTOLITO • MAQUETAS LIVROS • REVISTAS • SUTLAGEM • CARIMBOS

EMPRESA LITOGRAFICA DO SUL, LIMITADA

ARMAZEM DE PAPELARIA

LITOGRAFIA • TIPOGRAFIA

VILA REAL DE SANTO ANTONIO



Apontamento de Rocha de Sousa

O CASTELO DE SILVES

por MANUEL DE SOUSA

(Ao ilustrar conterrâneo e amigo dr. José Domingos Garcia Domingues)

Quando à hora do Sol poente te contemplo e subo ao alto das tuas torres antigas e majestosas, e me debruço sobre as tuas ameias e corro sobre os teus adarves, nessa hora em que sempre me esperas, oiço vozes profundas e estranhas que me circundam e se agitam e clamam, vozes do sangue que me falam ao coração, em gritos de dor e de saudade...

— teus íntimos segredos que prescuro e que tu guardas e escondes: traídas lutas, queixumes sem par, sonhos perdidos e desfeitos de vencidos e vencedores que junto das tuas pedras tanto sofreram... e se resignaram e se perdoaram!

O Arade, teu rio ameno, — há tanto esquecido... que corre tão manso a teus pés, em sua canção eterna e dolente, murmurando frases de angústia, todo um poema profundo e nostálgico que as aves vão ouvindo em noites de luar e as estrelas escutam, lacrimosas, por toda a Imensidade, é todo um símbolo da tua História gloriosa!

Tudo em ti é remoto, estranho, admirável, sublime, triste e glorioso!

Em ti há mouras encantadas! e histórias de fadas e guerreiros e de poetas, príncipes e reis, de paixões e poetisas; de santos, de soluços e de lágrimas... Histórias de tantos que te adoraram, como se adora a pátria querida, a pátria imorredoura! Lusó recanto idolatrado!...

Por isso tu és símbolo dum amor de raças, gigantes, que te beijaram e viveram o teu chão quente e frio, as tuas pedras ruivas e sequiosas, em cor de sangue heróico! Berço de raças que te coroaram numa grandeza sem par! Mãe de vultos que sulcaram os mares erguendo além o nome de Portugal! Razão por que tantos te admiram e correm de toda a parte em romaria ao teu seio adorável, xilbiense, fenício, romano, mourisco, português do nosso risonho Algarve!... Razão por que todo um paraíso de beleza e amor te envolve e circunda! e te engrinalda em todo o teu redor com frescos vales e suaves montes, em anseios de esperança, por entre os teus poentes rosados, rubros e lilazes, coroado pelo azul do céu que te beija e pelo sol esplendoroso que te glorifica!...

Poetas menores do romantismo

Emílio e António Deschamps

por MAX DAIREAUX

Há certa injustiça na glória dos poetas; o resplendor que envolve os mais notáveis cega-nos ao ponto de não distinguirmos os distinguirmos mal esses poetas, amáveis encantadores, que os acompanham e às vezes lhes abrem caminho e sem os quais não teriam sido o que foram. Tal como o sol com os seus raios nos oculta o brilho das estrelas, assim Vítor Hugo, Alfredo de Vigny e Lamartine nos fazem esquecer os que, sem ser muito grandes pela expressão, foram, no entanto, os verdadeiros criadores do romantismo: Hyacinthe de Latouche, primeiro tradutor das baladas alemãs; Thomas, inspirador de Lamartine e sobretudo Emílio e António Deschamps.

Emílio Deschamps, filho de Jacques Deschamps, nasceu em 1741, irmão do delicioso António, tradutor de Dante. Unicamente a fraternal amizade de Alfredo de Vigny salvou do esquecimento total os dois irmãos Emílio e António Deschamps; mas se se recorda esta amizade, quem recorda as suas obras? Ninguém pensaria sequer evocar a agradável figura de seu pai, Jacques Deschamps, velho atraente, o qual, dotado de todas as graças do século XVIII, vigiava com benevolente sorriso de avô os primeiros passos da nova escola que iria encher todo o século XIX. E no entanto, foi em torno de Jacques Deschamps, no seu salão, onde em 1820 se constituiu e se instalou o «Cénacle», verdadeiro berço do romantismo. Ali se

reuniam com os dois filhos do dono da casa, Emílio e António Deschamps. (Conclui na 12.ª página)

NOVOS CORPOS GERENTES

Clube de Amadores de Pesca de Olhão

Em assembleia geral ordinária foram eleitos os corpos gerentes do Clube de Amadores de Pesca de Olhão assim constituídos: Assembleia geral — presidente, João Gregório de Jesus Alberto; vice-presidente, Luís Mário França Galvão; 1.º secretário, Joaquim Guerreiro Patinho e 2.º secretário, José Valeriano Rosa Gouveia. Direcção presidente, Arnaldo dos Santos Oliveira; vice-presidente, Eduardo da Conceição Pires; secretário, José Viegas Leandro Cruz; secretário-adjunto, Mário Patrocínio de Jesus Calapez; tesoureiro, João Martins Galvota; vogais, Arnaldo Frença Coelho e Mariano da Encarnação Campina. Conselho fiscal — presidente, Luciano Dias Graça; secretário, Júlio Veríssimo Neto Trigueiros; relator, Mário Rosendo Quintas.

Círculo de Iniciação Teatral

Foram eleitos os corpos gerentes do Círculo de Iniciação Teatral de Vila Real de Santo António, que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — presidente, António José Portugal de Oliveira e Neto; vice-presidente, Maria Antónia Reguengo Pinheiro; secretários, Manuel das Neves Mória e António Cabellos de Oropesa Toledo.

Direcção — presidente, António Pedro da Luz; vice-presidente, João Manuel Abrantes de Mascarenhas Almeida; 1.º secretário, Francisco Zarcos Graça; 2.º secretário, Rita Afonso Colação; tesoureiro, Manuel da Conceição Rosa; vogal, Norberto Carlos Pereira Leitão.

Conselho fiscal — presidente, António do Patrocínio Madeira; secretário, Alfredo José Zarcos Graça; relator, Francisco Salas Gomes Ramires.

Rotary Clube de Portimão

Eis os novos corpos gerentes do Rotary Clube de Portimão, agora eleitos: presidente, eng. Helder Sândina; vice-presidente, dr. António Rocha da Silveira; 1.º secretário, arq. Arlindo Serrão; 2.º secretário, Rui Pargana dos Santos; tesoureiro, José Miguel de Araújo; vogais, Claudius Beck e Heráclides Santos Silva.

Com vista para o mar

Em qualquer ponto do Algarve. Compra-se chalet ou casa velha para reconstrução.

Resposta a este jornal ao n.º 4.190.

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, Engenheiro Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que José António Corvo requereu licença para instalar uma fábrica de telha e tijolo, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de fumo, perigo de incêndio e trepidação situada em São Bartolomeu dos Palmeirais, freguesia e concelho de Castro Marim, distrito de Faro, confrontando a Norte com António Celorico Drago, a Sul com caminho de ferro, Nascente com António Celorico Drago e Manuel Lapa e a Poente com estrada.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 13 de Março de 1964.

O Eng. Chefe da Circunscrição, João António da Silva Graça Martins

CALCINA

com a garantia da Fábrica de Cimento Tejo a maior da Península Ibérica

É o mais nobre ligante hidráulico depois dos Cimentos Portland

e foi criada para proporcionar ARGAMASSAS MELHORES

E MAIS BARATAS

mediante

RESISTÊNCIAS MAIS ALTAS

COM TRAÇOS MAIS POBRES

Peça informações comerciais e técnicas à

EMPRESA DE CIMENTOS DE LEIRIA, S. A. R. L. - Rua Braamcamp, 7 - LISBOA-1

ou aos seus Agentes:

Hilderico do Nascimento Pires-Vila Real de Santo António

A TV portuguesa mais uma vez manifestou a sua hostilidade contra o Algarve

Do sr. dr. João Menéres Pimentel, dedicado presidente da Câmara Municipal de Silves, recebemos a seguinte carta à qual não vale a pena fazer qualquer comentário, tão expressiva é o que nela se aponta.

Silves, 19 de Março de 1964.

Sr. director do Jornal do Algarve:

Vi e ouvi com muito interesse o programa da Radiotelevisão Portuguesa de 14 do corrente — reportagem — sobre as amendoeiras em flor na região transmontana, cerca de Mirandela. Notei até que, no «écran» do meu aparelho apareciam as sombras em movimento dos limpa-vidros, em contraste sugestivo com a clareza e branquidão das flores das amendoeiras. Umas, dando a indicação de chuva, as outras com a sua imagem de sol e de calor.

Tudo muito bem, pelo que representa de propaganda de lugares do nosso Portugal abertos pela imagem aos programas de viagem do turista nacional.

Eu próprio, visitei há pouco tempo a região em menção, quando o Algarve me desloquei a Trás-os-Montes em romagem de saudade a terras de meu bisavô, Clemente Menéres, próximo de Mirandela, na povoação de Romeu, paredes meias com Vila Verdinho, aldeia melhorada graças à iniciativa de meu tio-avô Manuel Menéres.

Se tais referências faço a minha família é fácil de pressentir o motivo: insuspeito, imparcial na apreciação que seguidamente vou fazer do citado programa.

Entendo eu que para propaganda dum região não se torna necessário mal-dizer de outras regiões. Não é correcto, não é elegante, não é educado, não é servir a nação, não é ser Radiotelevisão Portuguesa, para enaltecer a região transmontana amesquinhar ou tentar amesquinhar outra parcela da nação que é o Algarve. Não valia a pena ser menos correcto e declarar para todo o País, que na região de Trás-os-Montes não era necessário fazer flores de amendoeira, em papel, para festejos carnavalescos. Não era necessário, e foi tão desleigante, afirmar-se que Trás-os-Montes não precisava de inventadas lendas de moiras encantadas nem de árabes de albornos. Lendas são lendas e Trás-os-Montes também as tem e se delas se não vale o culpados não podem ser nem o Algarve nem os algarvios. A Radiotelevisão Portuguesa para o

A. Vieira Rodrigues

IMPORT. - EXPORT.

Exportador do figo selecto do Algarve e da esplêndida pasta — Marca «CATALINA» —

Conservas de Peixe

Escritório e Armazém:

Rua Augusto Rosa, 52-54

Teleg. Amigues — Telef. 35345

LISBOA 2

Armazém de frutos:

ARMAÇÃO DE PÊRA

Telefone 44

JORNAL DO ALGARVE é vendido em Loulé pelo sr. José Isidro Barreto Lamy.



A Pilha de maior duração

É a melhor que pode utilizar nos seus rádios e nas suas lanternas

Um tipo especial para cada fim

Distribuidores Gerais

Costas, Pinto & Santos, Lda.

Rua de S. Nicolau, 56 — LISBOA

Telefone 369637

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

Esplanada Oceano de Monte Gordo

(Antigo Casino Oceano)

Acceptam-se propostas em carta fechada para a exploração da Esplanada Oceano de Monte Gordo (antigo Casino Oceano), durante os anos de 1964, 1965 e 1966, até às 12 horas do dia 13 de Abril próximo.

As condições encontram-se patentes na Secretaria desta Câmara Municipal.

Vila Real de Santo António, 3 de Março de 1964.

O Presidente da Câmara, JOÃO BARROSO GOMES SANCHES

IMPORT-EXPORT



TELEG.: JORITTA

JOSÉ ANTÓNIO RITTA

Vila Real de Santo António - Olhão - Matosinhos

PESCA E CONSERVAS

Jar • Jorita • Tamar • Porvir • Sardinheira • Monte Douro • Les Jumelles • Broadway

Fábricas em: Vila Real de Santo António, Olhão e Matosinhos

Vila R. S. António, 13, 111 e 224
 Olhão, 418
 Matosinhos, 93C55 - Porto
 Cód. A B C 5.ª E 6.ª ED. Telefones

O ALGARVE E O TURISMO

Foi necessário viver no estrangeiro para eu sentir, com toda a intensidade o amor pela minha terra — Olhão. E quando digo terra, refiro-me por ordem de intensidade desse amor à casa dos meus pais, a Olhão, ao Algarve e, por fim, a Portugal.

Há quase dois anos que deixei Olhão, e durante este tempo acompanhei pelo Jornal do Algarve a evolução progressiva do turismo nessa faixa banhada pelo Atlântico, com temperaturas mediterrâneas que proporcionam aos seus habitantes e visitantes o melhor clima do continente português.

Pelo que me diz quem daí parte, rumo a Paris, medito no engrandecimento do Algarve durante estes dois anos provocado pelo turismo. Ao falar-me duma maneira geral, das principais cidades e vilas beneficiadas por essa nova indústria, citam-me a grande obra do novo aeroporto, construído nas proximidades de Faro, dizendo-me que será de futuro o lugar mais acessível para o desembarque de turistas que pretendam visitar o Algarve; referem-se-me a Olhão, salientando a sua bela ilha da Armona onde a hotelaria é já um facto. E tantas novidades me deram que depois de ser todo-ouvido fiquei com a alma cheia de contentamento.

Tudo isto me leva a sugerir iniciativas, a manifestar o desejo de ser útil e conungar com os meus conterrâneos baírristas.

Importa, pois, acelerar o turismo que está a nascer no Algarve. E como? Eis o que sugiro.

Sem mais delongas direi que é triste não ter visto ainda em Paris onde tantas cartazes se encontram afixados por paredes e outros lugares, um que mostrasse a utilidade de umas «Vacâncias au Portugal».

Que melhor haverá para a expansão do turismo que uma intensa e criteriosa publicidade?

Não compreendo essa falta imperdoável, tanto mais que há a certeza de termos um clima ímpar; de termos uma razoável rede de transportes; de haver belezas naturais comparáveis às

melhores de todo o mundo. Até supor que, nesse aspecto, Portugal ocupa o primeiro lugar. Essas encantadoras praias... esses campos que são autênticos jardins. Poderão estes predilectos não assentar em todas as províncias portuguesas, no entanto eles são certos naquela que melhor conhece e portanto melhor define: o Algarve das amendoeiras em flor, das figueiras e alfarrobeiras; o Algarve das mouras lendárias, o intrépido Algarve dos lobos do mar e dos descobrimentos, do sol e dos poetas.

Que belo cartaz: no primeiro plano uma chaminé de Boliqueime, num segundo um aglomerado de açoteias e mirantes. Tudo isto assente no plano do azul-vivo algarvio.

Raul Joaquim Augusto Piloto

CURSO GUARDA-LIVROS

POR CORRESPONDÊNCIA Remota este anúncio, receberá grátis o folheto

"Cursos por Correspondência"

EXTERNATO LUSITANO DE COMÉRCIO Rua dos Anjos, 2-1º. Telef. 40297 LISBOA

Máquinas e sucatas

Oficinas e fábricas completas, compra José Carlos Delfim, Rua das Lavadeiras, 4, telefone 199 — Olhão.

Começou a pesca do biqueirão no Cantábrico

Começou na costa de Lugo (norte de Espanha) a pesca do biqueirão na qual tomam parte cerca de setenta embarcações com uma tripulação que regula entre 13 e 15 homens.

Os melhores meses para a pesca da valiosa espécie são os de Abril, Maio e Junho, época em que ascendem às camadas superficiais enormes quantidades de biqueirão, que abandonam as propriedades onde costumam passar o Inverno.

Se os preços deste ano regularrem pelos do ano passado a crise que aflige a indústria da pesca será resolvida, crise essa determinada pelo fracasso total da temporada do bonito que deixou os armadores numa situação angustiosa.

A frota lucense realiza as capturas de biqueirão preferentemente no mar Cantábrico.

Rowenta

A gasolina ou a gás O melhor isqueiro



Rowenta

Mais de cem modelos e cores diferentes

O mais perfeito serviço de assistência absolutamente gratuito

REP. NOVIDADES NECONSAR, LDA. Rua do Telhal, 43-2.º LISBOA Telef. 366478



atum Bom petisco

UMA REFEIÇÃO COMPLETA...

...COM RAPIDEZ ...COM ECONOMIA ...PARA TODA A FAMÍLIA

SÓ COM

ATUM «BOM PETISCO»

EM POUCOS MINUTOS PODERÁ PREPARAR UMA REFEIÇÃO SABOROSA, SUCULENTA, DE BAIXO PREÇO E ALTA QUALIDADE

LEMBRE-SE DO ATUM «BOM PETISCO»

Garantia de qualidade impressa na própria lata

Adega Cooperativa de Lagoa

S. C. R. L.

Telefone 57 LAGOA (Algarve)

Tem à venda os seus apreciados produtos

A granel:

Vinhos: Branco, Tinto e Aguardente Bagaceira

Engarrafados:

Garrafas, 1/2 garrafas e garrafões

Vinhos: Branco, Tinto, Abafado e Atonso III

Aguardentes: Velha Bagaceira

VINHO AFONSO III

É um vinho seco de óptima qualidade, e deve beber-se fresco como «Aperitivo»

Aguardente Velha Bagaceira

Envelhecida em cascos de carvalho, é de qualidade superior a qualquer conhaque

O POETA MÁRIO ANTÓNIO

NATURAL de Maquela do Zombo, onde nasceu em 1934, laureado num concurso literário promovido pela Associação dos Naturais de Angola, em 1951, distinguindo-se com o Prémio Camilo Pessanha da Agência Geral do Ultramar, em 1961, Mário António afirmou-se também como contista, crítico e ensaísta, surgindo, no consenso geral, como o mais válido expoente da moderna geração literária de Angola.

A sua produção literária encontra-se dispersa em jornais ou revistas quer da Metrópole, quer do Ultramar e figura na «Antologia da poesia negra de expressão portuguesa», nas colectâneas «Poetas Angolanos» e «Contistas Angolanos» e ainda na antologia «Poetas e Contistas Africanos de expressão portuguesa». (1) Publicou «Poesias», «Poemas & Canto Míudo», «Amor», «Gente para romance: Alvaro Lígia António», «A Sociedade Angolana dos fins do século XIX e um seu escritor», «Chingufo — Poemas Angolanos» e «100 poemas». Presentemente assina a «Carta de Angola» na revista «Colóquio».

«Canoas flutuando sobre as

águas, / recortes negros dos corpos contra o céu, / Vinde trazer-me a vossa quietação, / Dongos sombrios, quietos como eu. / (Sou-me dongo flutuando em minhas mágoas)».

Poesia de Africa, derivante do sentimento do poeta, válida, sincera, enquadrando-se no ambiente de uma sociedade em franco devir, é assim que concebo a poesia de Mário António.

É possível que se possa considerar a expressão poética de Mário António — em contraposição com a de Vieira da Cruz — como dotada de um lirismo menos musical, menos emotivo. Embora este problema pertença aos críticos e não a um simples divulgador, afirmo-me-me implícito o processo evolutivo da formação cultural de cada um dos poetas. Vieira da Cruz, como já tive ocasião de referir neste jornal, é um metropolitano que, aos 24 anos, se en-

por JORGE XAVIER MARTINS

quadra na realidade africana, é um poeta da «negritude» que parte de fora para dentro; Mário António é um angolano, mergulhado nessa mesma realidade, sem exotismos, universalista — não no sentido de que a poesia é só uma — na medida em que apreende as realidades circunstanciais que tornam a poesia comum ao género humano.

«Desato o nó da alma, abro as comportas: / Cerco-te, casa desprevenida na planície, / águas revoltas, bravas, que se amansam / em carícias e segredo à tua volta».

A poesia de Mário António é mais objectiva, o que não impede que o seu canto seja harmonioso, exprima emoção, saudade, amor...

Aliás, em meu entender, a poesia não deve ser discutida em termos de comparação; aceita-se e

(Conclui na 12.ª página)

O mar ameaça a praia de Faro

Depois de engolida pelo mar a língua de areia que durante anos incontáveis protegeu a povoação de Cabanas (Tavira), arremete agora o indomável gigante com a língua de areia que constitui a praia de Faro, onde as águas, segundo informa o nosso prezado colega «Folha do Domingo», têm chegado até ao parque de estacionamento junto da ponte que liga a ilha à terra firme. O facto é gravíssimo dado que na praia há algumas boas construções de alvenaria que podem sofrer danos. Prevenimos os proprietários das mesmas e os que nelas vivem que a maior parte do ano se verifica no próximo mês, às 2 e 57 do dia 13. Se o tempo se mostrar de mau cariz devem-se tomar algumas precauções.

JORNAL DO ALGARVE vende-se em Olhão na Tabacaria Moderna, Avenida da República, 46.

A MISSÃO DO ESCRITOR

pelo dr. MATEUS ROAVENTURA

O intelectual é responsável. Pesa sobre ele o dever de informar e esclarecer um público, que, por motivos vários, pode ser solicitado por aparências enganadoras. Se o erro subsiste, ou a verdade permanece oculta, só a ele — escritor, jornalista, homem de letras em geral — cabe a responsabilidade. Sempre assim foi.

Jamais a verdadeira literatura esteve afastada do meio social e se hoje caracterizamos as diversas épocas literárias por meia dúzia de nomes importantes, são eles sempre os mais significativos, os que melhor se integraram na sua época e que, com mais realismo e veracidade, desvendaram aos vindouros a alma do seu tempo e dos seus contemporâneos. Foi essa a missão de Sófocles e Eurípedes, de Fernão Lopes e Gil Vicente, de Hugo e Balzac, de Steinbeck e Mann. Nenhum deles se pode avaliar por escolas ou fronteiras, porque cada um, servindo o mesmo ideal — o homem — pertence ao património do Universo.

Maximo Gorki disse numa das suas famosas conferências (1934): «A independência da literatura de toda a política social levou a maioria dos escritores a restringir o círculo das suas observações reais, a privar-se de um vasto estudo dos costumes, a encerrar-se na solidão da sua alma, a contentar-se com o estéril conhecimento de si mesmo».

Quando o poeta se encerra no «seu» mundo e esquece o do semelhante, quando descreve paisagens fantásticas e tenta olvidar o sombrio panorama que o cerca, está condenado ao esquecimento e ao repúdio, e a sua obra pouco significará além de um brilhante jogo de palavras mais ou menos imaginativo. Se o poeta «é um vidente» — como o afirmou Rimbaud — tem uma missão a cumprir, missão séria e grave, cruel talvez, mas necessária e urgente. Mas Jacob deu um dia esta definição: «Le monde dans l'homme — tel est le poète moderne».

Nos nossos dias, não há outro caminho a seguir. O Homem é o fulcro do conflito que se trava em todo o Mundo. A melhor contribuição do intelectual para chegar a esse objectivo é dizer a verdade. Mas estará o escritor sempre em situação de a poder dizer, sem arriscar a sua liberdade? Eis um importante problema que se tem debatido várias vezes no nosso tempo. A História responde a esta questão. Jamais, nas condições políticas mais absurdas, deixou de haver grandes pensadores, que se mantiveram íntegros e independentes continuando a informar e a interpretar a sua época. Em sistemas políticos de força, nunca deixou de haver literatura livre, de acção e de combate. Assim podemos classificar os poetas franceses da Resistência, ou um Tibor Gary durante a dominação russa da Hungria, ou ainda um Boris Pasternak, que, embora retido na União Soviética, foi Prémio Nobel do chamado Mundo Livre.

Através de todos os regimes, o escritor pode conservar-se puro e independente e essa é, sem dúvida, a melhor maneira de servir a sua Arte e o Homem. Muitas vezes, o intelectual se lamenta do meio em que vive, o qual o impede de manifestar-se. Mas por isso deve desistir de lutar? Porquê? Medo ou mediocridade? E se o pensamento do escritor surge sempre através da actuação das suas personagens, sigamos o conselho de Sartre: «Voulez-vous que vos personnages vivent? faites qu'ils soient libres». Jamais essa liberdade se poderá manifestar com grilhões intelectuais. Estes, sim, constituem as verdadeiras prisões, cárceres sem grades mas abafantes, atordoadores e sombrios, que conduzem ao desespero, ao suicídio e à mentira, constantes do nosso século em que os homens negam verdades fundamentais na defesa de falsos valores, secundários e transitórios.



CENTRITUB

MANILHAS DE CIMENTO CENTRIFUGADO



PARA CANALIZAÇÕES DE ÁGUAS, PARA REGAS E ESGOTOS

Diâmetros que se fabricam: 0,10 - 0,13 - 0,15 - 0,20 - 0,25 - 0,30 - 0,35 - 0,40 - 0,50 - 0,60 centímetros, todas com um metro de comprimento

CURVOS, TÊS E BOCAS DE REGA COM VÁLVULA METÁLICA

O material pode ser levantado na fábrica ou colocado em quantidades em qualquer ponto do Algarve

Pedidos ao fabricante e concessionário CENTRITUB para o Algarve:

JOSÉ PEREIRA JÚNIOR

Estrada da Penha, 43 Telefone 416 FARO

Peça CENTRITUB, um tubo barato de alta qualidade e magnífica apresentação

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

EXERCÍCIO DE 1963

PORTO-LISBOA

Alhos Vedros — Almada — Aveiro — Beja — Castanheira de Pera — Coimbra — Estarreja — Évora — Fafe — Faro — Figueira da Foz — Grândola — Lagos — Matosinhos — Monção — Montijo — Mortágua — Odemira — Póvoa de Varzim — Riba d'Ave — Santo Tirso — S. João da Madeira — Tondela — Vila Nova de Famalicão — Vila Real de Santo António — Funchal — Horta (Faial) e Ponta Delgada (São Miguel) Açores — Amial — Ceuta — Gonçalo Cristóvão — Júlio Dinis — Mousinho da Silveira — Padrão — Sá da Bandeira e Santa Catarina (Porto) — Alcântara — Almirante Reis — Alvalade — Avenida da Liberdade — Campo d'Ourique — Conde Barão — Corpo Santo — Martim Moniz — Poço do Bispo — Praça de Londres — Restauradores — Saldanha e S. Sebastião da Pedreira (Lisboa)

SENHORES ACCIONISTAS:

1 — O ano de 1963, a que respeitam o Balanço e as Contas que juntamente com o presente documento vos submetemos, constituiu um período notoriamente demonstrativo do alto grau de dinamismo que caracteriza a actuação do nosso Banco no mercado monetário e exprime, na representação contabilística do exercício, a prestigiosa posição por ele ocupada nos postos cimeiros do sistema de crédito nacional.

2 — Com efeito, os números do Balanço evidenciam um assinalável movimento de afluxo de capitais à nossa Instituição, que lhe permitiu acorrer às crescentes solicitações de crédito apresentadas pelas actividades económicas do País. Esses surtos exprimiram-se por um acréscimo notável do volume dos depósitos, com uma subida de mais de um milhão e quatrocentos milhares de contos em relação aos do Balanço de 62 — de 4.212.541.096\$18 para 5.656.871.350\$28 —, e por uma expansão não menos significativa do crédito distribuído, que cresceu em mais de 30% e apresentava em 31 de Dezembro último o saldo de cerca de quatro milhões duzentos e cinquenta milhares de contos.

Assim, o movimento crescente dos depósitos — encaminhados para o nosso Banco sem alteração saliente no seu conjunto da participação da componente a prazo — possibilitou-nos não apenas conceder um mais vasto apoio ao comércio interno e externo do País, como ainda prestar activo concurso financeiro a empreendimentos industriais, sempre ajustando a nossa linha de orientação ao imperativo do desenvolvimento económico nacional.

3 — Paralelamente ao notável incremento da actividade creditícia do nosso Banco, merece relevo o crescente volume das operações de Garantias, que se acham representadas no Balanço por mais de um milhão e duzentos milhares de contos, e o alto conceito com que os nossos Serviços de Títulos continuam a ser distinguidos pelo público, conforme se deduz da verba de quatro milhões quatrocentos e cinquenta milhares de contos, constituída pelo valor dos títulos confiados à nossa guarda e administração.

4 — No capítulo de Valores Mobiliários, será útil referir que, por efeito da nossa intervenção, em Janeiro de 1963, a SOGELUX — Société de Gestion Luxembourgeoise resolveu adquirir valores de Bolsa

portugueses, o que fez por nosso intermédio. Foi a primeira compra de títulos efectuada no País por um Fundo de Investimentos Internacionais. O nosso Banco orgulha-se de ter participado na iniciativa que reabriu, assim, as portas do mercado internacional de capitais aos valores da Bolsa de Lisboa.

A SOGELUX — Société de Gestion Luxembourgeoise gere um dos mais importantes Fundos Europeus de Investimentos Internacionais e é administrada por delegados do nosso Banco e ainda dos Bancos: Banque Internationale à Luxembourg, Banque de Bruxelles, Banque Belge pour l'Industrie, Banca Nazionale del Lavoro, Den Norske Creditbank, Bankhaus C. G. Trinkhaus, Banque de l'Union Parisienne, Rotterdamsche Bank e Commerzbank A. G.

5 — A fim de servir a expansão, modernização e robustecimento das nossas indústrias, e incentivar iniciativas no campo da produção nacional e do turismo, associámo-nos, com outros importantes organismos bancários nacionais e estrangeiros, à fundação da LUSOFINA — Sociedade de Estudos Financeiros SARL, que iniciou a sua actividade há poucos meses.

6 — O propósito, que sempre nos animou, de proporcionar aos nossos clientes uma ampla rede de serviços bancários concretizou-se, em 1963, por mais duas iniciativas que tiveram assinalável êxito: o Serviço de Administração de Propriedades, posto a funcionar nos dois estabelecimentos principais do Banco, no Porto e em Lisboa, e o Serviço de Cheques de Viagem que cobre toda a Metrópole.

Os novos cheques, utilizados largamente pela nossa clientela, têm sido aceitação generalizada, graças à forma como servem a comodidade dos portadores e o interesse turístico do País.

7 — No decurso de 1963, o capital social do nosso Banco, que desde 1960 era de cem milhões de escudos, foi elevado para duzentos milhões de escudos. Esta medida operou-se pela incorporação no capital de uma retirada de cem milhões de escudos das nossas reservas, constituída para os senhores accionistas justa compensação do sacrifício que aceitaram ao aprovarem modestas remunerações ao seu capital, e atesta, simultaneamente, a solidez patrimonial obtida através da orientação dada aos negócios do Banco.

8 — De acordo com as autorizações ministeriais

expressas no termo de 1962, o nosso Banco instalou no ano findo uma Agência na Vila de Alhos Vedros e uma Dependência na cidade do Porto, no Amial. A nossa extensa rede de clientela nesta cidade foi ainda, em 1963, servida pela abertura de uma outra Dependência, em Júlio Diniz, que foi superiormente referida em Agosto último.

A par desse movimento, estabelecemos as directrizes tendentes à modernização e reequipamento das instalações em diversas Agências, por forma a que as mesmas possam continuar a corresponder à comodidade do público e à desejável eficiência dos serviços. Em seguimento dessa orientação, foram amplamente remodeladas as instalações das Agências de Coimbra, Estarreja, Funchal, Ponta Delgada e Horta.

9 — Também foi notável a progressão registada pelo nosso afiliado Banco Comercial de Angola, que hoje representa uma das forças económicas mais relevantes daquela Província Ultramarina, com um volume de depósitos que ultrapassa o milhão de contos, permitindo-lhe ampla e frutuosa intervenção no desenvolvimento da riqueza daquela parcela de Portugal.

A quando da visita verdadeiramente triunfal, do Venerando Chefe de Estado à Província de Angola, o Presidente do vosso Conselho de Administração ali compareceu. Foi essa uma oportunidade para se reinteirar do apreço em que são tidos os serviços daquele Banco e a sua preponderante acção no fomento das actividades económicas.

10 — Como consequência do aumento do volume de operações realizadas pelo Banco, a Conta de Lucros e Perdas apresenta um nível de Receitas Gerais sensivelmente superior ao do ano anterior — 243.557.237\$58 contra 200.768.862\$00 — tendo esta diferença excedido a subida verificada nos Encargos Gerais — 202.171.799\$28 contra 165.743.281\$10 — facto que conduziu ao apuramento de um lucro líquido mais elevado do que o dos exercícios anteriores.

Efectivamente, abatidos os encargos e despesas do Banco, amortizado competentemente o custo de obras, máquinas e utensilagem e, ainda feitas as provisões correspondentes às dívidas de cobrança demorada ou incerta e diversas outras, resultou um lucro líquido de 41.385.438\$30 que, adicionado ao saldo

do exercício de 1962, totaliza

Esc. 41.425.342\$00

para o qual propomos a seguinte distribuição:

Fundo de Reserva Legal	4.142.534\$20
Fundo de Reserva Variável	18.357.465\$80
Dividendo	16.000.000\$00
Conta Nova	2.925.342\$00

41.425.342\$00

Se esta proposta merecer a vossa aprovação, as Reservas, Legal e Variável, ascenderão a 85.000.000\$ e a soma do Capital e Reservas será de 285 milhões de escudos.

11 — Ao abrigo das disposições estatutárias, foi chamado, em Setembro, para o exercício do cargo de Administrador o Sr. Eng.º Alberto Saraiva e Sousa que, na Administração pública e privada, desempenhara já altas funções.

Terminou o triénio para que foram eleitos os actuais Corpos Gerentes. Deveis, portanto, proceder a novas eleições.

12 — Não queremos terminar o Relatório sem testemunhar ao Conselho Fiscal o nosso reconhecimento pela pronta e esclarecida colaboração que dispensou aos nossos trabalhos.

Igualmente é devido o mais rasgado louvor aos Directores Gerais, Srs. Eng.º João Carlos Sobral Meireles e Dr. José Fernando Rivera Martins de Carvalho, e Secretário Geral, Sr. Artur Luis Cupertino de Miranda, pelo devotamento e proficiência com que exerceram os seus cargos.

Os Directores, Subdirectores e restantes Procuradores, bem como os demais funcionários e correspondentes, são também dignos do vosso melhor apreço pela inteligência, dedicação e zelo com que serviram o Banco.

Porto, 14 de Janeiro de 1964.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

(aa) Arthur Cupertino de Miranda — PRESIDENTE
Dr. Acácio Domingos Barreiro
Dr. Alberto Pires de Lima
Braz Cabrita de Almeida Onda
Eng.º Alberto Saraiva e Sousa

Balanço em 31 de Dezembro de 1963

ACTIVO				PASSIVO			
DISPONIVEL E REALIZAVEL				EXIGIVEL			
Caixa e Depósitos no Banco de Portugal	956.289.969\$89			Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	3.809.135.609\$99		
Depósitos noutras Instituições de Crédito	161.069.307\$37			Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	807.555\$90		
Promissórias de Fomento Nacional	81.000.000\$00	1.198.359.277\$26		Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	1.846.317.717\$69		
				Depósitos a Prazo — Moeda Estrangeira	610.466\$70	5.656.871.350\$28	
Correspondentes no Estrangeiro	494.113.367\$57			Cheques e Ordens a Pagar	42.470.308\$21		
Ouro, Moedas e Notas Diversas	7.536.935\$07			Exigibilidades Diversas	2.660.251\$47		
Carteira de Títulos e Cupões	163.685.383\$81			Correspondentes no País	1.577.555\$04		
Carteira Comercial	3.067.572.491\$64			Correspondentes no Estrangeiro	430.161\$60		
Letras sobre o Estrangeiro	313.143.956\$75			Empréstimos e Contas Correntes Caucionadas	10.977.402\$88		
Correspondentes no País	136.070.758\$15			Devedores e Credores	131.993.802\$92	190.109.482\$12	5.846.980.832\$40
Empréstimos e Contas Correntes Caucionadas	416.384.838\$68						
Devedores e Credores	370.007.309\$18	4.989.354.128\$95	6.187.713.406\$21	NAO EXIGIVEL			
Outros Valores Realizáveis	20.839.088\$10			Contas Diversas e Provisões			211.990.892\$42
				CAPITAL E RESERVAS			
IMOBILIZADO							
Participações Financeiras		78.260.967\$60		Capital	200.000.000\$00		
Imóveis	40.813.596\$49			Fundo de Reserva Legal	22.085.407\$86		
Amortização (a deduzir)	5.957.128\$00	34.856.468\$49		Outros Fundos de Reserva	40.414.592\$14	262.500.000\$00	
Outros Valores Imobilizados	2.250.000\$00			LUCROS E PERDAS			
Amortização (a deduzir)	2.000.000\$00	250.000\$00	113.367.436\$09	Saldo do Exercício anterior	39.903\$70		
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO					Resultado do exercício	41.385.438\$30	41.425.342\$00
Contas Diversas				CONTAS DE ORDEM			
				Credores por Valores de Conta Alheia	4.865.920.671\$73		
CONTAS DE ORDEM					Credores por Valores Recebidos em Caução	2.590.261.439\$34	
Valores de Conta Alheia		4.865.920.671\$73		Garantias e Avals Prestados	1.210.444.232\$55		
Valores Recebidos em Caução		2.590.261.439\$34		Aceites	541.830.223\$79		
Devedores por Garantias e Avals Prestados	1.210.444.232\$55			Créditos Abertos	159.720.097\$19	1.911.994.553\$53	
Devedores por Aceites	541.830.223\$79			Outras Contas de Ordem	437.435.051\$06	437.435.051\$06	
Devedores por Créditos Abertos	159.720.097\$19	1.911.994.553\$53	9.805.611.715\$66				9.805.611.715\$66
Outras Contas de Ordem	437.435.051\$06						16.168.508.782\$48
			16.168.508.782\$48				

O Chefe da Contabilidade, Fernando Barbosa

O Presidente do Conselho de Administração, Arthur Cupertino de Miranda

Conta de «Lucros e Perdas» do Exercício de 1963

DÉBITO				CRÉDITO			
Juros e Comissões a nosso cargo	83.775.475\$51			Saldo do exercício anterior			
Contribuições e Impostos	6.650.968\$90			Juros e Comissões a nosso favor	207.536.209\$51		39.903\$70
Despesas com o Pessoal	52.348.533\$10			Resultados em operações cambiais e sobre títulos	24.691.812\$02		
Despesas Gerais	15.750.758\$73			Rendimento de títulos de crédito	4.666.826\$98		
Encargos Diversos	1.104.981\$20			Outros rendimentos, receitas e lucros	6.662.389\$07	243.557.237\$58	
Provisões e Amortizações	42.541.081\$84						
		202.171.799\$28					
Saldo		41.425.342\$00					
			243.597.141\$28				

Poetas menores do romantismo

Emílio e António Deschamps

(Conclusão da 9.ª página)

champs, o seu amigo de infância Alfredo de Vigny, o jovem Vitor Hugo, que contava 18 anos e tinha conseguido já, os seus primeiros êxitos, o «Toulousain» Soumet em vésperas de ingressar na Academia, o conde Gaspard de Pons, cuja amizade por Hugo e Vigny não havia de resistir aos seus triunfos, o conde France d'Houedetot, glorioso inválido de Trafalgar, Jules de Réseguier e alguns mais.

Jaques Dechamps, que contava cerca de oitenta anos, continuava sendo jovem de coração e de espírito e não era raro vê-lo rodeado de mulheres jovens sensíveis à sua alegria e à sua sedução. De espírito desperto e esquisita cortesia, recordava ter vivido na intimidade dos melhores escritores do século XVIII, especialmente de Jean-Jacques Rousseau, o que quicá lhe serviu para compreender melhor e para estimular a inspiração revolucionária dos jovens românticos. Casado em idade madura com uma rapariga da nobreza, Mlle. de Mauussabré, foi amigo do conde Leon de Vigny, pai do poeta e considerava este como seu terceiro filho.

A amizade de Alfredo de Vigny por Emílio e sobretudo por António Deschamps foi a mais constante e segura da sua vida. Se insistimos neste ponto é não só porque a história do romantismo está cheia de amizades quebradas como porque os irmãos Deschamps, sobretudo Emílio — pois António vivia afastado das agitações mundanas — precisaram de certa abnegação para manter puro o seu afecto, pois no caminho literário que todos seguiram não tiveram a mesma sorte: à medida que se firmava a glória de Vigny, a notoriedade de Emílio Deschamps ia desaparecendo e no entanto este não teve nunca o menor gesto de inveja e reconheceu sempre o génio do seu companheiro, ele que não tinha sendo talento. Tinham dado juntos os primeiros passos nas páginas vibrantes da «Muse Française», fundada por Emílio Deschamps e que foi a primeira revista romântica, a primeira publicação que deu realidade à existência do «Cénacle». Juntos também escreveram uma tradução de «Romeu e Julieta»; Emílio Deschamps incumbiu-se dos três primeiros actos e Vigny dos dois últimos. Mas a ideia de levar as peças de Shakespeare ao Teatro Francês, de fazer dele o ídolo da escola nascente, foi de Emílio Deschamps. Pretendia que entre uma época poética e a seguinte só podia haver quebra ou decadência: «os grandes génios literários esgotam toda a seiva do seu tempo e os seus continuadores têm forçosamente que degenerar». «O tempo das imitações já passou — escrevia — há que criar ou traduzir». E talvez porque, sem o confessar, não sentia vibrar nele a força criadora, preconizava a tradução dos grandes espíritos estrangeiros como fonte renovadora. Vigny deixou-se aliciar ao princípio por estas teorias, mas génio essencialmente criador, imprimiu às suas traduções acento pessoal e serviram-lhe elas de trampolim para se revelar a si próprio. «Romeu e Julieta» foi aceite pela Comédia Francesa, o que encheu de esperanças Deschamps; sofreu porém um desenganho pois não foi com esta peça mas com «Othelo», traduzido somente por Vign

ny, que Shakespeare foi apresentado ao público francês. Era compreensível que Deschamps tivesse sentido um certo despeito; mas nada disso; sentiu apenas um pouco de tristeza e aplaudiu sem reservas o êxito do seu amigo. «O essencial — escreveu — era que se fizesse a experiência de Shakespeare e tinha maiores probabilidades de êxito com «Othelo», que é só de Vigny, do que com o nosso «Romeu». Modéstia pouco corrente no mundo das letras, mas pode admitir-se que Deschamps se consolava pensando que graças ao êxito de «Othelo», «Romeu» vendria por fim as luzes da ribalta. Insistiu mais de uma vez neste sentido com Alfredo de Vigny e sofria por ver o pouco entusiasmo que este punha em satisfazê-lo. Cansado por fim, resolveu traduzir os dois actos já traduzidos por Vigny e publicar a sua versão. Este incidente que poderia tê-los malquistado, não influiu na sua amizade e Deschamps continuou elogiando o génio de Vigny e Vigny continuou prestando serviços a Deschamps.

No ano seguinte, 1828, Emílio Deschamps publicou a sua obra capital, a única que ainda hoje se lê: «Etudes françaises et étrangères»; ao lado de poesias originais a obra compreende a tradução de «La Cloche», de Schiller e várias traduções de Goethe. O facto é importante na história do romantismo pois foi a primeira vez que um poeta traduziu Goethe para o francês; é certo que Hyacinthe de Latouche — com quem Deschamps escreveu uma comédia em colaboração — tinha já traduzido baladas alemãs e lendas populares, mas descurou-se em dá-las a conhecer e quando anos depois as publicou os românticos tinham já sofrido a influência dos poetas alemães, tanto que Latouche escreveria: «Enquanto ganhava o pão com o suor do meu rosto, roubaram os meus conventos, penetraram nos meus torresões, atravessaram as minhas pontes levadas e as minhas poternas; atribuíram-se os meus aparecidos, apoderaram-se dos meus fantasmas e encovilharam as minhas vestiduras velhas, novas ainda há dez anos. Mas mais importante ainda que as traduções de Schiller e de Goethe é o prefácio de Emílio Deschamps, verdadeiro manifesto da escola romântica, que teve o mérito de ser publicado um ano antes que o famoso prefácio do «Cromwell», de Vitor Hugo, o qual, no entanto, se cita sempre como o verdadeiro programa dos românticos. O prefácio de Emílio Deschamps teve ressonância considerável no seu tempo e valeu ao seu autor a cruz da Legião de Honra. É notável, não só pela lucidez e o valor crítico como também pelo estilo e a compreensão do papel da poesia: «A grande poesia francesa da nossa época — escrevia — parece-nos representada por Vitor Hugo, Alfredo de Vigny e Lamartine, tanto pelo seu talento como por ele ter sido aplicado a géneros dos quais a nossa língua não oferece senão modelos incompletos: épico, lírico e elegíaco». O elogio que fazia dos seus três amigos, cuja superioridade reconhecida, inteligente e sem reservas, demonstra o quilate do seu coração; continuava fiel aos princípios do «Cénacle»; entre companheiros de armas não havia lugar para rivalidades; cada qual, segundo as suas forças e as suas aptidões, trabalhava na obra comum.

Além disso amava acima de tudo a poesia: «Em Paris — dizia — a poesia é motivo de discussão, não de amor; não há país onde se fale tanto dela e

onde menos se a aprecie... e no entanto, a glória é mais bela em França que em qualquer outra parte, e os grandes homens estrangeiros procuram o sufrágio de Paris, como antanho o de Atenas...»

Esse prefácio que contém um quadro completo da poesia francesa e páginas notáveis pela originalidade e estilo e que surpreendeu profundamente Goethe, liga de modo indiscutível o nome de Emílio Deschamps ao nascimento do romantismo e incita-nos a conhecer melhor a sua figura e o seu coração esquisito. «Se as massas são vulgares em França em nenhuma outra parte os indivíduos são tão distintos», lê-se nesse prefácio. Emílio Deschamps foi um desses indivíduos superiores e se careceu de génio, teve a sabedoria de não sentir amargura por isso, de reconhecer os seus limites e de pôr o talento que tinha ao serviço do génio de Alfredo de Vigny.

Seu irmão António não era menos encantador; tinha maior mérito, pois a sua vida foi dolorosa. Neurasténico, um pouco louco e até completamente louco em certos períodos, teve a consolação de contar com dois amigos: o seu médico, o célebre alienista dr. Blanche, que o alojava por tempo mais ou menos dilatado na sua clínica, e Alfredo de Vigny que lhe demonstrou por toda a vida um terno afecto; Alfredo de Vigny, do qual se disse que, «ninguém viveu nunca na intimidade do conde de Vigny, nem sequer o próprio conde de Vigny», amparou no entanto António Deschamps e com frequência tinha com ele desabafos.

António cultivava uma paixão: Dante, o qual traduziu e ao qual fisticamente se parecia. Esta tradução e as suas «Impressions d'Italie» foi o que de melhor produziu; mas os seus versos, «lacónicos, severos e nervosos» não são de desconsiderar. Nota-se a influência de Dante: «a ambição, essa esposa que se acolhe quando já não se tem amantes». «A poesia que vos perdeu — escrevia-lhe Vigny — salvou-vos. Conservareis toda a vida na frente o rastro da tempestade, mas a vossa alma continua intacta sob essa fronte mutilada. Quem melhor do que vós sentiu e exprimiu a santidade da amizade, a ternura das lembranças, a grandeza da resignação na mais cruel das doenças e a casta adoração das artes dominando a vossa vida inofensiva!»

Tremendamente distraído ao ponto de se dirigir a Inglaterra «sem mala, sem chapéu e com um lenço na mão» e deter-se em Boulogne porque, bem pensado, desagradava-lhe atravessar o canal da Mancha, foi de precária saúde e pensava sempre que ia morrer; quicá fosse também efeito da sua distração. «Enterrar-nos-á a todos», diziam sorrindo os seus amigos; a piedade e a ironia misturavam-se nesse sorriso. O facto é que muito doente, sempre deitado, não saindo senão de noite para visitar Vitor Hugo ou Vigny, não dormindo nunca, sempre calado e passando largas temporadas entre os loucos, enterrou-os a todos. Enterrou até o seu médico, o dr. Blanche, como refere M. Ernesto Dupuy, notável historiador das amizades de Vigny. Enterrou o próprio Vigny, a quem preocupava a sorte de António depois da morte do dr. Blanche. E pouco faltou para que sobrevivesse a seu irmão Emílio, o qual cego, só, tendo perdido os melhores amigos dos primeiros tempos do romantismo, morreu em 1871, aos setenta anos de idade.

Max Dalreux



TRANSPORTES FÉLIX & CRUZ, LDA.

OLHÃO

- ★ A maior organização de transportes de carga de aluguer do sul do País.
- ★ CAMIONS próprios.
- ★ Serviços rápidos e eficientes.
- ★ Máxima segurança para as vossas mercadorias.

Agentes exclusivos dos CAMIONS e peças



berliet

Nos distritos de Beja e Faro

Sede em Olhão

Rua Manuel Tomé Viegas Vaz, 4 e 6 — Telfs. (PPC) 96 e 187

Sucursais

LISBOA — Rua Cais do Tójo, 34, Telfs. 663540 e 666085 — Av. 24

de Junho, 92-B, Telfs. 665962 e 662832 • VILA REAL

DE SANTO ANTÓNIO — Rua de Angola, Telef. 158 • TAVIRA —

Estrada Nacional, Telef. 158 • FARO — Largo do Mercado, 58,

Telef. 567 • PORTIMÃO — Rua D. Carlos I, 53-A, Telef. 589

• LAGOS — Rua Conselheiro Joaquim Machado, 15 r/c, Telef. 288

COZINHEIRA

Precisa-se para casa particular de 3 pessoas. Ordenado mensal 500\$00.

Dirigir à Farmácia Carmo em Vila Real de Santo António.

O poeta Mário António

(Conclusão da 10.ª página)

compreende através daquilo que o poeta tem para nos dizer: «Desato o nó da alma, abro as comportas; / Cerco-te, casa desprevenida na planície, / águas revoltas, bravas, que se amansam / em carícias e segredo à tua volta».

A poesia de Mário António traduz toda a vibração da sua alma de poeta, sem complexos existenciais, num misto de compaixão e de esperança por vezes angustiosa: «Chuva, mãe dos poetas, minha amante, / lava às acácias o san-

guíneo canto, / cala a voz das cigarras e o meu pranto!».

Extraordinário, também no poeta, é o seu poder de humanização, daqui resultando a grande Verdade da sua poesia, a sua comunicabilidade...

«Avôzinha, às vezes, / ouço vozes / que te segredam saudades / da tua velha sanzala / da cubata onde nasceste / das algazaras dos óbitos / das tentadoras mentiras do quimbanda / dos sonhos de alambamento / que supunhas me-recer, / E penso que / se pudes-ses / talvez revivesses / as velhas tradições!» — Jorge X. Martins

ALBUHEIRA

Est. Comerc. de Frutos do Algarve, Lda.

ALBUFEIRA / Portugal

PRODUTORES E EXPORTADORES DE

FIGOS
PASTA DE FIGO
AMÊNDOAS
ALFARROBAS



SEGURE BEM OS SEUS HAVERES

COMPANHIA DE SEGUROS

MUTUALIDADE

Lisboa: Rua 19 Dezembro 101-119, Telef. PPC 325363 • Porto: Rua 56 da Bandeira 52, Telef. 21588

SEGURO NA MUTUALIDADE FICA BEM SEGURO

IOGURTE VENEZA

"A saúde à sua mesa"

As crianças precisam de uma saúde perfeita para suportarem um enorme dispêndio de energia.
Mas... só há saúde se os intestinos funcionarem regularmente.

Dêem-lhes pois IOGURTE VENEZA!

À venda no Algarve

Lagos
Portimão
Praia da Rocha
Faro
Olhão
Monte Gordo
Vila Real S. António

Estalagem S. Cristóvão
Salão Império
Fortaleza
Café Aliança
Café Brasileira
Produtos Alimentares Danúbio, Lda.
Pastelaria Império
Café Fermo

Fábrica de Iogurte Veneza, Lda.

R. Jorge Ferreira de Vasconcelos, 8—Telefone 763697—LISBOA

ALGARVE DE ONTEM — IX

Salpicos da nossa história

ENTRETANTO em Toledo falecera Hisham, filho e sucessor de Mamum. Seguiu-lhe no trono Al-Kadir, não sabemos se outro filho de Mamum ou se neto.

Afonso VI que havia muito fazia de Toledo o alvo das suas idéias e ambição, resolve tirar a máscara e declara terminada a aliança com os toledanos, alegando que Al-Kadir não fora abrangido por ela. E logo —corria o ano de 1048— começou a preparar-se para uma esmagadora campanha contra a cidade que o asilara e contra o descendente do bondoso velho que tanto lhe quisera e tanto o protegera quando destronado e fugitivo.

Em Sevilha, ao ter conhecimento deste rompimento, Ammar sorriu vitorioso, certo de que nada impedia já que a aliança entre Motamid e Afonso se tornasse uma realidade. Entabulou conversações com o rei católico que, seduzido pelas suas sugestões e projectos, firmou uma aliança com Sevilha contra Toledo e Badajoz. De acordo mútuo, esta aliança obrigava Motamid a desistir da conquista de Toledo e Afonso da de Badajoz e Malaca.

O pacto servia os desejos dos dois aliados e a ambos satisfazia plenamente. Livre do perigo que Afonso constituía, Motamid podia estender o seu domínio por Múrcia, Malaca e Badajoz. Por sua vez Afonso, não tendo já que recear a acção de Motamid, podia em pregar todas as suas forças contra Al-Kadir e os aliados deste. Mas este convénio, que foi colhido com júbilo pelos súbditos e povo de Afonso, deixou frios e descontentes os muçulmanos, especialmente os maometanos inimigos mortais, pela fé, dos católicos e devotos da unificação da Espanha árabe. Havia também o grupo constituído pelos muçulmanos sensatos e duvidosos da palavra de Afonso, e para estes a aliança negociada por Ammar estava longe de representar um salvo-conduto. Eles que viram a facilidade espantosa com que o católico quebrou o compromisso contraído com Toledo, receavam a sua acção quando, depois de absorver todos os principados que eram agora o seu alvo, já nada mais tivesse que fazer por essas bandas. Havia ainda os que reproavam a aliança Sevilha-Leão apenas porque eram inimigos de Ammar, mas este grupo já é sobejamente nosso conhecido para que nos ocupemos a falar dele agora. Como vemos, o descontentamento que a aliança com Afonso gerou entre os sevilhanos era grande e de diversas origens, mas ninguém se atrevia a falar abertamente porque Motamid se mostrava satisfeito e confiante nela.

O tempo ia correndo e Ammar dirigindo os negócios do Estado e dando as melhores alcaidarias e castelos a seus filhos, parentes e amigos, num descarado propósito de favoritismo pelos seus partidários. Isto fazia com que o número dos inimigos do seu nome aumentasse dia a dia e muitos eram os nobres e senhores de real valor que, por se sentirem humilhados e lesados, se bandeavam com Ibn-Scidum.

Entretanto o valido não esquece o revés de Múrcia, o único que sofrera em toda a sua carreira de guerreiro e diplomata. Motamid concede-lhe um exército e ele parte, mas de caminho passa por Córdova e reúne às suas tropas a cavalaria que ali se encontrava. Em seguida retoma a marcha e chega às proximidades de Velez Rubio (então chamada Baldj), onde trava conhecimento com um árabe chamado Rashic Acompanhado deste novo amigo, Ammar põe cerco a Múrcia e cedo se rende a fortaleza de Mula. Certo de que Múrcia se renderia igualmente, o silvense confia o resto da empresa a Rashic e regressa à corte onde a sua ausência se fazia sentir.

Por intimamente compartilhar da dúvida que inquietava grande parte do reino acerca da segurança que a aliança com Afonso oferecia, Ammar estuda a maneira de estreitar e consolidar esse pacto. A ideia surge-lhe, enfim, e Motamid aceita com prazer negociar o casamento de sua filha Laída com o aliado. Afonso sorri apaixonado e o casamento é celebrado, não obstante ele ser casado com Constância de Boronha.

Que Motamid tivesse concordado com este casamento não espanta porque a poligamia era autorizada pela sua reli-

gião e muitas eram as vantagens que esperava dessa união, além de lisonjeá-lo bastante ter uma filha casada com o maior potentado da Península. Custa, porém, acreditar que Afonso tenha concordado com este acto de poligamia, pois sendo monarca católico cometeu assim a mais grave heresia. Mas a verdade é que a história nos relata, por mais estranho que pareça, ter Afonso recebido Laída como «legítima esposa» e ter sido celebrante do acto o bispo de Tuy.

Este enlace foi sempre reprovado pela mãe de Laída, a sultana favorita de Motamid e que já vimos entre o número de adversários e inimigos de Ibn-Ammar. Nunca ela se habituou à ideia do casamento da filha e, depois de o facto consumado, passou a guardar verdadeiro rancor ao seu negociador. Nunca perdoaria o homem que levantou a ideia dessa união e convenceu o marido a entregar a filha, tão criança e tão bela, a um cristão inimigo da raça e fé árabes. Também o povo muçulmano olhava com horror esse casamento e não se conciliava com a ideia de ver uma princesa sua no palácio de um católico que lhe anteporia outra esposa, a única legítima segundo o seu credo. Igual sentimento dominava os católicos que consideravam o segundo casamento do seu rei um sacrilégio. E a má vontade de toda esta gente convergia para Ammar, o responsável, na verdade, pela união.

Indiferentes à opinião geral, Ammar e Motamid congratulavam-se por esse casamento. Ammar julgava ter realizado a sua melhor cartada diplomática. Motamid via já toda a Península dividida em duas partes: a muçulmana sua; a católica de Afonso. E continuando o seu sonho ambicioso, via, num futuro não muito longínquo, os seus netos reinando em toda a Península.

A prosperidade do Banco Português do Atlântico

Pelo relatório que noutro local publicamos, verificarão os nossos leitores o grau de prosperidade alcançado pelo Banco Português do Atlântico, instituição ligada à nossa Província onde tem, por enquanto, agências em Faro, Lagos e Vila Real de Santo António, que óptimos serviços têm prestado à economia do Algarve.

concluiu com a ideia de ver uma princesa sua no palácio de um católico que lhe anteporia outra esposa, a única legítima segundo o seu credo. Igual sentimento dominava os católicos que consideravam o segundo casamento do seu rei um sacrilégio. E a má vontade de toda esta gente convergia para Ammar, o responsável, na verdade, pela união.

Indiferentes à opinião geral, Ammar e Motamid congratulavam-se por esse casamento. Ammar julgava ter realizado a sua melhor cartada diplomática. Motamid via já toda a Península dividida em duas partes: a muçulmana sua; a católica de Afonso. E continuando o seu sonho ambicioso, via, num futuro não muito longínquo, os seus netos reinando em toda a Península.

DIVERSAS

OBRAS EM ESTRADAS — o sr. ministro das Obras Públicas, concedeu através do II Plano de Fomento, à Câmara Municipal de Aljezur as participações de 3.400\$00 e 6.900\$00, para obras do caminho municipal entre a estrada nacional n.º 120 (Aljezur) e a praça de Monte Clérigos e construção do caminho municipal de Maria Vinagre; à Câmara Municipal de Alportel a comparticipação de 2.100\$00, para execução de trabalhos da estrada municipal n.º 523 à estrada nacional n.º 2 e à Câmara Municipal de Castro Marim, a comparticipação de 13.400\$00, para reparação da estrada municipal n.º 503 à estrada nacional n.º 122 a Cachopo por Furnazinhas.

A Câmara Municipal de Vila do Bispo, foi autorizada a aplicar a importância de 117.865\$80, proveniente da alienação de terrenos, em obras nas estradas municipais n.ºs 535 e 573 e pavimentação de arruamentos em Budens e Barão de S. Miguel.

GUARDA FISCAL — Por se encontrar concluído foi entregue à Direcção Geral da Fazenda Pública o novo quartel da Guarda Fiscal de Vila Real de Santo António.

OBRAS DE ESGOTOS EM FARO — O sr. ministro das Obras Públicas, concedeu através do Fundo de Desenvolvimento a comparticipação de 180.405\$00, aos serviços municipalizados da Câmara Municipal de Faro, para obras de esgotos na cidade.

CARREIRAS DE CAMIONETAS — A Empresa Rodoviária Sotaventado do Algarve, Lda., requereu licença para exploração de uma carreira regular de passageiros entre Faro e Vila Real de Santo António, passando por Rio Seco, Meia Légua, Olhão, Marim, Quatrim, Fuseta (entroncamento), Murteira, Livramento, Luz, Varanda, Tavira, Conceição, Calana, Nora, Cacia, Cevadeiras, Altura, Gancho, Monte Gordo (cruzamento), Monte Gordo (praia), Monte Gordo (cruzamento), e Castro Marim (cruzamento), em substituição das carreiras Faro-Vila Real de Santo António (que não serve Monte Gordo (praia) e Monte Gordo (cruzamento)) e Monte Gordo (praia) exploradas pela requerente.

A mesma firma requereu licença para exploração de uma carreira regular de passageiros entre Faro e Vila Real de Santo António, passando por Cacia, Cevadeiras, Altura, Gancho, Monte Gordo (cruzamento), Monte Gordo (praia), Monte Gordo (cruzamento) e Castro Marim (cruzamento). Esta carreira, com a requerida na mesma data entre Manta Rota e Tavira, destina-se a substituir a que a requerente explora entre Tavira e Vila Real de Santo António.

Ainda a mesma firma requereu licença para exploração de uma carreira regular de passageiros entre Faro-Estação e S. Brás de Alportel (por Feral), passando por Campina, Conceição, Chaveca, Cruz da Espargueira, Murta, Peral e Barracha, em substituição da que explora entre as mesmas localidades, mas que não serve Chaveca.

— António Evaristo dos Santos, residente em Faro, requereu licença para exploração de uma carreira regular de passageiros entre Faro-Estação e S. Brás de Alportel (por Feral), passando por Campina, Conceição, Chaveca, Cruz da Espargueira, Murta, Peral e Barracha, em substituição da que explora entre as mesmas localidades, mas que não serve Chaveca.

TINTAS «EXCELSIOR»

Soliva

CONFECCÃO DE LATAS

PARA CONSERVAS DE PEIXE E OUTROS PRODUTOS
ILUSTRAÇÃO DE FOLHA DE FLANDRES



Soliva SOCIEDADE DE LITOGRAFIA E VAZIO, LIMITADA



VILA REAL DE STO. ANTONIO ALGARVE

I Concurso de Canções sobre Faro promovido pela Comissão Municipal de Turismo

A Comissão Municipal de Turismo de Faro promove a realização do I Concurso da Canção de Faro, com o fim de estimular a criação e a divulgação de novas composições de música ligeira portuguesa, dedicada àquela cidade. As canções terão de ser inéditas e serão seleccionadas mediante concurso de livre inscrição aberto a todos os portugueses. Cada concorrente poderá apresentar o máximo de duas canções para piano e canto, devendo a parte de canto ser escrita em pauta própria e com a respectiva letra por baixo, sendo ainda obrigatória a junção, em folha solta, de uma cópia dactilografada da letra.

As canções devem dar entrada na Comissão Municipal de Turismo de Faro até 31 de Maio endereçadas ao Juri da selecção do concurso. Os autores, juntamente com as obras concorrentes, deverão entregar um subscreto lacrado contendo uma folha com a indicação dos seus nomes e moradas. Na parte exterior do subscreto deverão escrever o pseudónimo que quiserem adoptar, o qual deverá figurar também logo abaixo do título nas folhas, contendo as canções. Dos trabalhos concorrentes serão classificados pelo juri os quatro considerados melhores. A respectiva execução não deverá ultrapassar 2 minutos e 30 segundos. Nenhuma canção poderá ser retirada pelo seu autor depois de apresentada ao concurso.

As quatro canções seleccionadas serão atribuídos os seguintes prémios: 1.º, 6.000\$00; 2.º, 4.000\$00; 3.º, 3.000\$00 e 4.º, 2.000\$00. O juri reserva-se o direito de não conceder algum ou alguns dos prémios desde que aos trabalhos apresentados não reconheça nível que o justifique. As comunicações que não forem escolhidas serão destruídas juntamente com os subscretos em que se continha

a indicação do respectivo autor, caso não esteja pedida a sua devolução no prazo de 60 dias da data da publicação do resultado do concurso. Os intérpretes e os orquestradores das canções serão escolhidos pela Comissão Municipal de Turismo de Faro.

Os autores das canções premiadas comprometem-se, pelo simples facto de participarem no concurso, a autorizarem a gravação das suas obras em discos comerciais; edição em papel de música, para oferta e venda; respectivas versões em línguas estrangeiras e utilização no cinema ou no teatro. As condições e cláusulas dos contratos que será necessário celebrar serão as que forem de uso nos acordos firmados por intermédio da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses.

As canções premiadas serão apresentadas em espectáculo público, a realizar em Faro, no dia 2 de Julho.

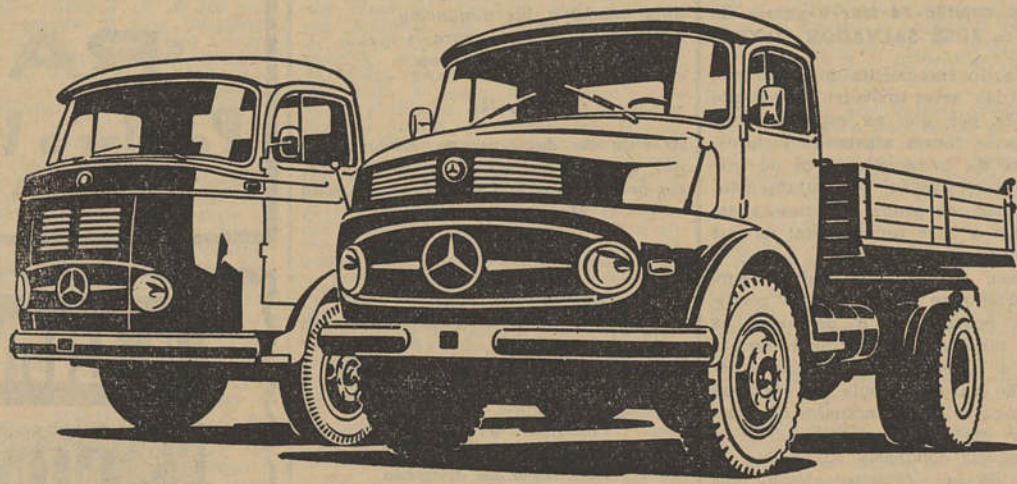
Terrenos em Portimão

Vendem-se em local já urbanizado, com ruas, água, luz e esgotos.

Lotes para vivendas e para construções contínuas.

Tratar com José de Sousa Pereira — Estrada da Penha, 39 — Tel. 416 — FARO.

CAMIÕES



MERCEDES-BENZ

Quando resolver adquirir um novo camião procure-o na completa gama de veículos comerciais **MERCEDES-BENZ** porque eles custam menos devido a exigirem menores despesas de reparação, terem uma mais longa vida, fazerem mais serviço em menos tempo, transportarem mais carga. Modelos para cargas de 1.800, 6.200, 7.000, 9.400, 10.300 e 14.000 kg.

C. SANTOS, S.A.R.L.

(FILIAL DO ALGARVE) — OLHÃO - Tel. 311-542

CHANDRIS LINES

SERVIÇO REGULAR E DIRECTO

LISBOA - AUSTRÁLIA

Com o magnífico paquete rápido

« ELLINIS »

26.000 DT — AR CONDICIONADO

Accepta passageiros em classe única, a sair de Lisboa em 9 de Maio

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU SOCIEDADE MARÍTIMA ARGONAUTA, LDA. 72-D, Avenida D. Carlos I — LISBOA — Telef. 665054-672319

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Capital e Reservas Esc. 200.000.000\$00

AGÊNCIA EM PORTIMÃO

Rua Serpa Pinto, 1 e 2 e Rua Júdice Fialho

Telefone: 733 — Telegramas: «OTTOS»

Sede: LISBOA — Rua do Ouro, 18 a 38 — Rua do Comércio, 134 a 140 e Rua S. Julião, 147 a 153

Filial: PORTO — Praça da Liberdade 26 a 31

Agências: Águeda — Algés — Almada — Barcelos — Braga — Cascais — Chaves — Coimbra — Fundão — Guimarães — Leiria — Moscavide — Oliveira de Azemeis — Pombal — Portimão — Póvoa de Varzim — Régua — Santo Tirso — Viana do Castelo — Vila Franca de Xira — Vila Nova de Gaia — Viseu

Dependências urbanas de Lisboa: Benfica — Campo de Ourique — Estefânia — Miguel Bombarda — Morais Soares — Praça de Londres — Restauradores (em instalação) — Santa Apolónia — Santa Marta — S. Mamede

Dependências urbanas do Porto: Antero de Quental — Campanhã — Infante D. Henrique — Mouzinho de Albuquerque — Palácio do Comércio

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

3) A PESCA DO ATUM

A Companhia de Pescarias do «Cabo» teria tudo a lucrar com a mudança de local da sua armação e o seu lançamento executado noutros moldes

A escassez do atum, junto da costa

De forma nenhuma se deverá admitir que, periodicamente, o atum falte ou escasseie na área de postura ou desova. Na Primavera e no Verão de cada ano, esse peixe invadirá essa área sempre em grande abundância, por força de lei natural, não revogável. A essa área vem ele periodicamente para efeito da reprodução da espécie respectiva e da subsequente superalimentação. Esta visa a longa hibernação e a imediato e determinado período de cio. Em ambas essas ocasiões o atum abstém-se de todo e qualquer alimento. De resto, esse facto está cientificamente confirmado para muitos peixes, entre os quais poderemos citar o salmão. Além disso o seu escalamento nas fábricas de conservas, confirma a citada asserção, visto que nelas se tem verificado sempre que as fêmeas ovadas e os machos sexualmente maduros não apresentam quaisquer vestígios ou restos alimentares nos seus estômagos, ao contrário do que sucede com os atuns sexualmente imaturos, nos buchos dos quais, por via de regra, se encontra grande quantidade de pequenos peixes semi-digeridos. Ainda: os pescadores corroboram também essa afirmação, pois têm sempre observado que o atum no decurso do período de cio não aboca qualquer isca que se lhe apresente e por mais apetitosa que ela nos pareça.

Por isso, o atum após a desova, no que respeita às fêmeas, e depois do período de cio, no que toca aos machos, procura intensiva e vorazmente, na área de desova respectiva, marchando para os lados do sul ou do norte, os locais em que existam em abundância as espécies ictiológicas miúdas, para efeito da supracitada superalimentação, aliás necessária e indispensável para ele, e para o efeito precedentemente indicado. Deste modo, se próximo da costa, onde se lançam as artes fixas, existe abundância de peixe miúdo, garantido é o aparecimento do atum, e tanto mais ele se revela à percepção humana, quanto mais abundante se apresentar esse peixe. Mas, se pelo contrário, ele al rareia, o atum esfaimado esquivar-se-á à aproximação da costa, pelo que não poderá ser capturado pelas artes fixas que junto dela se lançam.

A devastação causada pelo atum no peixe miúdo

Devemos, todavia, esclarecer que esse peixe, na área da postura, devastará mais sardinhas e biqueirões (e outro peixe miúdo) do que muitas centenas de traneiras, se não milhares delas. É que o atum, nessa vasta região marítima, é, por via de regra, em número quase infinito e, durante largos meses, nela intensiva e vorazmente se entrega a abundantíssima superalimentação, para os efeitos precedentemente referidos, devastando assim muitos milhares de toneladas de espécies ictiológicas miúdas, se não milhões delas, que constituem a base fundamental da sua necessária e indispensável superalimentação. Esta superalimentação, além de outras causas mais, é um dos motivos da escassez das espécies pequenas nos pesqueiros normais.

Presentemente — e segundo o nosso modesto e despretenso entender — a grave crise verificada nas armações fixas para a pesca do atum, tem a sua origem (além de outras), nomeadamente no facto de, o peixe miúdo, se ter afastado apreciável e progressivamente da costa, por força do instinto da conservação da espécie, devido à intensa perseguição que lhes têm movido, de há muito tempo a esta parte, as artes volantes de cercar para bordo.

Não deve constituir dúvida nenhuma, seja para quem for, que, de há muito, as espécies ictiológicas pequenas começaram a distanciar-se, lenta mas gradualmente, das regiões marítimas litorais, devido àquela tremenda perseguição.

Outrora, os cercos americanos, que pereceram em razão da escassez da sardinha que eles próprios provocaram, exerciam a sua actividade piscatória desde as seis braças de profundidade para o mar e, nessa profundidade, operavam amígdia copejadas de encher muitos acostados. É que, nesse saudoso tempo, o peixe miúdo chegava-se até à babugem da costa, pelo que a vida dessas artes volantes de cercar para bordo e as das armações fixas para a pesca do atum, era bem florescente, pois este peixe na sua tenaz perseguição ao peixe miúdo, chegava por vezes a investir com a terra. Depois disso, a perseguição às espécies ictiológicas pequenas foi, apreciável e progressivamente, aumentando em con-

— pelo capitão-de-mar-e-guerra da

R. A. JOSÉ SALVADOR MENDES

sequência do incremento importante e gradual das artes móveis perseguidoras, razão por que as espécies atormentadas se foram afastando progressivamente da costa, por força do instinto de conservação, e, conjuntamente com elas, os atuns que nessas espécies têm a base fundamental da sua superalimentação.

Por isso, outras artes móveis surgirão certamente de futuro em condições de procurarem e pescarem as espécies miúdas por esse mar fora e de que a humanidade está actualmente tão carecida, pois os sistemas piscatórios volantes actualmente em uso, por carência das necessárias e indispensáveis condições adequadas ao exercício da sua eficiente missão, tenderão naturalmente a desaparecer, em razão de cada vez mais rarear a pescaria adentro da sua zona costeira de actividade piscatória. E um dia, quando isso acontecer, as espécies ictiológicas miúdas tornarão a aproximar-se da costa e, com elas, os tundiões que, de novo, farão florescer as simpáticas e vetustas armações fixas para a sua captura, no decurso das estações primavera e estival.

A necessidade de introduzir inovações nas artes de atum

Não deverá restar dúvidas a ninguém também que se não tem enfrentado convenientemente a grave crise provocada pelo afastamento do atum das citadas armações, peixe este que, aliás, é a base de toda a sua vida. Essa necessária e indispensável defesa deveria fundamentar-se no lançamento das respectivas artes fixas mais ao mar e com estruturação e orientação mais adequadas a um eficiente exercício piscatório. Mas, até então, e que sabemos, nenhuma providência apropriada se tomaram no sentido de, tanto quanto possível, se debelar aquela grave crise, proveniente da extrema escassez do atum, junto dos locais das armações, continuando estas nos sítios de antanho, então tão abundantemente frequentados por ele.

É que nesta vida tudo deverá evoluir, e não estagnar indefinidamente; e essa marcha evolutiva abarcou de certo modo as espécies ictiológicas miúdas e gradadas, sem que contudo, e infelizmente, tivesse abrangido as artes fixas para a captura dos tundiões, razão por que elas se encontram

Seis quadras da criação

I
De súbito a matéria estremeceu
no meio do lodo e água apodrecida
do impulso outro impulso cresceu
— Era a vida

II
Um rasto dum corpo que subiu,
uma manhã a luz denunciou,
o fruto cai e desce para o rio...
— Um bicho caminhou

III
Assente em duas pernas, corcovado,
um animal, enfim, veloz correu,
em grupos, a guinchar, o braço armado
— O Homem apareceu

IV
Duma caverna um penacho leve
sobe branco para o céu, corta o nevoeiro
da noite gélida de temporal e neve
— O Homem fez o lume

V
Num plano vasto de arvoredo
um grupo de mulheres o chão perfura
e mete grãos à terra manhã cedo
— Nasceu a agricultura

VI
Há reservas de grão na casa pobre,
vasos de barro, até um bom machado
amarelo, é já fundido o cobre
— O Homem está oriado

CARLOS BRITO

Vende-se em 2.ª mão

Máquina com motores, ventoinha e elevador, marca «Topiot», para secagem de figos, etc., e um sem-fim que pode servir para azeltona, etc. Tudo em bom estado.

Tratar com J. B. MACEDO, telefone 48 — ARMAÇÃO DE PÊRA.

actualmente a braços com uma tremenda crise, como não há memória. Cremos, todavia, que o facto, aliás bem lamentável, não deverá constituir motivo para desânimo, mas, sim, para que haja com urgência e inteligência dessas coisas e de molde a se enfrentar com ponderação e decisão esse sério e bem complexo problema das pescarias marítimas. Portanto, mãos à obra... pois neste sector da actividade humana, a despeito de muito já se ter feito, muito mais resta ainda para fazer...

MILHOS HÍBRIDOS

«PIONEER»
(EUA)

REGA POR ASPERSÃO
«RAIN-BIRD»

Pedidos a VIVEIROS DO FALCÃO
Carnide — Lisboa

A CONFIDENTE

COMPRA

A CONFIDENTE

VENDE

A CONFIDENTE

HIPOTECA

PROPRIEDADES



A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAIS

ROSSIO, 3-2º

HOTEL ALGARVE

ARMAÇÃO DE PÊRA

(Conclusão da 6.ª página)

siona. Repare-se nas expansões eufóricas e ruidosas dos algarvios da beira mar. Temos aqui aquilo a que podemos chamar a verdadeira algarviada. As suas danças, as suas canções são diferentes das outras; ora lentas e nostálgicas, ora vivas e irrequietas. O corridinho, a dança de roda marcada, os cantares ao despetque ou despete, as janciras ainda em uso na serra algarvia, distinguem-se bem das outras regiões do país, dando-lhe uma nota característica e inconfundível, cujo folclore completo e definitivo está ainda por recolher. Muitos algarvios são pelo seu temperamento, ainda que bastante comunicativos, um tanto individualistas nos seus conceitos, mas dotados como são de uma inteligência viva e criadora, tornam-se por vezes excessivamente críticos ou melhor hiper-críticos, pouco construtivos. Estes mesmos indivíduos, quando fora do seu meio ambiente, tornam-se mais permeáveis às ideias adversas, mais dinâmicos, dispondo de um poder de trabalho e de iniciativa que os faz destacar brilhantemente no meio social, onde tenham de actuar as suas admiráveis qualidades de adaptação e de produtividade.

Podemos desde já concluir que na população algarvia se definem dois tipos diferentes, não só no seu físico, mas ainda no seu temperamento e na sua complexão psicofisiológica. Na população da beira mar predomina o tipo louro, talvez oriundo dos primitivos dolicocefalos de Alcáçis, de que fizeram parte os primeiros habitantes do país dos Tartessos. Este tipo veio depois fundir-se com branquidões do Mediterrâneo, que a acção prolongada dos árabes mais tarde veio alterar, fazendo predominar no Algarve o tipo moreno. O louro e o moreno dão assim lugar aos aspectos físicos e aos temperamentos dispares no algarvio: aventureiro, prático e comercial de uns; sonhador contemplativo, um pouco fatalista, e inclinado às artes, dinâmico e comunicativo de outros.

Alguns números sobre o movimento demográfico

Vejam agora, ainda que em síntese, o movimento populacional da nossa província em correlação com o seu habitante e as suas possibilidades económicas. A população do Algarve cuja cifra era em 1930 de 300.762 habitantes, com uma densidade de 56 habitantes por quilómetro quadrado, apresentou em 1950 o número de 388.135 indivíduos com uma densidade de apenas 65 indivíduos nos espaços de vinte anos. A diferença é muito pouca em relação à densidade de 1960. Se nos reportarmos a 1920 e confrontarmos estes números com os da taxa do crescimento fisiológico nos outros distritos verificamos que o Algarve foi dos distritos do país, desde esse ano até 1950, e a diferença é quase nula em relação a 1960 — aquele que teve uma taxa de crescimento fisiológico mais baixa, isto é, inferior mesmo à metade do crescimento do país. Nas causas deste fenómeno entram vários factores, apontando entre eles a emigração e a doutrina de Malthus, agora muito em voga. Estes factores não vêm à superfície nos registos de nascimento e óbito, mas aparecem disfarçados em nato-mortos, cuja cifra sobretudo nos meios industriais do Algarve, assume já um aspecto conflagrador. Para exemplo podemos citar o concelho de Loulé, com uma drea de uma sexta parte do distrito, cuja população tem decido desde 1920 de 1.755 nascimentos para 1.088 em 1945, baixando em 1963 a menos de 1.000. O número de nato-mortos em 1930 foi de 55 para 1.100 nascimentos; em 1940 foi de 54; em 1945 foi de 58, para respectivamente 1.073 e 1.088 nascimentos, o que nos dá uma percentagem desoladora. Para não tornarmos árido o assunto, com citações de números, basta dizer-se que nos últimos trinta anos a nossa província apresenta um aumento populacional inferior à média da po-

A PROVÍNCIA DO ALGARVE - SUA ETNIA - NOVOS RUMOS

pulação do país, que acusa nos anos 1953 a 1962 a média de 12 por cento, o que constitui um índice patológico digno de ser ponderado. Sabe-se que o número de casamentos constitui um dos mais seguros índices da prosperidade de um povo. Pois infelizmente esse índice não se afirma na nossa província, e pelo contrário, encontramos um número — censo de 1940 — de indivíduos solteiros de 171.326 para 126.632 de casados. É uma proporção desanimadora, que com poucas variantes, se mantém em 1960. As condições económicas do nosso Algarve não predisõem os seus habitantes para as responsabilidades e os encargos do casamento.

Cerca de uma quinta parte da população algarvia dedica-se aos serviços e trabalhos da agricultura, ou seja aí por 60.000 indivíduos que vivem da terra ou a ela estão ligados. O solo do Algarve não é rico. Podemos afirmar, de uma maneira geral, que apenas o arvoredo e um pouco de regadio, que ultimamente se tem desenvolvido com as barragens de Silves e de Odeceixe, se afirma como um sólido rendimento presente e futuro. E todavia de assinalar aqui segundo o relato de alguns jornais do Algarve, existem próximo de Loulé umas minas de sal-gema de maquette, barrita e galea; e de hematite na bacia do Guadiana. Na serra de Monchique, segundo a revelação do prof. Vasconcelos Pinto Coelho, baseado em estudos de sidos russos, os síenitos refletem luzes azuis, o que dá uma abundância naquela montanha, podendo ser aproveitados, com bastante rentabilidade para a produção de alumínio, cimento, soda e potássio. Oxalá, tais notícias transcendam dos acanhados limites das suas simples prospecções e enveredem, sem peias burocráticas, para o caminho da sua franca exploração, de forma a que a riqueza do seu subsolo possa compensar as carências da sua superfície cultivada.

Aspectos da economia e da emigração do Algarve

Apesar da propriedade se encontrar dividida por 106.059 prédios rústicos não deve comportar, num futuro próximo, as actividades suficientes para a nossa população, e isto tendo mesmo em conta o seu fraco e lento crescimento populacional que, como vimos, é inferior à média geral do país. O seu retraimento fisiológico, a sua fraca ruralidade constituem um claro índice de que, se não aparecerem na província indústrias, aumento de produtividade, ou novas fontes de riqueza que absorvam as actividades da mão-de-obra disponíveis, teremos num prazo não muito longo, o terrível problema do abandono dos campos, direi mesmo que já se está a fazer sentir. O retraimento fisiológico populacional tem como causa a carência de remuneração condigna para a satisfação das necessidades indispensáveis do indivíduo, impellido-o para a emigração, que, quando excessiva, traz consigo a falta de mão-de-obra para o arroteamento dos campos e outras actividades. Vamos assim cair num círculo vicioso que é necessário romper quanto antes. Tudo indica que devemos criar novas indústrias adaptáveis ao meio económico e turístico, agora em tão róseas perspectivas; melhorar e alargar a produção, regularizar a emigração algarvia, na medida em que a mesma não dificulte os trabalhos agrícolas e constructivos. Os algarvios conservam de longa data boas tradições emigratórias, o que aliás se harmoniza com o seu passado marítimo e navegador. Penso que esta tendência que o

algarvio tem para o sonho de longas terras em busca de aventuras, descobertas e de frutuosa negócios lhes foi legada pelos fenícios e cartagineses, quando aportaram às costas do Algarve e aqui fizeram colônias e feitorias, de que a província acusa, ainda hoje, nítidos vestígios. Característica esta que teve, mais tarde, a sua fulgurante culminância na cooperação dos algarvios na hora mais bela da sua história, na quadra aurifugente de quinhentos, das descobertas e conquistas. Muito dinheiro tem entrado na nossa província, muitas obras se têm feito à custa do emigrante. Na nossa província destacam-se os concelhos de Loulé, São Brás de Alportel, Faro e Olhão como os que mantêm de há muito uma forte corrente emigratória para o Brasil, Argentina, Venezuela, Marrocos e ultimamente para França, em larga escala. Dadas as qualidades de adaptação do algarvio dever-se-ia canalizar a nossa mão-de-obra disponível ou excesso populacional para o povoamento das nossas províncias ultramarinas. Seria este povoamento, quer-nos parecer, a melhor protecção, a mais eficiente defesa e até o melhor contributo da Mãe Pátria para com os territórios que descobrimos, ocupamos e civilizamos. Conhecidas as qualidades raciais psicológicas do algarvio há que estudar o seu aproveitamento no sentido de se canalizarem essas qualidades que vivem no seu substrato e que infelizmente não encontram a sua natural e eficiente expansão na terra onde nasceram. Não vejo necessidade de reforçar aqui as minhas considerações com citações estatísticas que não se compadeçam com a modestia desta simples palestra. O que interessa são os factos, confirmados pela observação, e que não foram ainda alterados pela chamada superveniência dos imprevisíveis, extraídos da história sem ideias preconcebidas. E assim podemos concluir:

- a) — que a população algarvia apresenta nos dois tipos: um louro, outro moreno;
- b) — que os seus caracteres psicossomáticos diferem do resto do país;
- c) — que nestes dois tipos impera como disse anteriormente o dolicocefalo e branquidão e consequentemente dois temperamentos: aventureiro, prático, comercial uns; sonhador fatalista, comunicativo, com fortes predisposições artísticas outros;
- d) — que a nossa população algarvia não propriamente em número, apresentando uma excessiva densidade, sofre de graves sintomas patológicos. Não progride porque a fraca fertilidade do seu solo e as fracas condições da sua indústria e comércio não oferecem o desajogo e o bem estar necessários à densidade da sua população.

Um programa de actividades económicas

E assim, com base nas considerações apresentadas e dados os Novos Rumos que se apresenta ao Algarve, e para fixação dos seus naturais, dever-se-ia:

- a) — arborizar, quanto antes, a nossa desmuda serra algarvia, onde temos 2.523 hectares por cobrir, medida esta já equacionada pelas entidades competentes, mas ainda muito timidamente começada, se é que já teve uma franca iniciação;
- b) — transformar os sapais existentes na província, que ocupam sem proveito algum uma drea de muitos hectares, em terrenos produtivos, medida esta reconhecidamente viável, necessária e dum garantia rentabilidade, pelos Serviços Agronómicos;
- c) — criarem-se novas indústrias,

adequadas à produção e ao ambiente regional, aos seus recursos e ao seu habitat, e não como infelizmente se tem feito, com a aplicação dos Planos de Fomento, em que o Algarve ficou esquecido para não dizer abandonado.

- d) — estudarem-se novas culturas adaptadas ao clima privilegiado algarvio como por exemplo a beterraba, o algodão, o amendoim, a cana do açúcar e possivelmente em estufas, a banana, o ananaz e outros primores.
- e) — desenvolver e aperfeiçoar a pomicultura e a floricultura para exportação externa e interna, dada a antecipaçaõ produtiva que a província oferece. Isto par evitar, como já tem acontecido para bem servir os turistas, mandarem vir da capital a 300 quilómetros de distância, verduras, carnes e outros produtos alimentícios.
- f) — alargar e desenvolver o fomento pecuário, tão propício agora sob a acção das barragens de Silves e de Odeceixe, ajudando assim a preencher o déficite de carne com que o país luta de há anos.
- g) — incrementar e desenvolver a criação de cooperativas agrícolas e de laticínios que se impõem como um urgente revigorador económico do só do Algarve mas ainda de todo o país.
- h) — modernizar os processos piscatórios tão rotineiros e de fraca rentabilidade, possivelmente sob a forma de cooperativas, de forma a termos mais peixe e a preços mais acessíveis. E ainda, em satisfação das anseiosas qualidades marítimas, artísticas, de trabalho e de investigação dos algarvios, dever-se-ia criar:

- a) — em Lagos um Centro de Desportos náuticos; b) — em Silves um museu nacional árabe; c) — em Loulé uma escola agrícola rudimentar para ensino dos trabalhadores e capitães agrícolas; d) — em Faro um instituto industrial, uma escola politécnica ou um conservatório regional de música; e) — em Tavira uma escola de artes aplicadas; f) — em Portimão uma escola técnica.
- Estes melhoramentos não competem apenas ao Estado, mas também em grande parte aos Municípios e aos particulares. A criação dos enunciados factores de ordem económica, técnica e de cultura são necessários e impõem-se pelo progresso do Algarve, e constituem poderosos adjuvantes ao desenvolvimento do turismo, essa Bela Adormecida só agora desperta do seu longo sono letárgico!

O problema do turismo algarvio

Não vejo necessidade de desenvolver aqui em pormenor, o problema do turismo algarvio, essa maravilhosa fonte de receita que atingiu no país em 1962 a cifra de um milhão e quatrocentos mil contos por este problema se encontram já na ordem do dia, equacionado pelos poderes públicos, e até exaltado na imprensa por nacionais e estrangeiros. Oxalá a sua propagação seja correlacionada com as facilidades de recepção e acolhimento que a província deve oferecer aos visitantes sem esquecer os recreios e as distrações.

O turista não necessita apenas de sol, luz, ambiente e mar ao armo, mas também de satisfazer as suas necessidades espirituais, como sejam os concertos, as exhibições folclóricas, os jogos, os desportos, as exposições, o nosso Carnaval, a nossa festa das amendoieiras, etc.

Admitindo que no presente ano se completem os previstos 2.025 quartos, ocorre perguntar se estes alojamentos terão em correlação, e oferecem a capacidade suficiente para receber a vináfida dos turistas solicitados, agora por intensa propagação à sombra do aeroporto de Faro?

Ocorre ainda formular a seguinte pergunta: quando um destes transatlânticos, repletos de turistas, em recreio pelo Mundo em busca de um repousante refúgio solaréngio, quiser aportar ao Algarve, qual é o porto que temos em condições de o receber?

Agora que a ponte sobre o Tejo vai ser uma realidade dever-se-ia intensificar e acelerar a supressão das curvas e o alargamento da estrada do sul centro em direcção ao Algarve, inflectindo-a, a partir de Almodôvar em direcção a Sâir passando por Loulé e caminho de Faro. Este benefício não recai sobre a projectada auto-estrada da capital do sul do país. Economizar-se-ia para já em tempo e ganhar-se-ia em comodidade no fastidioso e longo trajecto de Lisboa-Faro.

Mas a propagação em prol do turismo algarvio não deve incidir apenas sobre a nossa inconfundível costa marítima, mas também em certos locais do interior, onde há recantos de uma suave e bucólica paisagem, com perspectivas de alácante policromia. Nos locais turísticos do Algarve devem figurar, entre outros pontos, Estói com o seu artístico palácio e jardim anexo, onde ficaria bem um museu arqueológico e etnográfico, ou uma pousada. São Brás de Alportel e Loulé com a sua variada e luminosa paisagem, de interessante e tipicamente algarvia povoação de Alte. S. Bartolomeu de Mes-sines, a colorosa e bucólica povoação, onde nasceu João de Deus, com o seu Forte e a Igreja monumental, reclinada à beira-serra. Silves com o seu castelo, povoado de lendas, a Cruz de Portugal, a Sé, a barragem e o rio Arade, deslizando por entre choupos e salgueiros até Portimão. Mais além as Caldas de Monchique, a nossa Sintra algarvia, mais policroma e mais aberta à luz técnica da nossa Província. Que belo miradouro está a pedir que o quem lá uma pousada a debruçar-se amorosamente sobre o lindo vale, que tem em frente. Estes locais são merecedores de uma atenta visita, onde o espírito do turista, ansioso por novos e acolhedores ambientes, encontra um repousante e atraente refúgio.

Faço contudo votos para que essa admirável fonte de divisas e de progresso seja explorada e acaudalada com rapidez, sem os longos empates burocráticos, com inteligência e bom senso prático, e tenha em consideração na parte urbanística, o seu enquadramento no ambiente e no estilo arquitectónico paisagístico do Algarve.

Este meu reparo sugere-me, e traz à barra a carta daquele inglês que

maravilhado com o clima, a paisagem e os luminosos recortes com que a Natureza dotou a nossa originalíssima costa lhe disse: venha, venha depressa, antes que estraguem tudo!

Que tal progresso não colida com o normal desenvolvimento social e económico da nossa querida província, antes o desenvolva e aperfeiçoe, elevando o nível de vida dos seus habitantes, sobretudo das classes, trabalhadores médios, e de rendimento fixo, cujo poder de compra tem diminuído ultimamente sem a contrapartida do acréscimo dos seus salários e ordenados.

Agora que poucos estranhos descobriam e se enfeitavam por este admirável rincão, e que as entidades governativas resolveram de vez tomar conhecimento das suas riquezas turísticas, julgo ser oportuno, e o momento próprio dos seus naturais procurarem investigar das possibilidades agrícolas, comerciais, industriais e artísticas e até mesmo do sub-solo de que a província é susceptível. E isto para que se dê uma harmónica sincronização entre os valores turísticos vindos de fora, e os rendimentos próprios da província aqui explorados e desenvolvidos pelos seus naturais, dignos por isso mesmo do mais franco e do mais decidido apoio, tanto por parte do Estado como das autarquias locais. Para que se não verifique um lamentável desequilíbrio entre o alto nível de vida dos que nos visitam e o baixo nível daqueles que os recebem.

Com a eufórica corrida dos banderantes, nacionais e estrangeiros na disputa de um trato de terreno junto à costa algarvia; com os projectos particulares e oficiais de uma rede de hotéis, piscinas, campos de jogos, de um hipódromo, de uma auto-estrada à beira mar e de capital para o Algarve; com o aeródromo em Faro e a futura ponte sobre o Guadiana, não constitui devaneio poético, excesso de optimismo, ou ainda exaltação regionalista afirmar que a nossa Costa de Oiro algarvia virá disputar, num futuro próximo a concorrência das Riveiras francesas e italianas.

E assim, construída que seja a estrada à beira mar e a arborização da costa algarvia, podemos oferecer ao turista uma costa de falésias douradas, enriquecida por fantásticas perspectivas de esplendorosa policromia, dotada de um macio tapete de fulvas areias, envolvida por um mar, que sendo calmo, não está inactivo e dormente como o Mediterrâneo, onde quase não existem marés.

Além destas belezas com que a Natureza generosamente dotou a província do Algarve, temos ainda um sol glorioso, de uma luminosidade voluptuosa, isenta de neblinas, que em horas de luz e de transparência, não tem rival na Europa, devendo constar por imposição das suas belezas naturais na lista turística dos mais alácantes e originais recantos do Mundo!

Se estes objectivos ou novos rumos forem atingidos, a província do Algarve passará a ser, para o Mundo, o que foi outrora para os árabes: a Pérola do Chenchir!

Clube Recreativo Lusitano
 Rua Cândido dos Reis, 79-81 — Rua D. Pedro V, 80
 Telefone 125 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
 Ven participar, mais uma vez, que o seu Restaurante se encontra aberto ao Ex.º Público, encontrando aqui V. Er.ª de tudo a preços módicos.
 Disponemos de óptimas instalações para casamentos, baptizados, aniversários, confraternizações, etc.
 Agradecemos a vossa visita

SEÇÕES DE:

Papelaria
Livraria
Brinquedos
Bijouterias
Sortido para
Escritório

CASA "NORTENHA"
DE
OS DOIS UNIDOS
RESTAURANTE • CAFÉ

Almoços e Jantares
Especialidade em Mariscos
Vinhos das melhores procedências
ALUGAM-SE QUARTOS

Telefone 425
Rua Camilo Castelo Branco, 62-64-66
Rua de Angola, 25, 25-A e 25-B
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

LAGOS

A razão mais cedo ou mais tarde triunfa

Prestou o signatário declarações perante o Tribunal pelos autos que a Câmara transacta instaurou dado o apuramento de multas por infração de posturas e regulamentos municipais inserto no Jornal do Algarve de 19 de Outubro de 1963. Ignora-se por ora, a resolução que o Tribunal entendeu por bem, no entanto é-nos grato registrar que a razão cedo triunfou, pois, desde os tão falados autos não mais constaram reclamações sobre multas, e o que defendemos sobre o «Snak-Bar», foi sancionado pela actual Câmara, sem quaisquer intervenções da nossa parte.

Estamos convencidos do agrado geral da população salvo os membros da Câmara transacta, que mais por capricho do que por qualquer outro motivo, indeferiram uma pretensão que era de deferir, contribuindo possivelmente para encargos para o Município, pois sabemos que os proprietários do «Snak-Bar» requereram a ampliação do passeio à sua custa, e agora a mesma foi feita a expensas do Município, dando o estado feito ao local por sua espontânea vontade. Estamos convictos que apesar da vontade que a Câmara transacta tem de nos ver sentados no banco dos réus, justiça nos será feita pela boa intenção com que operamos, mas se o diabo atentar e surgir condenação, ficar-nos-á a tranquilidade de consciência pela razão que já nos reconheceram.

O que Lagos ficou devendo ao escultor Raul Xavier. Ao signatário escasseia em cultura o que lhe sobeja em vontade de servir Lagos e, consequentemente, destacar os que por qualquer meio distinguiram este canto abençoado pela Natureza. Alheio à imprensa diária, porque o tempo mal lhe chega para acompanhar a do Algarve, teve conhecimento pelo «Correio do Sul», do falecimento de Raul Xavier, e isto porque o dedicado guarda do Museu Regional de Lagos lhe mostrou um número, que dedica, e muito louvavelmente, palavras de saude ao escultor que tantas recordações deixou no Algarve.

Foi o guarda do Museu, Carlos Dias dos Vales, que comovidamente, nos foi indicando as obras que existiam no Museu, oferta do escultor Raul Xavier, e, confessamos, ficamos surpresos com os poucos anos de permanência do referido guarda, tantas se tivessem registado. Ali se podem apreciar da sua autoria: Bustos dos Ilustres Lagosenses, general Joaquim Machado e dr. António Cabreira (conde de Lagos); medalhões do industrial Agostinho Fernandes e poeta António Aleixo; cabeça de rapariga (estudo); três esboços para a estátua que foi erguida em Faro a D. Francisco Gomes de Avelar; quatro medalhas com effigies do Padre Cruz, professores Fidelino de Figueiredo, Joaquim Carvalho e Veneslau de Moraes.

De Raul Xavier existe também um medalhão do Dr. Santos Formosinho adquirido a quando da homenagem que a este amigo do Museu foi prestada pelo Município, e sabemos existirem esboços das estátuas a erigir em honra do navegador Gil Eanes e de S. Gonçalo de Lagos. A Comissão promotora do monumento a Gil Eanes cumpriu o dever de enviar pêsames à viúva de Raul Xavier, e nós prestamos, com as linhas que ficam, culto à sua memória pela obra que realizou.

Lagos e o Cine-Teatro Império — Que Lagos necessita de uma casa de espectáculos que sirva dignamente não restam dúvidas a quem quer que seja.

Que o Cine-Teatro Império retine as condições para servir estamos convencidos. Que o público reclama por deficiências que se sentem a cada momento é uma realidade. Concluímos pois que algo falta, porque casa que tem condições para servir o público, e este reclama, muitas vezes com razão, está em maré de engulho e necessita de remédios activos que debelam o mal. Este reside, depreendemos de troca de impressões com alguém que conhece a indústria cinematográfica, no desequilíbrio entre a receita e despesa, especialmente desde que surgiu a televisão que, na falta de espectáculos artísticos, culturais e educativos, recorre à exibição de filmes, que, bem vistas as coisas, não deveriam ir além dos cinemas. «Cada coisa para a sua coisa», diz o povo e tem razão, pois se a televisão continuar na exibição de filmes, antevemos a ruína do cinema sem benefício para a televisão que poderá ser tanto mais útil quanto mais se integrar nas transmissões directas de espectáculos onde se revelem os melhores artistas do nosso teatro, em aulas pelos nossos melhores professores, em palestras sobre moral e educação cívica, por tantos valores que felizmente ainda contamos, reservando-se o direito da exibição de filmes que nos mostram as belezas da natureza dialogados se possível por pessoas que sabem sentir e viver a obra do Criador. Com programas de televisão orientados nos princípios que ficam e a consciência ditou, talvez se colham frutos para alimentar saudavelmente tantas almas seduzidas de algo mais elevado; e os que por mais apego às coisas do Mundo ainda dão valor a filmes de aventuras e outros géneros, de permisso com alguns que se aproveitam frequentar os cinemas, que uma vez auferindo algum lucro deixariam de se apresentar com serviços deficientes como se notam no Cine-Teatro Império, especialmente em dias de maior frequência de espectadores.

Cães à solta — A avaliar pelas matilhas de cães que a cada momento se constata em muitos locais da cidade, estamos convencidos que muitos municípios não se apercebendo do perigo que oferecem, especialmente para as crianças, alguns exemplares, com hábitos maus, não se dispõem ao cumprimento da lei para poupar a cidade a censuras que em grande parte se justificam. Findo que seja o mês de Março, é natural que o Município actue para que cessem abusos tais como, cães sem licença, sem acalme, etc., e porque facilitar a missão dos que prestam é dever que se impõe, fica a nossa chamada ao cumprimento da lei, porque cumprida que seja tudo se modificará para melhor.

Actos de vandalismo — Desde que nos propusemos colaborar no Jornal do Algarve temos feito eco contra os actos de vandalismo que pessoas menos compreensivas vêm praticando, julgando talvez que destruindo se podem tornar engraçadas. Ora, porque entendemos que a pessoa que destrói ainda que por brincadeira, revela insensatez e incorrecção, ousamos apelar para todos os de boa vontade, esforços no sentido de descobrirem os engraçados

CASA "NORTENHA" DE OS DOIS UNIDOS RESTAURANTE • CAFÉ

ANTÓNIO RODRIGUES ROSA

Armazenista — Grossista de Sal

Sal traçado
Sal fino
Sal preparado

Escritório

Armazém

Rua Eça de Queirós, 40

Rua D. Francisco Gomes, 39 e 41

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TELEFONE 184

APARTADO 23

Joaquim de Sousa Piscarreta

Uma carta de um pescador

Dentro dos princípios de liberalidade que norteiam o nosso jornal, vamos inserir a seguinte carta de um pescador de Lagos, nosso assinante:

«Nos apontamentos do sr. Piscarreta e referências aos rapas e traineira «Sagres», parece que o sr. Piscarreta não está muito dentro do assunto. Talvez neste caso esteja a deixar-se acorrentar por outros. Quanto à traineira «Sagres» é a essa que me refiro visto em Portimão pelo menos 30 ou 35 andares na mesma faina. A traineira «Sagres», como dizia, anda na faina porque estou certo o armador não a fez encahar isto é, desarmar porque é um barco novo apenas com 4 ou 5 meses de mar, claro que não precisava de qualquer reparação quando não, faria o mesmo que fez como fez com os outros barcos que tem. Quanto aos rapas no meu pequeno ver nada prejudica pelo contrário, só traz vantagem ao abastecimento público e temos visto em todos os dias que a mesma sai ao mar. Todo o peixe que tem trazido para terra em nada prejudica o pescador de anzol. Sarralhões, salemas, sargos e carapaus são peixes pescados com o rapa com mais tempo, tempo esse se estivesse ameno qualquer pescador de anzol não pescaria estou convencido.

Não seria melhor que o sr. Piscarreta visse o peixe que matam os pescadores e desses fazem parte os que criticam os rapas em toda a muralha do cais de Lagos que se chegam a juntar em certos dias 50 e 60 e muito mais a apanhar sargos, rebalos, etc. pouco maiores que cigarros e trazem sacos cheios daquilo? Nem para dar ao gato por vezes aquilo serve. Isso é que eu considero crime e mais as tapadas feitas no rio. E quanto ao ganho dos rapas alguma coisa ganham. Pois a traineira «Sagres» ainda deu a cada camarada aproximadamente 150000 o que nada é mau para o mês de Fevereiro e o que decorre alguma coisa também dá. Quanto também ao que o Zé diz ao sr. Piscarreta das percen-

FRUTOS SECOS DO ALGARVE
FIGOS SECOS E RECHEADOS
AMÊNDOAS SELECIONADAS

PRODUTOS VEGETAIS
TOMATE AO NATURAL
ERVILHAS
FEIJÃO VERDE

AGUARDENTE  MEDRONHO

PREPARADORES-IMPORTADORES
Vasco & Irmão, Lda.
PORTIMÃO

agens dos mestres também não é assim como diz. Aproveito também para me referir ao abono de família aos pescadores da sardinha. De tanto que se disse nos jornais e emissores etc. nada se está a cumprir, pelo contrário estão a abusar de mais. Há muito poucos dias alguém foi à Casa dos Pescadores saber alguma coisa do referido abono. Já foi informado por funcionário da mesma que só pagaram em Abril. Dias depois soubemos de fonte limpa que o mesmo abono já veio mas só para 5 pescadores de Lagos e 30 de Portimão e não para filhos mas sim para pais ou mães que tenham a seu cargo. Ora não está certo. E pronto, sr. director, por hoje é tudo.

Café

Trespasa-se, arrenda-se ou dá-se parte no negócio, sem capital, mas com fiador, por motivo de outros negócios no estrangeiro.

Respostas a F. Anastácio — Tunes — Gare.

NECROLOGIA

Eng. Jaime Pascoal de Brito

Em Lisboa, quando gulava o seu automóvel, foi acometido de doença súbita e mortal o nosso estimado e conhecido sr. Eng. Jaime Pascoal de Brito, pessoa muito conhecida não só no Algarve como também em Santarém onde durante quinze e a o desempenho o lugar de director da Urbanização da quele distrito. Contava 51 anos, era natural de Faro e exercia agora o cargo de chefe da Repartição dos Melhoramentos Rurais do Ministério das Obras Publicas. Era irmão das sr.ªs D. Maria Marta de Brito, D. Maria Isabel Madalena de Brito Pantoja e D. Maria Antónia de Brito Salgueiro e do sr. João Pedro de Brito.



Eng. Jaime Pascoal de Brito

D. Gertrudes do Carmo Guerreiro

Realizou-se com grande acompanhamento o funeral da sr.ª D. Gertrudes do Carmo Guerreiro, viúva, de 97 anos, da Conceição de Faro, mãe das sr.ªs D. Maria, D. Gertrudes e D. Rosária Cardoso, e dos srs. Francisco, José, Joaquim, Manuel, António e Armando Cardoso, avô do sr. Luis de Sousa, nosso assinante.

D. Maria Teresa Botelho

Faleceu em Olhão, onde residia já há muitos anos, a sr.ª D. Maria Teresa Botelho, de 83 anos, natural de

Lagos, viúva, de José Henrique e mãe dos srs. Edmundo Henrique Botelho, industrial de serralaria, casado com a sr.ª D. Teresa Miguel Afonso Botelho, José Henrique Botelho, industrial de carpintaria, casado com a sr.ª D. Albertina Botelho e Oscar Henrique Botelho, casado com a sr.ª D. Clotilde Correia Botelho.

Alferez José Manuel dos Santos Pitté

No cemitério de Faro, sua terra natal, ficaram sepultados os restos mortais do alferez miliciano piloto-aviador João Manuel dos Santos Pitté, que perdeu a vida, corajosamente, na luta contra o terrorismo na Guiné. Contava 24 anos e era filho da sr.ª D. Rosa Martins Pitté e do sr. Manuel dos Santos Pitté, empregado superior da firma J. M. Júdeice Fialho.

D. Elvira Lídia Valente Correia Serras Pereira

Em Montemor-o-Novo, faleceu a sr.ª D. Elvira Lídia Valente Correia Serras Pereira, escritora e poetisa, natural de Alagoz, de 60 anos, casada com o sr. dr. António Serras Pereira, professor aposentado do Liceu Nacional de Oeiras, mãe da sr.ª D. Maria Helena Correia Serras Pereira dos Reis, professora da Escola Técnica de Montemor-o-Novo, casada com o sr. Anibal Lopes dos Reis, chefe da secretaria e professor da mesma Escola.

Também faleceram:

Em OLHAO — o menino José Rita do Carmo Carlos, de 7 anos, filho do sr. José Manuel Carlos e da sr.ª D. Juliana Maria Parreira do Carmo.

Em SILVES — o sr. João dos Santos, de 69 anos, de Armazém de Pêra, casado com a sr.ª D. Maria Patrocinio, o qual fora acometido de doença súbita quando se dirigia para casa.

Na GUIA — a sr.ª D. Maria de Sousa Domingas, de 82 anos, natural de S. Brás de Alportel, mãe da sr.ª D. Lucília de Sousa Silva.

Em LISBOA — o sr. Olegário Amália Urbano, de 41 anos, natural de Faro, empregado da Sogás, casado com a sr.ª D. Maria Helena dos Santos Tavares Urbano, pai da sr.ª D. Carmen Dolores Tavares Urbano, filho da sr.ª D. Antónia Maria Amália Urbano.

— a sr.ª D. Maria Gregória Pilar, de 38 anos, empregada de escritório natural de Conceição (Tavira), filha do sr. Joaquim Pilar e da sr.ª D. Brites Fernandes Ramos Pilar.

— o sr. João Ramos Sebastião, de 50 anos, natural de Silves, empregado de garagem, casado com a sr.ª D. Amália Mogo Nobre, pai do menino José Carlos Nobre Sebastião, filho da sr.ª D. Maria Isabel Ramos e do sr. Domingos Sebastião.

— o sr. Mateus da Cruz, de 77 anos, natural de Mértola, viúvo, pai da sr.ª D. Lucília Dias Simões e D. Maria de Lurdes da Cruz Costa.

— a sr.ª D. Deonilde das Dores Quintino, de 19 anos, natural de Quelfes (Olhão), filha do sr. José Quintino, já falecido, e da sr.ª D. Almerinda das Dores.

— a sr.ª D. Venância da Conceição, de 84 anos, natural de Monchique.

— o sr. Manuel Pereira Viegas, de 60 anos, natural de Silves, empregado, casado com a sr.ª D. Albertina Domingues Rosa Viegas e pai das sr.ªs D. Maria Teresa Rosa Viegas Amado e D. Ana Maria Rosa Viegas e do sr. João Rosa Viegas.

— o sr. tenente José Marçal Silva, de 66 anos, viúvo, natural de Santa Catarina da Ponte do Bispo, pai do sr. Fernando Marçal e Silva.

— a sr.ª D. Maria Helena, de 70 anos, natural de Alcoutim, casada com o sr. Manuel Silvestre, mãe da sr.ª D. Catarina Gomes.

— a sr.ª D. Herminia do Nascimento Guerreiro Heitor, casada, de 62 anos, natural de Silves.

— o sr. Manuel Martins Teodoro, de 63 anos, natural de Loulé, motorista, casado com a sr.ª D. Silvina Pais Martins.

— o sr. José Joaquim Neves, de 56 anos, natural de Vila Real de Santo António, casado com a sr.ª D. Isabel dos Santos, pai do sr. Manuel José dos Santos Neves.

— o sr. Silvestre da Silva, de 91 anos, natural de Silves, pai do sr. Galileu da Silva e da sr.ª D. Albertina Amélia da Silva Martins.

Em LUANDA — o sr. António de Sousa Tomé, de 43 anos, casado, natural de Olhão.

As famílias enlutadas apresenta Jornal do Algarve sentidas pêsames.

LORILLEUX - LEFRANC

(Nova razão social de Ch. Lorilleux SA.)



TINTAS, VERNIZES E SECANTES para impressão

Fábrica e Escritórios:

CABO RUIVO — OLIVAIIS — LISBOA-6

Telefs.: 389061 - 389082

Teleg.: «LORILUX»

Tubos Plásticos

Polietileno Negro e P. V. C. Rígido

ESGOTOS

aprovados pelos S. M. A. S. do Porto

Com assistência técnica permanente

Canalizações Especiais

Industriais e Agrícolas

ACESSÓRIOS

A mais completa gama para todos os fins



MÁRIO GONÇALVES

Departamento Técnico

Estudo de projectos e orçamentos

Rua Fernandes Tomás, 815-1.º Telefones, 31147-36680 PORTO

As montureiras junto à Escola Técnica de Vila Real de Santo António

Próximo do majestoso edifício da Escola Industrial e Comercial de Vila Real de Santo António, que confina com a Rua de Angola, existe um café, com casa de pasto e papelaria, de linhas modernas, mas ao observador não passa despercebido o facto de alguns moradores limitados fazerem próximo destes edifícios, uma autêntica estremeira, arremessando nas imediações toda a série de dejectos, que pelos inconvenientes de corpos em putrefacção principalmente, na época de Verão, exalam um cheiro nauseabundo com a agravante da enorme quantidade de moscas e outros insectos, que ali pou- sam.

Não basta, já de si, este espectáculo nada dignificante, como ainda o facto de no mesmo local os proprietários das chamadas carroças de tracção animal, deixarem estes horas e horas fazendo do lugar referido um autêntico parque de estacionamento, o que não está de harmonia com o valor e a finalidade dos aludidos edifícios. Este assunto já foi ventilado nas colunas deste jornal e é à edilidade local que compete reprimir estes abusos que em nada dignificam o bom nome da terra, sabendo-se de antemão que nacionais e estrangeiros, não deixarão certamente de reparar no pouco asseio, que o local referido oferece. — António José Martins

N. da R. — O Jornal do Algarve, como se diz nesta local, já chamou a atenção das entidades respectivas para esta vergonha: montureiras, moscas, podridão, carroças e cavalgaduras. Fazemos até a ofensa à simpática aldeia de Balurcos de a envolver em toda esta porcaria. Que as entidades responsáveis da bonita vila se desinteressem da higiene da mesma é lá com elas, mas como a putrefacção dos detritos e os enzimas de moscas que no Verão atacam quem passa e invadem as casas constituem um perigo para a saúde pública, chamamos para a saúde pública, chamamos para o facto a atenção do sr. delegado distrital de Saúde a quem compete, evidentemente, zelar pela salubridade pública e que dispõe de meios para a acastelar.

Trespasa-se ou Arrenda-se

Casa de Pasto «Camino Verde» ao lado do mercado, em Vila Real de Santo António.

Respostas a este jornal ao n.º 4.082.

ESCRITÓRIO em LISBOA

Rua do Cardal, 1-2.º B

(à Graça)

Telefone 868799

SEDE em OLHÃO

Av. da República, 162

Telefone 62

ARMAZÉM em SACAVÉM

Olival de Santíssimo

Telefone 2518468

Apartado 9

Eugénio Pestana & Sobrinho, Lda.

(IMPORTADORES)

Teleg.: «Eugénio Pestana & Sobrinho»

Armazenistas de: Ferro, Arames, Materiais de Construção, Cimento «Sécil», Cal Hidráulica «Martingança», Madeiras, Etc. - Serração de Madeiras - Fábricas de: Caixotaria, Chaves para Latas de Conservas e de Pregos - Recuperação de estanho por electrólise

Ao algarvio não lhe basta a propagação turística

É na verdade lisonjeiro para qualquer de nós, algarvio que se preze, ver o nosso Algarve crescer dia a dia aos nossos olhos. Isto enche-nos a alma e os olhos de luz, desta luz que os estrangeiros, bem melhor do que nós, tanto sabem apreciar. Sensibiliza-nos sobremaneira saber que os estrangeiros, sófregos das paisagens, do sol e das belezas naturais da nossa província, aqui se radicam, construindo alguns, até, os seus futuros ninhos nestas terras de Santa Maria. Isto abre-nos as portas do peito de par em par, para melhor recebermos nele os nossos visitantes. É indesmentível tal verdade, confessamo-lo. Mas também não é menos verdade que esta nossa cegueira — de gente hospitaleira! — nos tem feito esquecer coisas maiores que não podem ser desprezadas de todo, por mais tempo.

Por isso mesmo, se não escrevessemos estas linhas, ficaríamos de mal com nós mesmos. E como somos daqueles que, quando temos razão, preferimos ficar mal com os outros mas bem com a nossa consciência, não podemos adiar por mais tempo este nosso desabafo, pois ele é sincero e interessa a todos os algarvios. Não nos creiam, por isso, inimigos do turismo, pois que o não somos. O que somos é inimigo do que está mal e se pode pôr bem, a bem de todos, inclusive da própria nação. Acharmos o turismo a alavanca número um do progresso. O turismo faz falta em qualquer país. Mas nem só de turismo necessitam as almas que vivem nos países turísticos por natureza. De algo mais necessita a boca e os olhos. E é aqui que reside a razão primordial deste artigo: É que o turismo, dado o baixo nível de vida da maioria da população algarvia, desde há tempos a esta parte que vem preocupando as classes média e pobre, desde há muito que vem sendo a causa do desequilíbrio financeiro que já as aflige grandemente. É que enquanto o turismo não se alargou ao ponto em que se encontra, embora o orçamento geral da maioria da população fosse já um pouco depauperado, não havia atingido o grau de desequilíbrio que hoje se verifica, causando embaraços de toda a ordem a quem tem de viver dos seus modestos ordenados ou salários. Quando o turismo ainda estava em embrião na nossa província, havia abundância de peixe, de carne e de outros géneros de consumo corrente, inclusive os próprios mariscos. Mas com o desenvolvimento do turismo, a coisa tem mudado de figura com prejuízo das massas laboriosas, pois que o turista, dada a sua desafogada situação económica, não olha a dinheiro, sempre que necessita das coisas. E uma vez assim, os géneros rareiam dia a dia, nos mercados, com manifesto prejuízo daqueles que tanto trabalham pelo alargamento do próprio turismo. Assim verifica-se a escassez do peixe, da carne, dos mariscos e de tudo o

mais e a concomitante elevação dos preços. Por tudo isto, quem quiser peixe terá de ir bem cedo ao mercado e de levar a carteira recheada, pois de contrário apenas comprará aquilo que os outros não quiseram.

Isto quanto ao peixe considerado vulgar, pois que os bezugos, os salmões, os linguados, as eirozes capazes de grelhar, etc., deixaram, de há muito, de fazer parte das tabelas do pescado, dado que os que podem, compram-nos ainda no mar, por encomendas a bom preço.

Urge, portanto, encarar o problema de frente e de olhos abertos, em defesa dos algarvios, criando no Algarve, como acontece em Lisboa, postos abastecedores de peixe a preços reduzidos, já que a maioria não pode acompanhar os preços elevados, devido ao seu baixo nível de vida actual.

Depois de estabelecido um equilíbrio entre preços e salários, então sim; da propaganda turística algarvia não só advirão vantagens para o Algarve como ainda para os próprios algarvios em geral, das quais beneficiará a própria nação.

Para desvantagem da maioria dos algarvios já basta que, quando pensam dar um passeio ao norte do nosso País, tenham que fazê-lo, e mesmo assim com certo sacrifício, através de excursões económicas, quando qualquer estrangeiro, para se deslocar ao nosso país em tempo de férias, o faz com a maior das facilidades, quer de automóvel, de comboio ou de avião, ainda que a distância a percorrer seja de um milhar de quilómetros. Ora isto diz tudo. Fala bem claro do nível de vida da maioria da hospitaleira gente algarvia, comparado com o do mais modesto dos estrangeiros e, até dos nossos vizinhos espanhóis.

Que se enriqueça e propague ao máximo o nosso Algarve, mas que se equilibre o nível de vida dos laboriosos algarvios.

Não sendo assim, o Algarve irá enriquecendo mas a grande maioria dos seus filhos verá as suas condições de vida agravadas e terá que procurar o escape da emigração forçada.

Esperamos, pois, que quem de direito chame a si a urgente resolução do magno problema, uma vez que todas as doenças devem ser atacadas de princípio, e esta já há muito que carece do remédio próprio.

Aqui deixamos portanto o alvitro, uma vez que o remédio ainda vem a tempo de atacar o mal, isto em defesa do Algarve e dos próprios algarvios prejudicados pela cegueira do desenvolvimento do turismo na sua terra.

J. SANTOS STOCKLER

QUALQUER PROBLEMA DE BELEZA TEM SOLUÇÃO

GRAÇAS AOS MARAVILHOSOS PRODUTOS E TRATAMENTOS DE



AV. DA LIBERDADE, 35 — T. 321866
R. ALEX. HERCULANO, 24 T. 45548

Um contra-senso na praia de Faro

A grande maioria dos farenses sabe, de há muito, que a praia de Faro não oferece segurança para a construção de prédios em alvenaria. Assim, de longa data, construíram-se ali muitas casas de madeira de que ainda hoje restam algumas, mas desde que uma grande parte da ilha passou para a posse da Câmara Municipal de Faro, creio que não é permitido este género de construção.

As pessoas endinheiradas cá do burgo, trataram logo de se distinguir! Porém, os pequenos é que não podem dar-se ao luxo de construir uma casa de pedra e cal, não só porque as suas condições financeiras não lhe permitem — pois só o terreno anda à volta de 50 contos —, como porque sabem que tarde ou cedo esses prédios estão sujeitos a serem destruídos por uma Invernia mais forte, passando com muita frequência a água do mar para a ria, através dos pontos mais estreitos da praia. Este ano já isso sucedeu várias vezes.

Se assim é, e porque existem fabricantes de casas desmorináveis, em madeira e de linhas elegantes, cujo valor segundo me consta é a partir dos 50 contos, por que razão não havemos de instalar naquele terreno movediço este género de casas, desde que previamente se façam os arruamentos com esgotos e electricidade?

É certo que quem manda, manda, mas o que é preciso é que saiba mandar, eis a questão!

MANUEL DOS SANTOS

ECONOMIA

A pesca do arenque já não constitui problema

No Instituto Hamburguês de Investigação de Redes e de Materiais obteve-se a rede ideal para a pesca de arenques e de peixes semelhantes. A rede tem uma largura de 100 metros e uma altura de 16 m. A sua posição acima do fundo do mar é sinalizada permanentemente ao barco. Os cardumes de arenques e de bacalhau costumam movimentar-se a profundidades diferentes. Por um dispositivo de eco localiza-se o cardume; o navio manobra de maneira a que a rede se situe exactamente na profundidade desejada; o navio reboca a rede, com uma boca de 1.500 metros quadrados, através do cardume. Em experiências pescaram-se, de uma só vez, trinta toneladas de arenques. Como este volume excede a capacidade da rede, aconselha-se que se reduzam as quantidades pescadas de cada vez a 18 a 15 toneladas. A rede é içada para bordo por uma rampa na ré do navio. Comentário: não seriam adaptáveis às nossas trainceiras estas redes e este novo processo de pesca?

Indústria dinamarquesa de peixe

A economia pesqueira desempenha um papel importante no quadro da economia política dinamarquesa. As ilhas dinamarquesas Faroer e Gronelândia são conhecidas no mercado mundial como fornecedoras de peixe. Nos vido também consideravelmente a pesqueiros de peixe. Nos últimos anos, porém, tem-se desenvolvido a produção de peixe fresco e de moluscos realiza-se por este processo, enquanto 20 por cento das pescas são vendidas pelas associações de venda de peixe fundadas pelos próprios pescadores. O resto é vendido aos compradores directos. 30 por cento das pescas compõem-se de arenques.

A pesca dinamarquesa é uma autêntica pesca de qualidade. O peixe é tratado cuidadosamente em pequenas embarcações. A participação relativamente grande de peixe valioso exige igualmente um tratamento cuidadoso enquanto fresco.

As pescas são levadas, em parte, ao consumidor, em estado fresco, através do comércio grossista, e em parte à indústria de peixe para ser ali preparado.

A indústria de peixe da Dinamarca dispõe de instalações para preparação e congelação segundo o moderno nível da técnica. O peixe fumado dinamarquês, como a engula, arenque, cavala, salmão e linguado, é muito apreciado, não só no próprio país como para além das suas fronteiras. O número de fábricas que se dedicam a defumar peixe aumentou para mais de 250.

Mas, não é só num dado país, que melhora a posição das pescarias, pois o balanço geral no Mundo também é francamente positivo. Assim o quantitativo de pesca mundial aumentou, desde 1958, em 27 por cento. Esta subida, segundo a opinião da maior parte dos peritos do mundo pesqueiro continuará a registar-se, nos próximos anos. A pesca mundial poder-se-ia duplicar, sem prejuízo das existências.

Muitas fontes de produção não são completamente aproveitadas. Os pescadores pescam, por exemplo, apenas 10 por cento das quantidades de peixe achado. Nas ilhas Guano, junto da África do Sul, as aves consomem anualmente mais peixe do que os pes-

cahores de todo o Mundo podem pescar. É, ainda, interessante notar que o consumo «per capita» de peixe aumenta mais do que a população mundial.

O Canadá bateu o seu recorde de produção de peixe

O Canadá bateu em 1962 todos os seus recordes em quantidade de peixes pescados e desembarcados num total de 1.115.100 toneladas métricas, lê-se no «Anuário estatístico das pescas», publicado pela FAO.

Este total ultrapassa em 9.600 toneladas métricas a produção de 1956 que, com 1.105.500 toneladas métricas tinha constituído um recorde. As quantidades pescadas e desembarcadas em 1962 foram superiores em 95.500 toneladas métricas às do ano precedente.

Os técnicos da FAO avaliam que a produção de 1962 vale \$C 128.730.000, o que constitui também um recorde. Em valor, a produção de 1961 tinha atingido \$C 110.639.000.

A produção canadiana de peixe representa 2,59 por cento do total mundial (44,72 milhões de toneladas métricas), o que coloca o Canadá no sétimo lugar entre os países produtores, atrás do Japão, do Peru, da China Continental, da U. R. S. S., dos Estados Unidos e da Noruega.

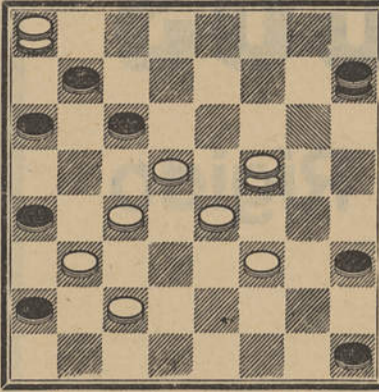
O Canadá utilizou 850.000 toneladas métricas aproximadamente da sua produção na alimentação humana sob a forma de produtos frescos, congelados, tratados ou enlatados. O resto serviu para o fabrico de alimentos para o gado e óleos para os animais e para outros fins.

Produção turca de figo A produção turca de figo seco no ano findo, foi, pelo quarto ano consecutivo, bastante elevada, sendo calculada em 50.000 toneladas curtas, segundo informações transmitidas pelo Departamento Americano de Agricultura. Em 1961 e em 1962, a produção foi respectivamente de 55.000 e 47.000 toneladas. Segundo o parecer das autoridades agrícolas turcas, a primeira colheita foi de muito boa qualidade, o que já não aconteceu com as seguintes.

Pesca em Vigo No mês de Janeiro foram vendidos na lota de Vigo 7.456.169 quilos de peixe, no valor de 107.814.046 pesetas. Como sempre, a pescadinha figura à cabeça da estatística com 2.846 toneladas, no valor de 55.243.936 pesetas, seguindo-se o atum de que se capturaram 538.325 quilos, que se transaccionaram por

Damas

Orientador: Amadeu M. Coelho
Boliquireme — Algarve
Proposição inédita n.º 14
por Atihs (Portugal)



Jogam as brancas e ganham
SOLUÇÕES
Proposição n.º 9
25-18, 27-20; 24-23, 31-24; 18-27, 30-23; 10-17, 23-10; 17-6 G. Br.
Proposição n.º 10
24-11, 16-7; 2-6, 17-3; 11-2, 18-11; 2-20-30-17 etc. Gr. Br.

SOLUCIONISTAS
Apalxonado e Janota, Algarve. Chita, França. José Pontes Silva, Patã. Júlio Viegas Nunes, S. Brás de Alportel. Joaquim Ribeiro, Portimão. Navegante, Olhão. José da Luz, Loulé. António Joaquim Furtado, Lagos. Salvador e Messias, Faro. Dr. A. Lopes, Jorge G. Fernandes, Manuel Mendes Braga, Júlio dos Reis Fevereiro, Joaquim Sebastião, todos de Lisboa.

TERRENOS COMPRAM-SE

No Algarve, de preferência à beira mar. Resposta com detalhes ao n.º 3.981.

VISITE... LUCILIO MATOS TOUPA
onde encontrará o mais vasto sortido de material usado em óptimo estado para qualquer auto (automóvel, camioneta ou camião, etc.). Resolva os seus problemas tornando-se cliente da casa que mais barato vende e nas melhores condições.
R. do Alvíto, 31-A, 33, 33-A
Telefone P. B. X. { 637024 / 633537
LISBOA - 3

10.034.999 pesetas. A indústria de conservas adquiriu 730.845 quilos. E andam para aí os boateiros a espalhar que nós somos um país de pescadores!

Diversas A nossa importação de veículos pesados automóveis que foi em 1961 de 2.375 unidades, desceu no ano findo para 2.093.
— Até ao dia 5 de Janeiro a Espanha tinha exportado 249.892 quilos de cravos, tendo sido o principal comprador a Alemanha Ocidental, com 135.982 quilos.



ATENÇÃO À PRIMAVERA

Quando os gomos abroham na sua vinha e a Primavera vai quente, mas chuvosa, não espere mais tempo para fazer a cura das videiras. Antes que o mildio apareça,

Cupravit "Z"

é a melhor defesa da sua vinha.

Cupravit "Z"

Combate o mildio · Aumenta as colheitas



SINE IRA ET STUDIO

«O Segredar das Horas» de Augusto Ricardo

Há homens, principalmente poetas, para os quais o tempo parece não contar na consumição dos anos e até das décadas. Exemplo de presença de espírito juvenil, a despeito do tempo, é o de Augusto Ricardo, como o foram João de Barros e Teixeira de Pascoais. Parece, também, que essa juventude espiritual emana da maneira de ser do homem, naquilo que respeita à moral, ou melhor dizendo, ao carácter. A saúde da alma (e essa saúde depende geralmente da vontade do indivíduo) está na base da compreensão. E compreensão, como todos nós sabemos, é o fruto da inteligência e da bondade, bondade no bom sentido da palavra.

Saúde de alma e, por conseguinte, juvenlidade de espírito é exactamente aquilo que Augusto Ricardo continua a patentear na sua obra de poeta, agora acrescida de «O Segredar das Horas», livrinho de bela apresentação, editado pela Livraria Portugal e ilustrado com desenhos do pintor Manuel Lúcio.

Ainda apesar do tempo, Augusto Ricardo não se deixou ficar para trás, no caminho das convenções clássicas, muito embora tivesse sabido, e bem, desviar-se das verdades que não vão dar a parte alguma... Neste «Segredar das Horas», como nos outros livros seus, o poeta mantém a mesma firmeza de pensamento: observação humana. Coisas da alma que, à primeira vista, parecem pequenas, insignificantes, mas que são, afinal, as grandes e inevitáveis manifestações da alma da gente simples. Poder-se-ia dizer, talvez, que essa a base da poesia de Augusto Ricardo. E, a par de tal filosofia, servida pela sensibilidade de um poeta psicólogo, está toda uma beleza poética, na forma e no estilo. Leveza e elevação, expressão e conceito. Jamais uma nota sequer de rancor ou ódio, de sarcasmo ou malquerença coube nos versos deste poeta, para quem a vida não foi, sabemos nós, inteiramente um mar de rosas... Como quase todos os jornalistas natos, conscienciosos, profissionais servindo sem servilismo, Augusto Ricardo (para mais poeta de verdade) não conheceu a lisura daquele mar, mas conheceu e conheceu o maior bem: a saúde da sua alma, a

juventude do seu espírito e uma vida em que também não coube a renúncia de princípios. São assim os verdadeiros poetas.

JOAO FRANÇA

Novidades Literárias

A Casa Sampedro acaba de lançar no mercado livreiro a «Colecção Nosso Mundo» que de um modo particular se destina à juventude.

Através de aventuras e novelas — antologias de contos — antologias de poesia — narrativas históricas — biografias — ficção científica — etc., é seu objectivo apresentar à grande massa juvenil do País, e sobretudo à juventude escolar, leituras de valor literário, educacional e formativo.

A «Colecção nosso mundo» é dirigida por Madalena Féris, Maria Natália Duarte Silva, autora do recente livro de poesias «Mão aberta», e Sophia de Mello Breyner Andresen, um valor no campo literário português. As capas e arranjo gráfico são da autoria de Sebastião Rodrigues.

Recebemos já para crítica os dois primeiros livros publicados: «O Rapaz do arquipélago», de Pierre Delsuc, tradução de Madalena Féris, e «A ra saltadora», antologia de contos organizada por Maria Natália Duarte Silva.

Brevemente será publicado o livro «A sombra do fardo», de N. Lavolle, uma aventura histórica traduzida pela dr.ª Maria Margarida Morais e «Saladelle, a égua selvagem», de M. Verite, tradução de poeta nosso comprouviciano Ramos Rosa.

IMPRENSA

«Lisbon-Courier»
A revista de turismo «Lisbon-Courier» vai dedicar um número especial ao Algarve. Para recolher elementos, esteve na nossa Província, como seu delegado, o sr. Franquelim Hipólito, que teve a gentileza de vir apresentar cumprimentos ao nosso jornal. Cumpre-nos cumprimentar o sr. Guilherme Pereira de Carvalho, que tão brilhantemente dirige a revista.

«A Centelha»
Recebemos o 2.º número de «A Centelha», belo jornal dos alunos do Liceu de Faro, que tem como professora orientadora a sr.ª dr.ª Maria Eugénia Pedro Ferreira e directores os estudantes Rui Ataíde Ferreira e Lídia Jorge. Do corpo redactorial fazem parte os jovens João Capela Coelho, Joaquim Neves, Maria Etelvina Contreiras, Maria Alice Aleixo e Maria de Fátima Clemente.

Neste número apreciamos «Da teoria molecular», por Fátima Clemente, «Sua Majestade a Juventude», pelo dr. Rocha Cassiano, «Retalhos de um sonho vivido», por Edite Guerreiro, «Do Surrealismo», por João Fazenda, «Entrevista com Júlio Carrapatos», «Silva Neves fala-nos de João de Deus», «Recordando», pelo dr. Carlos Picóito e «Primeira Página de memórias de um jornalista amador», pelo dr. Joaquim Magalhães.

Revista Técnica Automóvel
Acaba de sair o n.º 36 desta revista, dedicado à 1.ª parte do 2.º Cv. Citroen, contendo também os estudos técnicos habituais. É o primeiro número publicado este ano, devendo o 2.º sair brevemente com a conclusão deste estudo. A revista pretende assim satisfazer o desejo de numerosos técnicos possuidores de veículos da marca Citroen. Ao seu editor, sr. Júlio Duarte Silva, apresentamos calorosas saudações.

Senhores automobilistas
Reparam-se amortecedores e suspensões de todos os tipos
COM GARANTIA
Avenida da República, 176-178 — FARO

MAIS UMA OFERTA FRIX

Escolhemos para Si, minha Senhora, um lindo tacho francês de alumínio extra-especial, com tampa azul ou envernizada, à sua escolha.

Contra a entrega de 2 rótulos de qualquer das embalagens FRIX e **21.50** em dinheiro

FRIX LIMPA E DESINFECTA MELHOR

EM FARO recebe-se publicidade para o nosso jornal no Centro Revendedor de Quinquilharias, na Rua Filipe Alistão, 23.

INSTALAÇÕES FRIGORÍFICAS ALGOR e FRIALGAR

Consulte a única casa construtora nesta Província Preferida pelo comércio, indústria hoteleira e similares Rápida assistência técnica

Agência Comercial de Faro, Lda.

FARO OLHÃO PORTIMÃO
Telef. 76 Telef. 146 Telef. 417

O Dia do Teatro Amador foi comemorado em Faro

Conforme deliberação tomada no 1.º encontro dos Grupos Cénicos Amadores, realizado no ano transacto nas Caldas da Rainha, celebrou-se em todo o País o «Dia do Teatro Amador Português» — jornada cultural do maior interesse, que trouxe a primeiro plano, numa hora em que tanto se fala de crise do teatro, o valor e mérito desses verdadeiros paladinos da arte, que são os elencos de amadores. Assistiu-se assim a uma justa consagração ao esforço dos que têm lutado e com que vigor e entusiasmo, tudo dando sem nada receber, pela vivência da arte de Palma, desse estranho fenómeno que é o teatro — manifestação estética das mais válidas e pródigas em afluências.

De norte a sul, quantas salas de espectáculos voltaram a encher-se do ambiente tão próprio que se vive durante uma representação e quantos palcos não voltaram a viver momentos grandes, pois que sobre si se equacionavam os ditames maiores da bela actividade cénica.

Em Faro, o grupo de teatro do Circulo Cultural do Algarve — agremiação que nos últimos anos se tem guindado a um plano de reconhecido mérito entre os elencos afins, promovendo espectáculos de grande valor, encenando peças que estão vedadas por razões de ordem vária ao público da nossa provincia e dignificando o nome de Faro nos concursos de arte dramática, realizou um espectáculo brilhante a todos os títulos e do mais amplo significado. Foram representadas três peças de dramaturgos portugueses, numa vivência feliz dos últimos tempos do teatro português. Realmente, no dia dos amadores portugueses foi uma acertada escolha a encenação de trechos portugueses. Três nomes, que são três símbolos — Júlio Dantas, glória do Algarve, presente com todo o romantismo de «A Ceia dos Cardeais»; o vigoroso Paul Brandão, e esse naturalismo, pré-existencialista de «O doído e a morte» e o poeta maior contemporâneo, Fernando Pessoa, na peça «O Marinheiro».

Vasto público ocorreu à sala do Circulo Cultural do Algarve, cujas reduzidas dimensões não permitiram acolher todos quanto desejariam assistir a tão magnificente noite de teatro. O sarau abriu com a peça «A Ceia dos Cardeais», desempenhada por Félia Favião (cardenal Gonzaga), dr. Emilio Coroa (cardenal Rufo) e João Verissimo (cardenal Montmorency), que atingiu excelentes momentos interpretativos, mormente na cena final. Depois o dr. Emilio Coroa, director artistico do elenco pronunciou algumas palavras alusivas ao dia do teatro amador português, realçando as suas virtudes e dificuldades, os seus escolhos e o muito que lhe deve a vida intelectual portuguesa.

Seguiu-se a representação da peça «O doído e a morte», numa interpretação de Rui Rebocho (governador civil), Gilberto Santos (Nunes), José Zeferino (sr. Milhões) e Gina Guerreiro (Ana Moscoso). O primeiro artista, que conheciamos já de anteriores representações esteve à altura do muito valor que possui, mas queremos fazer uma referência especial a José Zeferino, cuja interpretação esteve magnífica, não só pelo tom acertado de «cloucura» que soube conferir ao seu papel, mas ainda pela excelente marca fisionómica com que se houve em

cena. A rápida intervenção da figura feminina faz-nos acreditar que temos amadora para mais amplos voos. Assistiu-se depois a uma representação, cujo sentido dramático, tão bem enquadrado no ambiente que os cenários desenhados com o maior acerto lhe conferiram, nos proporcionou dos mais elevados momentos cénicos que naquele palco se têm vivido. No difficilissimo «drama estático» — única obra teatral escrita por Fernando Pessoa — «O Marinheiro» — esse admirável trio — Fátima Martins (1.ª veladora), dr.ª Maria Amélia Coroa (2.ª veladora) e Anabela Santos (3.ª veladora), houveram-se com um desempenho que não deslustraria qualquer nome grande da cena nacional. Desempenhado que foi apenas pela 2.ª vez (a peça foi escrita em 1913), a audácia que a sua apresentação de certo modo representa foi totalmente banida por três artistas que souberam criar teatro, e do mais puro — vernáculo, autêntico e real. Os méritos da dr.ª Maria Amélia Coroa são soberbamente conhecidos através de intervenções em múltiplas peças, não só no Teatro dos Estudantes de Coimbra, como em espectáculos do Grupo de Teatro do Circulo (recoredamos «Súplica da Cananeia»), mas as lígrimas tão autenticamente reais que pela face corria em uma grande artista as sabe criar. Revelação verdadeira foram as outras duas intervenientes, com uma tal segurança e uma perfeição de intervenções que registamos com o maior agrado. Fátima Martins criou uma personagem que jamais esqueceremos — uma expressão extraordinária e uma dicção tão perfeita, uma vivência e um sentir — que indicam com segurança as suas possibilidades. Anabela Santos, contracenando admiravelmente, possuindo aptidões apreciáveis, foi outra revelação. Duas jovens, que são duas artistas.

Foi uma noite de elevado índice teatral esta que se viveu no Circulo Cultural do Algarve, na feliz comemoração do Dia do Teatro Amador Português. Merecem as maiores felicitações os componentes do Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve, saudando de particular modo o seu director artistico dr. Emilio Campos Coroa, personificação do verdadeiro amador — o que ama a arte e a vive — e fazendo nossas as suas palavras: «Num fraternal abraço envolvemos passadas e presentes gerações que, incansavelmente, através dos séculos, tornaram possível este singular e envolvente milagre que é o teatro amador».

JOAO LEAL

TRESPASSA-SE

Mercearia bem afreguesada na Rua da Capelinha - LAGOS.

Trata o proprietário José da Glória Dias.

SE QUISER PINTAR VOCÊ MESMO A SUA CASA MAGICOTE É A TINTA IDEAL

Eis porque MAGICOTE — a tinta que não pinga e pinta numa só demão — é a tinta que lhe convém:

Quer o esmalte, quer a tinta a água MAGICOTE, são fabricados de acordo com uma fórmula muito especial que confere tixotropia a estes produtos. Isto quer dizer que tem as quantidades das tintas vulgares e mais as virtudes que permitirão a qualquer amador realizar uma pintura de categoria. Nenhuma outra tinta lhe oferece tais vantagens, porque:

- 1 — Não é necessário agitar a tinta
- 2 — O pigmento não deposita
- 3 — Não é necessário nem nunca se devem diluir as tintas
- 4 — As tintas MAGICOTE não pingam
- 5 — A espessura da película obtida com uma demão é muito maior
- 6 — O MAGICOTE não escorre
- 7 — A aplicação é muito mais fácil
- 8 — As pinturas executam-se muito mais depressa
- 9 — A opacidade é muito elevada

MAGICOTE é fabricado em Portugal pela ROBBIALAC PORTUGUESA, R. L.

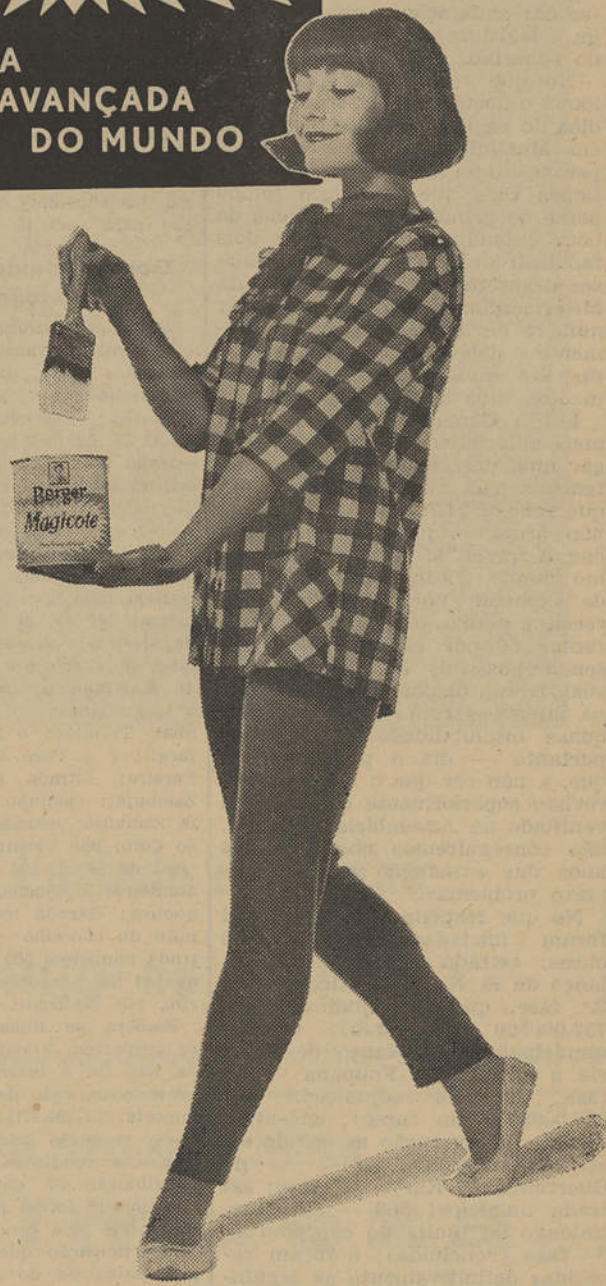


EM QUALQUER TERRA ENCONTRARÁ V. EX.ª

MINHA SENHORA, MAGICOTE PORQUE



É A TINTA
MAIS AVANÇADA
DO MUNDO



É A TINTA DE TODOS...
PARA TODOS

José Rodrigues Marques

DESPACHANTE OFICIAL
Consignatário de navios e mercadorias
Telegramas: JOSÉ MARQUES
TELEFONE 23 -
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

AS DIFICULDADES DA AGRICULTURA ALEMÃ

BONN — A integração da Europa Ocidental num «mercado comum» coloca a agricultura alemã perante tarefas completamente novas. A área agrícola útil diminuiu nos últimos anos na Alemanha Ocidental, país altamente industrializado. No ano de 1954 haviam-se registado 14,3 milhões de hectares de área agrícola útil; devido à expansão das cidades e à construção de instalações industriais e de estradas, essa cifra baixou em 1962 para 12,6 milhões de hectares (1 ha = 0,01 km²). A maioria das empresas agrícolas são pequenas e médias. O seu tamanho médio é de cerca de 8 hectares. Só se pode elevar o rendimento efectivo destas propriedades, modernizando-as fundamentalmente. Para as empresas pequenas essa modernização é difícil devido à escassez de capitais.

No Ministério Federal da Agricultura sabe-se muito bem que só se poderá garantir uma estabilidade da agricultura resistente a crises se as propriedades agrícolas de baixo rendimento, que praticamente consomem os subsídios do Estado e onde o trabalho é inútil, forem racionalizadas ou paralisadas definitivamente. Peritos falam de cerca de 500.000 propriedades agrícolas que, neste sentido, têm de ser reformadas. O governo da República Federal da Alemanha confiad, evidentemente, a decisão aos próprios lavradores. Prometeu-se auxílio à mão-de-obra empregada nas empresas que forem paralisadas. Concedem indemnizações e proporcionam-se cursos de adaptação a uma outra profissão. Praticamente não se verificaram casos de falta de trabalho ou outras crises sociais devido à grande falta de mão-de-obra na indústria.

Os peritos de política económica de Bonn não ignoram que a mudança da estrutura da agricultura acarretará, simultaneamente, profundas alterações sociais. Caso se deseje que o progresso abranja toda a população, ter-se-á de proceder a uma reforma no âmbito rural. Nada menos de 19,2 milhões de pessoas, ou sejam 35,6 por cento da população da República Federal da Alemanha, vivem em localidades com menos de 5.000 habitantes. Elevar o seu nível de vida àquele das grandes cidades é uma missão política de primeira ordem, havendo a considerar os perigos decorrentes de grandes diferenças sociais e económicas dentro de um mesmo povo.

O Governo Federal da Alemanha pretende proceder às reformas quanto antes. A chamada reestruturação nas áreas de pouca indústria tem, sobretudo, dois objectivos: o fomento de freguesias de importância central cuja irradiação penetra profundamente na zona rural e a criação de fontes de receitas suplementares em regiões que não permitem uma renda suficiente à base da agricultura.

A aplicação prática deste plano de estruturação pode ser actualmente observada em quatro aldeias-modelo na Renânia e na Vestfália. A uma distância de apenas 10 quilómetros de Dusseldorf, a metrópole do Reno, está situada a aldeia de Buttgen, que, até agora, se dedicava sobretudo à plantação de couves. A aldeia está-se transformando num centro habitacional. A população já triplicou; continua a migração das aldeias vizinhas com excesso de população, justamente por a localidade se adaptar ao estilo de vida urbano.

A aldeia de Gehrdon, na Vestfália, com 850 habitantes, não crescerá mas procura uma nova fonte de receita no turismo. Para tal constroem-se novas ruas e instalações destinadas a atrair turistas. Norf, uma aldeia de actualmente 2.700 habitantes, é um exemplo da industrialização. Os lavradores venderam os seus terrenos em condições favoráveis, mudaram de profissão ou transferiram-se para outras áreas. Hopsfen, na Vestfália, com 800 habitantes, conservará o seu estilo rural, accentuando, porém, a sua importância central na região: edificar-se-ão várias escolas, de maneira que a juventude terá maiores oportunidades de se preparar para a vida moderna.

PAUL FLORIAN

Manuel de Sousa SILVES

As melhores rolas aos menores preços

Tapetes e lã de cortiça, batoques, palmilhas, etc.

Farmácia com Laboratório de Análises

Arrenda-se em Faro por talemamento do seu proprietário-farmacêutico. Dirigir a M. Bandeira, Avenida 5 de Outubro, 8 — FARO.

TRINDADE COELHO HERDEIROS, LDA.

Vila Real de Santo António
EXCLUSIVOS:
Camisas T V
Lingerie CARON
Soutiens PETERPAN
Cintas SILHOUETTE
Um vasto sortido de tecidos estampados para Verão

Alfredo de Campos Faísca

Carros de Mão Metálicos
Ferragens, Drogas, Tintas
Foices e Verdugos tipo R. S.
Ferro, Aço, Solas e Cabedais
Móveis de Ferro
Machadinhas
Agente da
Traçadores p/ Verde
Sachos
Oliva e Robbialac
Martelos
Rua Sousa Martins, 78
FÁBRICA — Telefone 13
— Telefone 143 —
CASTRO MARIM
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CARAVELA

CASA DE NOVIDADES
Grande sortido de utilidades, artigos regionais, ferros forjados artísticos
Agente dos Relógios
— «RODINES» —
Rua Teófilo Braga, 56 Telefone 139
Vila Real de Santo António

pausa no trabalho com LUSOS o cigarro popular



no fim de cada tarefa recompense o seu esforço com a excelente «mistura» deste cigarro

24 cigarros
2\$70 + \$50 I. C.

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

É desoladora a situação financeira da Câmara Municipal de Alcoutim

(Conclusão da 1.ª página)

desenvolvimento do concelho. Aguarda-se no entanto conseguir-se dar satisfação a esta tão antiga e legítima aspiração dos povos do concelho.

No que respeita à assistência, louva o documento a acção do médico do segundo partido, com sede em Martinlongo e mostra-se esperançado na acção do sr. dr. João Lopes Dias que há pouco tomou posse do primeiro partido, pois do bom entendimento entre os dois facultativos podem lucrar as classes desprotegidas e o Hospital da Misericórdia, permitindo um maior número de internamentos. Actualmente o débito da Câmara no que respeita unicamente a internamentos sobe a 175.000\$00.

Foi a Câmara, a exemplo dos anos anteriores, autorizada a lançar uma derrama para fins assistenciais pela taxa de 8 por cento que rendeu 24.799\$30, quantia que não atinge sequer 40 por cento das despesas efectuadas no mesmo campo. Assim, terá a Câmara de suportar, por força das suas receitas gerais, o encargo dos restantes 60 por cento, o que não sendo possível, em virtude das suas fracas disponibilidades, origina situações como a presente, de quase insolubilidade. «Parece-me, portanto — diz o presidente — que, a não ser que o assunto seja revisto superiormente como já foi ventilado na Assembleia Nacional, não conseguiremos nos próximos anos dar satisfação a tão complexo problema».

No que respeita à viação rural foram iniciadas as seguintes obras: estrada municipal 507 — lanço da E. N. 122 a Alcoutim — 2.ª fase, que foi adjudicada por 752.000\$00 (em curso); estrada municipal 508 — lanço de Alcaria à Ribeira da Foupina — 2.ª fase, que foi adjudicada por 380.000\$00 (em curso); encontram-se em execução as seguintes: estrada municipal 507-2 — de Guerreiros do Rio — 2.ª fase; estrada municipal 506 — de Martinlongo ao limite do concelho — 9.ª fase (concluída); e foram recebidas definitivamente as seguintes: estrada municipal 507-2 — de Guerreiros do Rio — 1.ª fase; estrada municipal 508 — da E. N. 124 a Alcaria — 1.ª fase; e caminho municipal de Balucros.

O Município não tem recursos para pagar aos empreiteiros

«Estas obras — diz o documento — como é do conhecimento de v. ex.as, são comparticipadas pelo Estado com 85 por cento, com excepção da estrada municipal 506 que é comparticipada com 75 por cento, cabendo à Câmara o encargo dos restantes 15 ou 25 por cento. Dada a impossibilidade da Câmara satisfazer o encargo que lhe compete, foi ao meu antecessor prometida a concessão de subsídios especiais que cobririam esses encargos. Acontece, porém, que tais subsídios não têm sido concedidos, ou o têm sido insuficientemente, e os débitos da Câmara para com os empreiteiros adjudicatários dessas obras têm subido, com a conclusão das mesmas, a importâncias nada animadoras. Só de obras já concluídas e recebidas definitivamente deve a Câmara 179.342\$90; se considerarmos, porém, as obras já concluídas mas não recebidas definitivamente — mas que o serão em breve — tal débito ascenderá a 218.942\$10; e se entrarmos em linha de conta com os encargos que à Câmara corresponderão com a conclusão das obras que estão em curso atingiremos a fantástica importância de 337 contos (mais 17 contos que a maior receita ordinária e própria até hoje arrecadada). E tudo isto sem contarmos com o pagamento de expropriações de terrenos ou quaisquer outras e utilizando as comparticipações que lhes competem na amortização dos débitos!»

Acrescenta-se que foram pedidos subsídios não reembolsáveis e que se eles não forem atendidos terá a Câmara de tomar a drástica medida de

paralizar toda e qualquer actividade neste sector, a fim de obstar ao total descrédito da sua administração.

A Câmara prescindiu, no ano findo, da comparticipação de 202.600\$00 concedida para a continuação da estrada municipal 506, por não ver garantida a liquidação dos seus encargos e por não ter projecto elaborado para o lanço previsto. E assim terá de proceder no futuro, enquanto não estiver completamente esclarecido o problema dos subsídios e clara a sua situação para com os empreiteiros.

Obras incluídas no Plano de Viação Rural

A Câmara incluiu no Plano de Viação Rural de transição de 1965-1967 as seguintes obras, das quais se espera ver algumas aprovadas: freguesias de Alcoutim — estrada municipal 507 — da E. N. 122 a Alcoutim — conclusão; estrada municipal 507 — lanço de Alcoutim ao Alamo; caminhos municipais da Palmeira; Monte Vascão; ao Torneiro; ao Marmeleiro; à Corte da Seda, e à Corte Tabelião. Freguesia de Gíões: macadame e asfaltamento da estrada municipal 507-1 e estrada municipal 507 — de Gíões ao concelho de Mértola; estrada municipal 507 — lanço de Clarines a Pereiro. Freguesia de Martinlongo: caminhos municipais a Castelhanos; ao Pereirão, por Azinhal, Tremelgo e Zorrinhos; a Montargil; e a Pero Dias. Freguesia de Pereiro: estrada municipal 508 até Zambujal; caminho municipal a Fonte Zambujo; estrada municipal 507 — ao Coito por Vicentes; caminho municipal da E. N. 124 a Tacões; caminho municipal a Soudes. Freguesia de Vaqueiros: estrada municipal 506 ao limite do concelho — continuação; estrada municipal 505 — da estrada municipal 506 ao concelho de Castro Marim, por Malfrade.

Embora as linhas de alta tensão se encontrem à entrada da vila, ainda não foi a mesma electrificada. O projecto da rede de baixa tensão que importa em 294.471\$10, já está elaborado e remetido para aprovação superior. As condições de concessão da distribuição de energia eléctrica no concelho já foram aprovadas e aguarda-se que seja concedida a respectiva comparticipação que já foi solicitada, por assinatura do contrato com a C. E. A. L. e início das obras. A Câmara já começou a desenvolver a sua acção no sentido de dotar, nos anos mais próximos, com energia eléctrica, todas as sedes de freguesia.

Foram levadas a bom termo as negociações para obtenção dos terrenos para implantação dos edifícios escolares de Clarines, Pesseguero, Barrada, Alcaria Alta, Alcaria Cova e Zorrinhos, e prosseguiram as obras de construção dos edifícios de Gíões e Pereiro. As contas, com o saldo anterior, acusaram a receita de 1.423.369\$30 e a despesa de 1.295.550\$80, passando para o ano corrente o saldo de 127.818\$50.

Eng. Eduardo de Arantes e Oliveira

(Conclusão da 1.ª página)

aquele de se poder admirar quem possui méritos que transcendem a craveira normal da operosidade e da seriedade, muito mais tem lucrado o Algarve e tanto isto é certo que nunca nesta Província um governante recebeu as distinções de homenagem de cidadania que têm sido conferidas ao sr. eng. Eduardo de Arantes e Oliveira. A última partiu do concelho de Lagoa. E que no sr. ministro das Obras Públicas se encontram tais predicados de humanidade, de compreensão, de generosidade e

de afabilidade que nos parece difícil reunirem-se os mesmos em qualquer outra pessoa com o tremendo peso das suas responsabilidades. Podemos tranquilamente fazer esta afirmação porque nos consideramos desligados de louva-minhices encomendadas e desvalidas portanto de qualquer mérito. Ao lembrar o acontecimento da próxima quinta-feira mais não fazemos que associar os algarvios a um facto que não lhes pode ser indiferente pelo muito que devemos em atenções e prestabilidade ao sr. eng. Arantes e Oliveira.

Livros antigos

Obras esgotadas e raras de bons Autores, assim como grande variedade de bons livros sobre o Algarve. Peçam listas de preços à CASA BRASIL-TAVIRA.

COMPRAMOS LIVROS SOBRE O ALGARVE

Prolar • Prolar • Prolar • Prolar • Prolar • Prolar

SENHOR RETALHISTA! SENHORA DONA DE CASA!



MARCA REGISTRADA

UM NOME A FIXAR...

CADERNETAS DE ECONOMIAS

Bónus Especiais

TEÓFILO CONTAINHAS NETO

A MAIOR ORGANIZAÇÃO COMERCIAL DA PROVÍNCIA

ILU I U I U I U I U I U I U I U I U I U

Telefones 8 e 89 • Telegramas: TEOF • Telex 633 • S. BARTOLOMEU DE MESSINES

Prolar • Prolar • Prolar • Prolar • Prolar • Prolar

EMÍDIO DA PALMA GUERREIRO

Telefone 306

Rua S. João de Brito, 4
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Fazendas, Camisas, Chapéus
Malas de Viagem
Mercearia Fina
Queijo da Serra
Produtos da SPAR

Nós queremos que se elabore imediatamente o plano rodoviário

(Conclusão da 1.ª página)

de todos os problemas da sua terra, que não se poupa a esforços para os ver resolvidos e que justifica desta maneira a febril actividade a que se tem dedicado:

— Esta gente também é filha de Deus; estes homens também são portugueses e como tais, se têm obrigações, também têm direitos. E por estes direitos que nós trabalhamos. Note-se que não se pede muito... quer-se unicamente o que há de mais elementar.

Esta vontade férrea que anima o sr. António Lourenço é extensiva a todos os habitantes de S. Marcos da Serra. Eles não hesitam um momento em contribuir com o seu trabalho, o seu dinheiro e os seus esforços para o progresso da sua freguesia. E é assim que se explica que nos últimos tempos algumas ruas tenham sido arrançadas com o dinheiro do povo, que muitas vezes ainda dá o seu trabalho.

Tudo isto demonstra claramente que S. Marcos continua a lutar contra a sorte adversa e que está disposta a enfrentar todos os sacrifícios para pôr termo ao calvário a que tem estado sujeita.

A gente é boa e simples. Rude mas franca, sabe ser hospitaleira e está consciente de que qualquer coisa há a fazer.

Permanecemos dois dias nesta terra diferente. Falámos com toda a gente — desde o presidente da Junta de Freguesia aos trabalha-

dores rurais, passando pelo médico, pelo pároco, pelos proprietários e criadores de gado. Cada um tem os seus problemas.

Nestes artigos vamo-nos ocupar deles.

A nossa conversa com o sr. presidente demorou algumas horas, porque o que se tinha a tratar era tão amplo que nem mesmo assim talvez tenhamos ficado a par de tudo. Abordaram-se as realizações dos últimos anos:

— A bem dizer, nenhuma estão ultimadas. No entanto, podemos apontar: — reparação do caminho da estação da C. P. ao Monte Clérigo, que se encontrava intransitável numa extensão de mil e quinhentos metros. Fez-se com a ajuda do povo (sempre o povo...), auxílio da F. N. P. T., da C. P. e do sr. governador civil, para quem todos os agradecimentos serão poucos, tal a dedicação que tem mostrado pela nossa terra. Reparámos ainda dois terços das ruas da povoação, obra do povo, comparticipação do Estado e substancial auxílio do Governo Civil.

Continuando a conversa falámos da construção da sede da Junta de Freguesia já iniciada mas, por enquanto, parada por falta de fundos:

— Tem sido uma das obras que mais carinho nos tem merecido. Partiu-se da construção de um muro para protecção do largo que circunda a igreja. Foi uma obra

cara... levou-nos uma boa soma de contos. Feita a muralha, começou-se com a sede da Junta de Freguesia. A ela se pretende juntar alguns anexos, como seja a regedoria, posto do Registo Civil, compartimento para venda de hortaliças, talho e casa de pasto. Tudo isto já está de pé. Falta simplesmente acabar. E já despendemos ali 59 contos, dos quais dez foram dados pelo povo. Aguardamos o comparticipação oficial para os acabamentos.

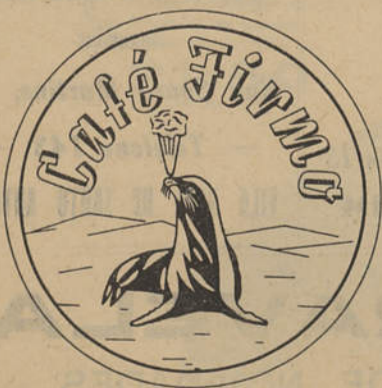
Voltámos a falar sobre as ruas. Como se disse atrás, dois terços delas já foram reparados. Não se pense porém que foram reparações definitivas. Muitas das ruas continuam a constituir autênticos lamaçais, como é o caso da Rua das Fábricas, onde a todo o momento como verificámos, se corre o risco de ficar enterrado até aos joelhos.

Mas isto não é tudo. A rede de estradas da freguesia vai merecer-nos mais aturadas considerações. Acerca disto, diz-nos o sr. António Lourenço:

— Nós queremos que se elabore imediatamente o plano rodoviário da freguesia.

Em artigos seguintes falaremos das necessidades urgentes da freguesia, do isolamento dos sítios, da necessidade de arborizar a serra, dos problemas levantados à criação de gado, etc.

TORQUATO DA LUZ



CAFÉ-RESTAURANTE

DE

Firma Gomes Toledo

Salão de Chá

Pastelaria • Snack Bar

Especialidade da Casa

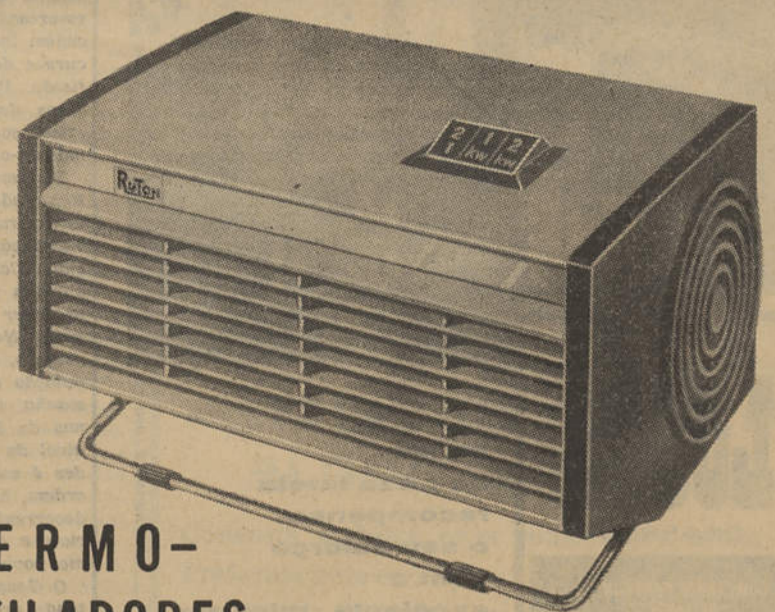
CREMES GELADOS

Rua Teófilo Braga

Telefone 303

Vila Real de Santo António

RUTON



TERMO-VENTILADORES

Especializado em aparelhos electro-domesticos

Anuário Comercial de Portugal

Accepta anúncios, venda de volumes, obra completa ou só o volume das províncias; excelentes condições.

Dirigir a **JOAQUIM PEREIRA JÚNIOR**
S. BRÁS DE ALPORTEL

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)
va cheio de razão e essa imagem feliz serviu, mais tarde, para os modernos psicólogos explicarem a chamada «corrente da consciência», no complicado mecanismo do pensamento humano.
Sentimos, realmente, em nós, um ininterrupto correr de ideias, como que o desenrolar constante de uma fita interminável de imagens; mais ou menos nítidas, mais ou menos avassaladoras, que fluem e refluem no intelecto e se modificam inconscientemente quando de novo as procuramos recordar.
Impossível reconstituir essas imagens como uma vez as sentimos porque elas ressurgem sempre transformadas, empobrecidas ou enriquecidas, de qualquer modo diferentes.

A melhor solução é não voltarmos atrás, é não pensarmos naquilo que perdemos, é repor, no seu lugar e na sua época, o leito do rio que corre em nós, conscientes de que jamais poderemos modificar o seu curso, nem tomar duas vezes banho na mesma água. Pois, ao falsearmos as nossas vagas recordações do passado, estamos a perder as mais belas realidades de presente. É preferível deixar o rio correr...

MATEUS BOAVENTURA

Ensino no Algarve
Liceal

Encontram-se a concurso um lugar de aspirante do quadro do pessoal da secretaria do Liceu de Portimão e um lugar de contínuo de 2.ª classe, no quadro do pessoal menor do Liceu de Faro.

Técnico

Por conveniência urgente de serviço, foi nomeado professor provisório da Escola Industrial de Olhão, o sr. Joaquim Nunes da Conceição Pacheco, do 11.º grupo e 1.º grau.

Primário

A seus pedidos, foram exoneradas, as professoras sr.ªs D. Rute Enita Martins Marques de Andrade Correia Arez, do distrito escolar de Faro, D. Clotilde dos Santos Oliveira e Sousa do cargo de tesorreira da Cantina Escolar de Nossa Senhora da Conceição, de S. Brás de Alportel e nomeado para a substituir o sr. Alberto da Conceição Trindade.

E como nós gostaríamos de provocar certos estádios de pensamento, sensações ou recordações que tiveram importância na nossa vida e hoje fazem parte desse estranho e impenetrável arquivo que cada homem foi acumulando através das idades e que jamais poderá eficazmente consultar!
Hoje, quando procuro, em determinadas datas ou épocas festivas — Aniversário, Natal, Carnaval, Páscoa, Férias — voltar-me para o passado, recordando factos ou pessoas que acompanharam a minha infância e já não pertencem a este mundo, sinto, por vezes, amargas desilusões e que estou a enganar-me a mim próprio. Quantas imagens me assaltam, quantas recordações em vão tento reconstruir: os meus avós, a minha velha tia, uma grande e terna amiga, os meus tempos de menino...

E tudo tão longe e tão diferente! Como é difícil fixar fugidias lembranças e feições, com que desespero elas desaparecem nas brumas da memória, mesmo aquelas que eu tanto amei e vim a perder!
O rio continua a correr, sempre com águas diferentes, límpidas ou turvas, conforme os dias e as empestades interiores. E ao regressar ao presente, parece-me ter divagado inutilmente pelo passado, perdido nos meandros confusos de um pensamento, que, propositadamente, deturpou todas as minhas mais queridas recordações.

S. Marcos da Serra vai ter finalmente ligação ferroviária de manhã para o resto do Algarve

A partir de quarta-feira, S. Marcos da Serra, começará a ser servida por uma automotora que partirá da progressiva aldelá às 6 e 40, chegará a Tunes às 7 e 04 e terá ligações para Lagos e Vila Real de Santo António. A automotora não se efectuará aos domingos e feriados.
Trata-se da satisfação de uma velha aspiração dos são-marcoenses.

HOTEL DA MEIA PRAIA LAGOS

1.ª Categoria
Aberto todo o ano

O Hotel do Algarve mais próximo de Lisboa

- ★ Agradável Bar-Restaurante com vista para o mar
- ★ Dois «courts» de Ténis
- ★ Pavilhão de ténis de mesa
- ★ Jardins • «Solarium» - Praia a 150 metros

Tel. 350 — LAGOS
Telegramas: PRAIAHOTEL



Proprietário: Eng. João Cândido Furtado de Antas

NOVA DIRECÇÃO DESDE JUNHO DE 1963

AJUDE O ARTESANATO! — comprando pratos do Redondo

PAVIMENTOS — COBERTURAS

PREMOLDE

ESTRUTURAS ESPECIAIS DE BETÃO, LDA.

COLABORAÇÃO TÉCNICA GRATUITA

MONTIJO
Telef. 230786

Rua Projectado ao Mercado, n.º 4
FARO — Telef. 1157

De oito em oito dias

Limpeza

OS nossos quase esquecidos seis leitores desculpem-nos, mas, a fé de quem somos, nós já não prometemos nada. E não prometemos porque não sabemos bem quando poderíamos cumprir quanto prometemos.
«O homem põe e Deus dispõe», diz o adágio e é verdade. Quando nós julgávamos poder discurrir semanalmente sobre estas despreziosas linhas, postas tão generosamente à nossa disposição, arranjando para elas uma fronteira que por si só nos obrigava a uma assiduidade semanal, eis sendo quando os dias nasceram e morreram, as semanas foram engolfadas na voragem dos tempos e os nossos «De oito em oito dias», passaram a ser, a nosso pesar, quando Deus Nosso Senhor permite. Mas a culpa não é nossa inteiramente; resulta das circunstâncias anormais por que todos nós passamos, em certos períodos da vida, e a que não podemos fugir. Porém, os serenos dias da Primavera hão-de voltar outra vez e, então...
E melhor ficarmos por aqui, é melhor não prometer nada. E vamos ao que importa.
Verifica-se, em muitas das caminhas de passageiros percorrendo as estradas bonitas do nosso Algarve, uma confrangedora falta de asseio que é muito de lamentar.
Não nos admiramos que a imundície ao fim do dia seja notória, dada a natural propensão do portuguêsinho de deitar para o chão quanto lhe não faça jeito guardar, ainda que a honra da tarde não sirva de desculpa para tal desleixo. Mas inicia-

rem-se as carreiras da manhã, portanto saindo os autocarros dos parques de recolha, em autêntico estado de sujidade, é que não está certo e demonstra incúria, desmazelo e falta de respeito para com os passageiros mais cuidadosos da sua própria limpeza.
Uma vassoura não custa muito dinheiro, uma agulheta e uns litros de água também não são despesa por aí além e o asseio é uma coisa bonita, lá isso é.
Vamos, senhores encarregados e senhores fiscais, procurem que os seus autocarros primem em matéria de higiene, porque alguns turistas estrangeiros também andam nas vossas caminhas e é desprestigioso que digam lá na terra deles que nós somos uns porca-lhões.
DINIZ AMARO



COMPANHIA DE SEGUROS «OURIQUE»

CAPITAL: 10 MIL CONTOS

RAMOS:

- Aéreo — Acidentes de Trabalho — Acidentes Pessoais — Cristais
- Fogo, Furto e Roubo — Automóveis e Responsabilidade Civil
- Marítimo — Mercadorias e Cascos — Transportes Terrestres — Agrícola

SEDE: AVENIDA SIDÓNIO PAIS, 2, 3.º — LISBOA

Telefones: 57116 - 57117 - 57118 — Teleg.: SEGOUR

FILIAL: PORTO — PALÁCIO ATLÁNTICO

DELEGAÇÕES:

- COIMBRA — Rua Ferreira Borges, 145
- FARO — Rua D. Francisco Gomes ♦ Telef. 562
- LUANDA — Rua Pereira Forjaz, 66, 3.º ♦ C. Postal 5196 ♦ Telef. 5901
- VILA PERY — C. Postal 96 ♦ Telef. 21

É necessário altear a muralha de defesa de Armação de Pêra

ARMAÇÃO DE PÊRA — Certamente motivado pelo grande abalo de terra da noite do dia 15, o mar no dia seguinte encrespou-se de violentos vagalhões que rebentavam na costa com uma impetuosidade assustadora. Em Armação de Pêra, na altura da maré cheia, as águas do mar devido à violenta rebentação, galgaram o miradouro da Fortaleza e entraram pela povoação, apesar da muralha de defesa dos vendavais já estar concluída. Apesar de tudo, foi a muralha a salvaguarda desta terra e dos seus habitantes. Todavia, este melhoramento para oferecer a protecção desejada, necessita de em todo o seu comprimento ser alteado em mais um metro de cantaria, é claro com algumas passagens para a praia, e proporcionando assento para recreio dos turistas e dos naturais.
Fazendo-se esse alteamento evitar-se-á que as águas do mar tornem a entrar na povoação, como aconteceu agora, devido a uma parte da muralha ao nível da praia estar já tapada pela areia, não se dando pela importante obra construída pelo Governo e que tanto beneficiou esta terra.
Com o pedido alteamento evitava-se também, o grande perigo de nas noites escuras qualquer pessoa ou veículo ir cair sobre os blocos aguçados do quebra-mar de protecção à muralha.
Estamos certos que o Governo não deixará de atender com urgência esta necessidade que se impõe a bem de tudo e de todos.
A fim de estudar assuntos relativos aos problemas turísticos desta praia, esteve aqui o sr. capitão Mascarenhas Barreto, delegado do Turismo no Algarve, acompanhado do sr. arquitecto Girel. — C.

MANUEL DE SOUSA

EXPORTADOR DO FINO POLVO VITELA
com stock para todo o ano
COMÉRCIO GERAL DE PESCARIAS
Câmaras Frigoríficas — Importação e Exportação
Apartado 1 Telefone 12
FUSETA - Portugal

É indispensável uma certa tolerância para que não seja afectada a Operação Algarve-Turismo no presente e no futuro

(Conclusão da 1.ª página)

o Algarve. Prevalece portanto todo o virtuosismo inicial da Operação Algarve-Turismo. As dificuldades que estão a surgir agora no que respeita à edificação de hotéis é que já não são da nossa responsabilidade e devemos dizer — lamentamo-las e consideramo-las até um obstáculo ao ritmo fulgurante que assinalou o começo da nossa campanha.

Em boa verdade devemos dizer também que não nos opomos a umas certas exigências de disciplina estética que assegurem a defesa dos nossos valores paisagísticos. Mas consideramos que na fase turística primária em que ainda demoramos não podemos aceitar essas exigências como dogma, repudiando entendimentos que nesta fase representam uma negação chamativa a futuros empresários. Admitimos que tais exigências, sem a tolerância razoável de uma boa compreensão, podem anular muita coisa que se quer fazer, e isso é mau, não apenas para a Província como para o País. Toleremos neste primeiro arranço — e o arrançar é que custa — a edificação de alguns imóveis hoteleiros de grandes proporções e passemos depois e quando a planificação da costa algarvia esteja concluída, a ser um tanto quanto exigentes. Embora nesta altura já não nos surpreendamos de chapéu na mão a mendigar que construam hotéis na nossa costa, a verdade é que também ainda não chegou o momento de sobranceiramente, de charuto ao canto da boca e de chapéu caindo para a nuca, convidarmos a retirarem-se os clientes que não aceitem as nossas omnipotentes exigências. Lá chegará a altura!

Entusiasmadas pela Operação Algarve-Turismo várias empresas adquiriram terrenos na nossa costa e fizeram os projectos de hotéis. Não se trata de empresas à base de improvisação. Tudo foi meticolosamente estudado, tendo em vista naturalmente obter-se a legítima rentabilidade do empreendimento. Nalguns casos até foi chamada a experiência estrangeira a pronunciar-se pois que seria imprudência arriscar dezenas de milhares de contos à base de cálculos levianos. Ponderou-se a circunstância do Algarve ter dois poderosos vizinhos concorrentes: a Andaluzia e Marrocos. E neste jogo de concorrência nós não podemos estar em plano inferior; daí que nos convem a edificação de instalações hoteleiras com elevado número de quartos, o que dá margem a poderem operar-se preços mais acessíveis e portanto ao nível da concorrência. Evidentemente que isto de modo algum exclui os hotéis de luxo de 50 ou 60 quartos que se defenderão naturalmente com os seus altos preços. Partindo daquele princípio, uma empresa, entre outras, fez os seus planos para um hotel no Barlavento que terá, cremos nós, cinco ou seis andares, rigorosamente estudados todos os pormenores funcionais e a sua rentabilidade de molde a obter-se naturalmente compensação ao investimento que é vultuoso já que o empresário terá que resolver os problemas do abastecimento de água, de energia eléctrica, de tratamento de esgotos, de comunicações e até de abastecimento porque se chegou à conclusão de que presentemente os recursos do Algarve não garantem a um estabelecimento hoteleiro de envergadura o normal abastecimento de carne, de peixe e de géneros agrícolas. Embora isto seja inacreditável e nos estimule a inscrever carrascos com machado bem afiado para uma activa operosidade, esta é a triste verdade. A culpa não é nossa e não venha para aí algum hortaliço a descompor-nos, como já o fizeram, quando noticiámos que o «Vasco da Gama» ia comprar alfices a Lisboa!

Temos portanto que, para vergonha nossa, até os abastecimentos para a indústria hoteleira do Algarve terão que vir de Lisboa. Os sapais do Guadiana que dariam pastagens para cem mil cabeças, ali estão à espera do Messias que lhes verta da milagrosa torneira a água que os adoce e que os fertilize.

Mas voltando ao tema que inspira estas linhas. Feitas todas as contas para um hotel de rentabilidade, à base de uns duzentos quartos alinhados em cinco ou seis andares depara-se este tremendo obstáculo aos empresários: reduzir a altura a três andares e alastre a casa por aí fora, sem consideração por aquelas normas de exploração hoteleira que estabelecem que em cada pavimento deve haver um número x de quartos servido por um número x de unidades humanas e que anuladas todas estas condições básicas, já não é possível edificar o imóvel, sob pena de aos seus futuros locatários se exigir uma diária de permanência que os afugente irremissivelmente da casa. Bem se lhes pode dizer que o clima é de primeira escolha, que a paisagem só não foi incluída no catálogo das sete maravilhas do mundo por descuido do historiador. Tudo isso não

chegarà para o convencer a pagar uma diária exorbitante proveniente dessa exorbitância das exigências de dimensão postas ao empresário. E aqui está como da disparidade entre critério estético e realidade económica, nos arriscamos pelo menos na zona do Barlavento, a ver soçobrar a Operação Algarve-Turismo.

Não queremos, naturalmente, a nossa costa estragada mas também não queremos que as exigências sejam de molde a impedir que se faça o que se deve fazer. E, olhando para o futuro: também não queremos arranjar dores de cabeça aos nossos netos que vão ser forçados a edificar sobre os cinco andares pedidos mais cinco para alojar a freguesia. E que isto de limitar as nossas vistas e as nossas ambições ao momento presente será muito racional mas logo enferma de um achaque — falta de visão e de previsão.

E dito isto e admitindo que um critério ou um plano se circunscrevem ao período relativo da sua execução, apelamos para quem de direito a fim de que se permita uma aceitável tolerância — com vista ao futuro.

Vila Real de Santo António TRESPASSA-SE

**Casa própria para
Restaurante Snack-
Bar, Bar ou Boite bem
localizada, é ampla e
com vários reservados.
Dirigir — à Rua do
Barão do Rio Zêzere,
43 — Vila Real de Santo
António.**

CANTAR DO GALO

Vamos ter novas visitas de discos

Segundo o rev. Severino Machado, licenciado em Teologia e em Ciências Económico-Sociais, residente em Madrid, os negregados mortais terráqueos vamos ser novamente visitados por discos voadores tripulados por habitantes de Saturno, Vénus, Marte, Jupiter e Mercúrio.

Aquele sacerdote crê piamente na existência dos discos oriundos daqueles planetas e sobre o assunto publicou um trabalho intitulado «Os discos voadores perante a razão e a ciência». Assim, segundo ele, visitar-nos-ão, em 8 de Abril, discos de Saturno; antes e depois de 27 do mesmo mês, de Vénus e Mercúrio. Em 9 de Julho, talvez os de Vénus e Marte que querem visitar Saturno. Em Novembro, dado que desde os primeiros dias de Outubro os planetas estarão em condições óptimas até ao fim do ano, os discos poderão visitar-nos quando quiserem. Não obstante o dia 13 será o mais indicado para as visitas dos habitantes de Jupiter, Marte e Vénus. Em Dezembro, posto que os planetas continuarão em boa posição, seremos visitados, em 4, por habitantes de Marte; em 19, por residentes de Mercúrio e em 23, dia em que este planeta estará em conjunção com Marte, sairão de ambos os planetas várias naves viajadoras que chegarão à Terra com vários dias de diferença: primeiro, as de Marte, que deverão ser avistadas no último dia do ano ou primeiros do seguinte, e depois as de Mercúrio, com três ou quatro dias de intervalo.

O sacerdote diz que os habitantes desses outros mundos receiam o nosso contacto em consequência da perseguição que se lhes tem movido e refere: «Um capitão das Forças Aéreas norte-americanas ao observar, assim como dois companheiros da esquadilha, um disco voador, resolveram persegui-lo. Durante certo tempo esteve em comunicação com a base para fornecer pormenores da perseguição; de repente cessou de emitir mensagens. Pouco depois encontrou-se o seu cadáver entre os restos despedaçados do avião; neste via-se um orifício causado por uma arma desconhecida. Ao mesmo tempo, na cidade mais próxima, voavam em estilhaços os parabrisas de dois mil carros».

E acrescentou: «Descobriu-se em Altec, no Novo México (Estados Unidos) um disco de uns trinta metros de diâmetro e encontraram-se no seu interior dezasseis cadáveres. A autópsia revelou que tinham a mesma constituição externa que os terrestres mas eram mais pequenos de estatura».

O homem será imortal a partir do ano 2100

Pois é assim mesmo — a partir do ano 2100 o homem será imortal. Garante-o um sábio russo e em face das provas «sputnikicas» que eles nos têm dado, estamos quase a admitir que a promessa vai sair certa — para os que viverem nesses futuros distantes tempos. Não estamos tristes por não sermos abrangidos pela prometida imortalidade. E que se podia dar o caso de termos que aturar pela infimidade dos séculos a teimosia e a vaidade de algum mentor megalomano que nos quisesse endireitar a vida entortando-a cada vez mais. Além disso a perturbação que a imortalidade física iria causar no mundo ocasionaria sérios transtornos a todos: o inferno teria que fechar por falta de clientes e lá ficavam a cargo do Comissariado do Desemprego milhentos diabos que ora secundam o chefe avernal na tortura e na queima permanente dos repugnantes pecadores. O mesmo se poderá dizer quanto ao Céu: corriam-se os taipais e cada qual que procurasse ofício. É claro que canalheiros e médicos veriam os seus rendimentos reduzidos a zero e seriam profissões banidas da sociedade humana. Os enterradores poderiam aproveitar os cemitérios para plantar nespereiras e cenouras, contando durante alguns anos com o adubo animal que fertilizou as terras. Depois, exaurido o xurume, procurariam também outro ofício. E assim por diante e correlativamente. Calculem a vida desgraçada que estaria reservada durante milénios ao infeliz que casou com uma mulher ciumenta, com o contrapeso de uma sogra agressiva que olha com raiva para o genro e lhe pisa intencionalmente os calos quando estes estão na fase eruptiva! Deus nos livre de tal calamidade! E desde já, aflitivamente preocupados com o martírio reservado aos do ano 2100, imploramos à sabedoria que trave a sua ciência de eternidade e aperfeiçoar a bombinha H — a bem da Humanidade.



Os C. T. T. no Algarve

A seu pedido, foi exonerado de bofetoneiro da CTF de Portimão, o sr. Armando do Carmo Malveiro Casilhanto, por ter sido nomeado aspirante, provisório, da Direcção Geral das Contribuições e Impostos, e foram transferidas, da CTF de Loulé, para a de Faro, a terceiro-oficial sr.ª D. Albertina Pires Dias Brandão, e da CCE da Estremadura para a CTF de Faro, a operadora sr.ª D. Laura Rodrigues Lopes da Cruz.

Foram nomeados carteiro provincial de 3.ª classe e bofetoneiro e colocados na CTF de Olhão, os srs. António Alexandre Fernando Leitão e João Eduardo Martins.

Foram transferidos para Lagos, a telefonista sr.ª D. Isabel da Costa Serrão, da CTF de Albufeira, a operadora sr.ª D. Maria Nazaré Correia Xavier Fargana, da CTF de Alcantarilha, o guarda-fios de 3.ª classe sr. Francisco Luís dos Santos Farinha, do cantão n.º 153 com sede em Cuba e o terceiro-oficial sr. Francisco da Glória Quitéria que desempenhará as funções de chefe para Alcantarilha os operadores srs. D. Rosalina dos Santos Henrique Furtado, Armando Vasques Torres Furtado, da CTF de Lagos e D. Palmira Fernanda da Silva Correia, do núcleo de Portimão, onde desempenhará as funções de chefe.

Cervejaria - Restaurante AQUÁRIO

Almoços, Jantares e Ceias

Mariscos sempre frescos

Ótimo serviço de restaurante

Serviço à Lista

Bebidas Nacionais e Estrangeiras

Vinhos Verdes e Maduros das melhores regiões

R. Tenente Valadim, 12 - FARO
Telefone 1.098

Aberto até às 4 horas da madrugada

VENDE-SE

Armazém com 124 m². na Rua Conselheiro Frederico Ramirez, esquina da Rua dos Centenários, em Vila Real de Santo António. Nesta Redacção se informa.

CONSERVEIRA DO SUL, LDA.

OLHÃO

Apartado 41

Telefs. 17 e 29

Teleg.: CONSUL

Fábrica de Conservas de Peixe
Barcos de Pesca

CONSTRUÇÃO CIVIL

Cimento «Tejo»

(tipo portland)

Lusalite

(tubrocimento nacional)

Imepa

(impermeabilizante asfáltico e cola tacos)

Frigotermo

(chapas para isolamento acústico e térmico)

Roplasto

(persianas plásticas)

Rabor

(motores, electro-bombas, sirénes, etc.)

Agente no Algarve

LUSALGARVE

Materiais de Construção

LIMITADA

R. Conselheiro Bivar, 107 - R. Francisco Barreto, 24 - Tel. 354 - FARO

VIÚVA VASQUES AZEVEDO, MARTIN NAVARRO & C.ª, L.ª

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Agências, Comissões, Consignações, Conta Própria, Seguros e

SUB-AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Vila Real de Santo António

Telefs. { Residência 192
Escritório 69

Telegramas: ODEVEZA

Apartado 29

«Se as condições turísticas do Algarve não têm paralelo naquilo que mais atrai o visitante, só há que reconhecer, patrioticamente, o seu valor e tecer-lhe um hino de louvor aos seus predicados»

(Conclusão da 1.ª página)

da mesa da assembleia geral ladeada pelas sr.ªs D. Ligia Bataglia Ramos Lopes da Silva e poetisa D. Fernanda de Castro, e pelos srs. deputado coronel Sousa Rosal, dr. José António Madeira, Mauricio Monteiro e Quirino Mealha. Também em lugar de destaque se encontravam os presidentes honorários e as senhoras de Mateus Moreno e Humberto Pacheco.

Abriu a série de brindes o sr. dr. Américo Furtado Mateus, presidente da direcção, que saudou as entidades ali reunidas e em especial o sr. general Lonel Vieira. Referiu-se em seguida aos deputados algarvios srs. coronel Sousa Rosal e drs. João Cardoso e Jorge Correia, pondo em relevo a maneira como na Assembleia Nacional têm pugnado pelos interesses do Algarve e em especial do turismo. Agradeceu a presença dos convidados de honra sr.ª D. Ligia Lopes da Silva, descendente de João de Deus e D. Fernanda de Castro e dos representantes das casas regionais. Referiu-se à imprensa algarvia pela sua constante acção na defesa dos interesses da Província e de um modo especial ao Jornal do Algarve e «Correio do Sul», destacando os seus directores respectivamente José Barão e dr. Mário Lister Franco. Saudou a massa associativa da Casa do Algarve, salientando a dedicação dos sócios espalhados pelo continente e pelas distantes províncias ultramarinas. afirmou, por fim, o propósito da direcção de dotar a Casa do Algarve dos melhoramentos meios e requisitos, necessários de modo a torná-la mais confortável aos associados que a frequentam e mais útil àqueles que vivem distantes; para o que precisava, evidentemente, do apoio dos seus comprouvianos.

Em onze anos apenas deixou de brilhar no Algarve o Sol durante cento e onze dias — disse o eng. José António Madeira

Falou em seguida o dedicado algarvio sr. eng. José António Madeira que pronunciou uma interessantíssima palestra na qual, focando o desenvolvimento que nos últimos tempos se assinala na nossa Província, disse:

Seria injustiça da nossa parte não prestarmos ao Governo da Nação o testemunho da muita gratidão que lhe é devida pela obra ingente que se propõe realizar em todos os recantos do nosso «jardim de trinta léguas». Merece citação especial o grande ministro eng. Eduardo de Arantes e Oliveira que tem sido a alma mater da concretização do turismo algarvio e supomos não errar que o seu impulso terminal terá verdadeira projecção internacional, deixando o seu nome ligado a uma grande obra em que o Algarve ficará nivelado com as mais afamadas estâncias de além fronteiras.

A imprensa, toda ela, grande e pequena, é merecedora de palavras de louvor e reconhecimento pela luta heroica desenvolvida em prol de um Algarve que se encontra decididamente no limiar de um futuro cosmopolita como se constituísse uma estância única, marítima, de planície, de montanha, e onde não haverá lugar para ciúmes ou rivalidades de quem quer que seja e muito menos adentro do solo pátrio. Constitui um dom superior da formação humana mostrar o seu conformismo em todos os actos em que se reconheça a veracidade de um fenómeno estranho à vontade do homem.

É sobejamente conhecido, mesmo a priori e empiricamente, as razões por que as correntes turísticas actuais se inclinam para o nosso rincão meridional, e não virá longe o dia em que o Baixo Alentejo gozará de idêntica primazia, formando uma unidade inseparável como muito bem disse na Assembleia Nacional o ilustre deputado dr. Armando Perdigão no debate do aviso prévio sobre turismo.

Na verdade, o Alentejo, após a execução do plano de irrigação, irá tomar feições novas dotadas de uma «personalidade inconfundível», mostrando ao visitante o potencial que o homem põe ali a descoberto com novos processos de amanho da terra.

Se as condições turísticas do Algarve não têm paralelo naquilo que mais atrai o visitante, só há que reconhecer, patrioticamente, o seu valor e tecer-lhe um hino de louvor aos seus predicados, pois o contrário seria um crime de lesa-pátria.

Se o turista dá preferência à quietude das suas águas e à sua benignidade térmica que não tem semelhança em todo o nosso litoral e mesmo raro igualar-se lá fora, apropriada para a prática da talassoterapia, e se prefere as estâncias de repouso, desportos náuticos na amenidade excepcional do seu clima, desviando-se da parte monumental e artística que na verdade pode encontrar melhor, algures no País, é porque assim o deseja voluntariamente.

Não quero estabelecer confrontos científicos fora das publicações oficiais para não ser acusado de «carranjar» um bom clima para a nossa província, como se a probidade científica se prestasse a mistificações e a inteiressa de carácter pudesse enfraquecer perante os dados indiscutíveis da observação. Mostram no entanto certos elementos estatísticos, que não podem ser des-

mentidos, a confirmação da nossa superioridade.

Quem preferir estâncias helioterápicas onde vai encontrar zonas que num período de onze anos o Sol deixou de brilhar, por estar o céu encoberto, apenas cento e onze dias?

Se a radiação solar constitui a matéria-prima que atrai, sobretudo os povos nórdicos que vivem uma parte do ano na escuridão e envolvidos por neves e gelos quase perpétuos, como duvidar da fama merecedora alcançada pelo nosso Algarve?

«Ante a operação já histórica do Algarve-Turismo lançada no prestigioso JORNAL DO ALGARVE a nossa posição deve ser ofensiva e não de expectativa»

Proseguindo, o sr. eng. José António Madeira referiu-se à arte e à história da nossa Província, apontando os lugares mais notáveis entre eles as ruínas romanas de Milreu, acrescentando:

Muito mais havia a dizer sobre esse antigo reino e tomemos a decisão pre-emptória de não consentir que seja arrancado ou diminuído o seu património turístico mesmo que isso seja obra daqueles que se consideram pretensos mentores da política e no fundo não passam de baírristas tendenciosamente apaixonados. Esperamos que a fluidez dos seus actos se oriente na boa razão e se acalme a exaltação passageira, fruto de um entusiasmo irreflectido fácil de compreender. A esses descrentes e cépticos do Algarve, alheios às condições privilegiadas do meio, aconselha-se uma curta permanência na aquela região.

Ante a operação já histórica do Algarve-Turismo, lançada no prestigioso Jornal do Algarve, a nossa posição deve ser ofensiva e não de expectativa.

Se somos poucos perante o adversário temos pelo nosso lado a força da razão e da justiça, pois está reconhecido oficialmente pelo Governo da Nação, como ultimamente afirmou o mui digno subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, sr. dr. Paulo Rodrigues, que o Algarve constitui, no que respeita a elementos naturais, a região turística mais privilegiada do País. E, permita-se-me que prognostique a sua superioridade mesmo além fronteiras no domínio do chamado turismo científico que está por estudar, mas já se antevê a priori e por dados empíricos, a projecção desse novo aspecto turístico considerado valiosíssimo no domínio da profilaxia e da terapêutica de variados casos clínicos.

Além da termalidade das águas de algumas praias do Algarve e das condições climáticas, o resto que engloba a salinidade das águas do litoral, a riqueza na atmosfera em cloroto de sódio, iodo e ozónio no decurso do ano, está tudo por fazer. Para já era

importante o estudo do chamado «clima solar» colhendo-se observações actinométricas em toda a zona do espectro solar, quer em intensidade quer em quantidade de radiações, mórmente as ultra-violetas, cujo valor em helioterapia é sobejamente conhecido.

Como medicamento, os banhos de Sol carecem de doseamento como qualquer outro. Há quem suponha, empiricamente, apenas, que a região de Faro, na parte que está em contacto com o oceano, para além da sua ria, é a mais rica em radiações solares ultravioletas em toda a orla marítima algarvia. Só os estudos actinométricos poderão decidir da sua veracidade.

Apreciando em seguida a acção proveitosa desenvolvida pela Casa do Algarve e lamentando que os algarvios não lhe dispensem mais carinho, o sr. eng. José António Madeira, evocou João de Deus e mostrou-se confiante na construção em Faro do Jardim-Escola.

Falaram seguidamente para agradecer as referências que lhe foram dirigidas e louvar a nossa Província, as sr.ªs D. Ligia Bataglia Lopes da Silva e D. Fernanda de Castro.

O deputado sr. coronel Sousa Rosal, em nome dos seus colegas, agradeceu as palavras de reconhecimento a todos dirigidas, elogiou a acção da Casa do Algarve e fez um apelo aos algarvios para que, pondo de parte quaisquer divergências, se unissem em defesa do Algarve.

Falou ainda o sr. Elvas Ferraz, presidente da Casa de Lafões, em nome de todas as casas regionais e encerrou os brindes o sr. general Leonel Vieira que saudou as individualidades que tinham sido homenageadas, agradecendo-lhes os notáveis serviços prestados à Casa do Algarve e fazendo um apelo à união dos algarvios para mais facilidade de satisfação das legítimas aspirações do Algarve. Evocou João de Deus cuja descendente saudou, dirigindo também cumprimentos à sr.ª D. Fernanda de Castro e prestando homenagem à memória de António Ferro. Concluiu saudando os algarvios de Lisboa e do Algarve, pedindo que não se esmorecesse no trabalho necessário para o engrandecimento do Algarve.

Foram enviados telegramas de saudação e agradecimento aos srs. ministro das Obras Públicas e subsecretário da Presidência do Conselho.

Aniversário da Casa do Algarve

Integrado nas comemorações do 134.º aniversário do nascimento de João de Deus, seu patrono, o 34.º da sua fundação e o 18.º do seu ressurgimento, a Casa do Algarve leva a efeito na noite de sábado de Aleluia, um baile abrilhantado pelo conjunto Sanremo, durante o qual será eleita a «miss Casa do Algarve 1964».

Milho Híbrido IRPAL

O MILHO DA ABUNDÂNCIA

IRPAL, que foi a primeira firma a apresentar em Portugal os duplos híbridos comerciais, continua na vanguarda pois tem a honra de ser a primeira a apresentar no País os híbridos simples comerciais

- U H 138 (amarelo, precoce)
U H 158 (amarelo, tardio)

Mais caros, decerto... mas amplamente compensadores!

Grande difusão na América e em França.

IRPAL continua a apresentar também a sua vasta gama de variedades UNITED - HAGIE e Híbridos Portugueses.

Pedir informações comerciais e técnicas a

IRPAL - Indústrias Reunidas de Produtos para a Agricultura

S. A. R. L.

Trav. do Almada, 20-2.º Esq. Telef. 869167/68 LISBOA - 2

JUVENTUDE SPORT CLUBE

Fundado em 5 de Dezembro de 1918

SEDE

Pátio de Salema, 5, 7, 9 e 11

Campeão Nacional da III Divisão da Época de 1950/1951

Évora, 15 de Novembro de 1960

Ex.º Sr. Proprietário da Pensão Mateus Vila Real de Santo António Os nossos cordiais cumprimentos.

A Direcção deste Clube, agradece a forma como foram recebidos e tratados na Casa de V. Ex.ª os componentes da equipa do Juventude, bem como o director que a acompanhou.

Por tudo, aceite V. Ex.ª os protestos da nossa gratidão. Sem outro assunto de momento, creia-nos com toda a consideração,

Atentamente, a) Luis Ventura Pinheiro

TINTAS «EXCELSIOR»

OITAVO ANO

(Conclusão da 1.ª página)

terras, palavras amigas para que se zeze pelas nossas instituições de assistência, tudo aquilo enfim que estimule o brio da nossa gente no sentido de mais engrandecermos e prestigiarmos o nosso Algarve e mais favorecemos aqueles algarvios desajudados da fortuna e que poderão ver no futuro a sua vida melhorada com o progresso que se vislumbra para estas nossas lindas terras que João Lúcio tão terna e harmoniosamente cantou no «Meu Algarve» — a Bíblia do nosso povo.

No dia de hoje queremos enriquecer palavras sentidas e de profunda gratidão a todos aqueles que nos têm ajudado — e através de nós o Algarve — nesta tarefa de manter o jornal da Província — os nossos dedicados colaboradores. Sem eles não haveria

jornal, não se teria estabelecido este convívio entre algarvios, tão íntimo que os regozijos que alegrem ou as tristezas que afligem qualquer das nossas terras são conhecidas de todas as outras, estabelecendo-se deste modo, através da informação, uma convivência que reforça a nossa família e a identifica acerca do que se passa no lar algarvio.

Além dos nossos colaboradores, temos também que agradecer aos nossos leitores e aos nossos anunciantes o favor com que nos têm distinguido. O nosso receio porém, insistimos, reside na dúvida de se teremos servido bem. Em nossa consciência atrevemo-nos a supor que temos servido o melhor que nos tem sido possível. E amparado nesta consolação, prosseguimos a correria até ao fim da batalha — ou do lutador.

DA SERRA DA ESTRELA - DE MANTEIGAS

Cães da famosa raça da Serra da Estrela - de Manteigas



MANTEIGAS — o coração da Serra da Estrela, a única que tem os autênticos Cães da Pura Raça da Serra da Estrela. Os melhores para guarda de gado e de quintas. Fornece a preços baratos com as idades de 2 meses até 2 anos

CENTRO FORNECEDOR DE CÃES DA SERRA DA ESTRELA

— DE —

Jaime de Almeida Leitão

Telef. 47144 — MANTEIGAS — Serra da Estrela

ACEITAM-SE AGENTES PARA VENDA À COMISSÃO

Adega Cooperativa de Tavira

(Alvará de 19 de Maio de 1954)

Vinhos Tintos, de mesa Vinhos Licorosos

Marca Registrada — TAVIRA

Inconfundíveis para os apreciadores de requintado gosto

Sapatataria Oriental

É uma sapatataria que defende a bolsa dos seus clientes - porque:

Compra nos melhores fabricantes; compra aos melhores preços e porque só compra artigo de 1.ª qualidade. Sempre modelos recentes.

Largo D. João II — Rua Dr. João de Deus

Telef. P P C — 60

Portimão

O CONSELHO

Conto de MATINGGO BOESJE (indonésio)

Quando leres o conselho que te deixo nesta folha de papel, meu filho, a situação do mundo terá mudado muito. Poderás ser um aspirante que se treina para astronauta; as minas de ouro da região de Lampong estarão exploradas e as aldeias inundadas pela luz do néon.

É evidente, meu filho, que ao leres este conselho, as ruas já não serão estreitas, haverá mais autocarros do que os necessários e os «betjaks» já não serão pedalados por homens. É também perfeitamente possível que as pessoas não necessitem de andar em autocarros nem em «betjaks», por todas as famílias possuírem automóveis, visto as minas de ouro terem dado prosperidade a todo o povo.

Hoje, meu filho, é um dia feliz para mim, porque celebro o meu vigésimo quinto aniversário.

Acontece que o editor a quem mandei este artigo é um homem muito bom. Com a sua assinatura, posso ir ao escritório da revista e receber 200 rupias. Embora a paga não seja muito elevada, nesta altura em que passo para o papel o meu conselho, convidei um amigo para ir a um «café», onde tomámos algumas bebidas. Eu estava bem contente.

«Feliz aniversário», disse o meu amigo.

«Obrigado», respondi.

«Façamos uma festa. Vou mandar vir azeitonas e bebidas, sem excederem contudo, a importância de 200 rupias», disse eu.

O meu amigo sorriu, mas, na verdade, estava cheio de fome. Era também escritor, mas um verdadeiro autor, que jogava o seu destino nas receitas do que escrevia. Não te espantes, portanto, quando eu te disser que o meu amigo tinha a experiência de não comer durante uma semana e a isso estava habituado. Felizmente era ainda solteiro, não estava noivo, nem tinha filhos. Tinha também a sorte de a família o detestar, por se ter tornado escritor. Aquela era realista e considerava os escritores caçadores de ursos no vale da fome. Mas este meu amigo parecia sempre feliz, meu filho, porque, com tal família, não se sentia ligado a ninguém neste mundo. Eu imaginava que ele era o mais livre homem da terra, embora essa liberdade fosse apenas a sua imaginação. Mas nessa altura eu raciocinava assim: a única coisa importante é o homem, e a liberdade não é mais do que uma parte dele. O homem chama liberdade a um símbolo de respeito por si próprio: uma satisfação pela qual o seu coração anseia até à morte. Eu estava triste por ver os homens e disse-o então a mim próprio e continuei a dizer. Por esta razão, tenho mais pena deles.

«Quando quer que o seu livro seja publicado?», perguntou o meu amigo. O meu espírito vagueava, mas depressa voltei à realidade.

«O meu livro? Talvez em Dezembro», foi a minha resposta.

«Qual é o seu plano?», continuou.

«Quero comprar um relógio».

«Um relógio? Para quê?»

«Com um relógio podemos contar as horas».

«Para que é que uma pessoa precisa de contar as horas?», perguntou.

«Contando-as, sabemos quantas faltam para a noite. Quantas ainda para o dia seguinte. Gradualmente, sabemos também durante quanto tempo podemos defender a vida», respondi.

O meu amigo suspeitou que eu estivesse doído. Mas perguntou ainda:

«E que mais quer comprar?»

«Um diário».

«Um diário?»

«Sim, um diário. Vale mais do que um relógio. Num diário posso escrever tudo o que quero. Posso imprecar contra o céu, as casas, os automóveis, as pessoas de qualquer condição social. Ver-me-ei livre da ansiedade e do medo. Sentir-me-ei muito mais livre do que você, embora possua essa liberdade só para mim».

«E que mais?»

«Não me interrompa», disse eu. «Ainda quero acrescentar uma coisa. Nesse diário poderei escrever os meus

débitos e créditos, fazer o meu balanço. Se toda a gente souber administrar as suas finanças, cada um de nós estará a contribuir para a economia do Estado, mesmo que essa contribuição seja apenas de 1/90.000.000», disse eu.

«Pode ser ministro da Economia», disse-me.

«Não posso ter esse cargo, como é natural. Se o tivesse, compraria 90.000.000 de relógios para o povo, 90.000.000 de diários e 90.000.000 de lápis e canetas de tinta permanente. Não quero esse lugar, mesmo que me fosse oferecido, porque sei que não sou suficientemente inteligente para o ocupar».

O meu amigo estava como que hipnotizado.

E perguntou:

«E que mais vai comprar?»

«Se fosse possível, compraria um dos planetas do firmamento. Tentaria ser feliz lá».

Ele desatou a rir à gargalhada e todos os presentes olharam na nossa direcção. E continuou a rir. Na altura em que escrevo este conselho, meu filho, muitas pessoas riam como o meu amigo, muitas, milhões, mesmo.

As oito horas desse dia dos meus anos, alguém me disse que o meu amigo tinha cortado os pulsos com uma navalha. Fiquei consternado, porque havia uma nota dele onde se lia: «Tenho vergonha de ti, Senhor, porque não tenho vivido como um ser racional e bom, como nos ordenastes».

Para mim esta morte não foi muito triste, porque isto era bastante vulgar nessa época.

De facto, meu filho, este conselho podia não ter existido, se o meu amigo não se tivesse suicidado.

O suicídio é terrível e insatisfatório, meu filho. Se fores piloto e a tua carreira falhar, não tenhas vergonha. Se fores motorista de camião e, por acidente, atropelares uma pessoa e ela morrer não cometas o crime de suicídio, meu filho. Se falhares como engenheiro, não batas com a cabeça contra o edifício até ele abamar.

Creio que na altura em que leres isto, já terás algum modo de vida que quiseses. Podes exercer qualquer profissão, mas, por favor, não acautes o ideal de ser escritor.

Tenho muitos motivos para te proibir, meu filho, mas só posso mencionar alguns. Um bom autor procura sempre a verdade. A ideia da história que vai escrever deve basear-se na realidade. Mas acontece muitas vezes que a verdade é derrotada pelo facto e é nesse momento que o autor é experimentado. Um facto pode não ser verdadeiro, meu filho. Por isso um autor deve ter a coragem de se mortificar, para seguir uma verdade.

É estranho que, sendo escritor, eu só precise de duas coisas neste momento — um relógio e um diário.

Contudo, sinto-me também orgulhoso, porque, com estas duas coisas, posso também provar a verdade. A verdade que abraçei.

«Quero saber onde está agora esse relógio. Tem para mim valor histórico. Gostaria de o encontrar», dirás tu.

«Tenho pena, meu filho», será a resposta.

«Porquê?»

«Empenhei-o para comprar um diário novo, porque os antigos já estão cheios».

«E eu já não o posso desempenhar, certamente...», dirás tu.

«Não, está perdido».

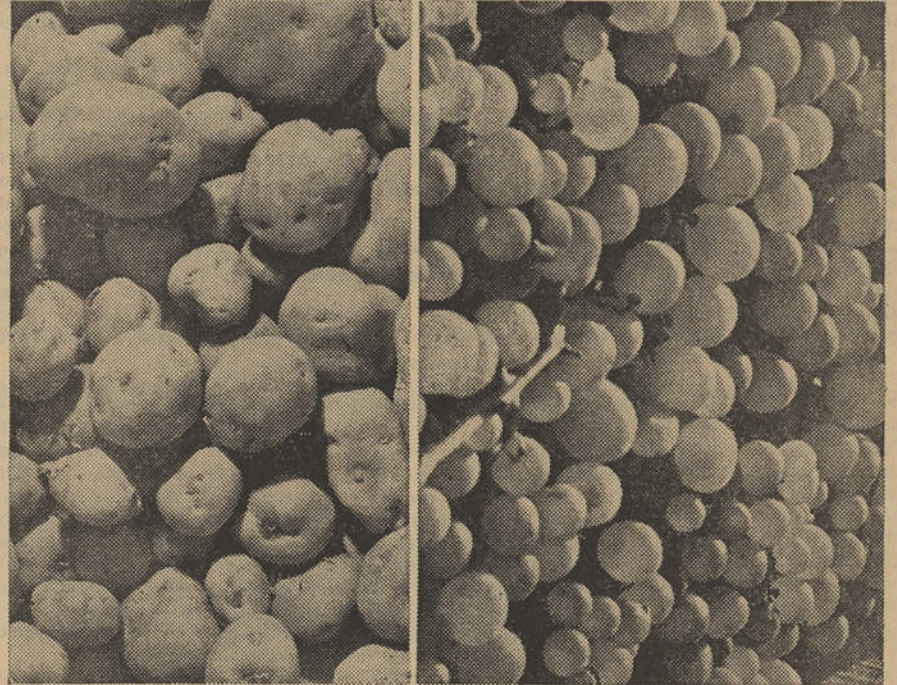
«E os diários? Qual é o seu conteúdo?»

«Várias coisas, entre as quais a verdade. Mas os meus diários não podem ser empenhados. O que estás agora a ler é copiado da página datada de 21 de Novembro, o dia do meu 25.º aniversário».

Meu querido filho. Quando eu terminar o meu conselho tu ainda não existirás. As minas de ouro também ainda não estarão abertas. Mas tenho uma sugestão: o que dizes da ideia de seres engenheiro de minas? Não te zangues, meu filho, isto não é senão uma sugestão. Escolherás o teu modo de vida de acordo com a tua vocação e possibilidades, com a condição de que a tua escolha seja verdadeira, e não prejudique o teu futuro nem o dos teus semelhantes.

Aspor

fungicida azul com base em zinebe



para o combate ao "míldio" o melhor e o mais económico



para todos os esclarecimentos

dirija-se à Dependência CUF mais próxima

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

av. infante santo, 2 - LISBOA 3

Notícias de Olhão

Reparações nas Avenidas da República e Dr. Bernardino da Silva

Agradamos registar a boa vontade demonstrada pelos serviços respectivos do Município local, ao providenciarem no sentido de serem reparadas as irregularidades existentes no calcetamento da Avenida Dr. Bernardino da Silva e tapados convenientemente os buracos situados junto à passagem de nível na Avenida da República e que prejudicavam o trânsito nas duas principais artérias da vila, conforme nestas colunas já anteriormente havíamos focado.

TRAVESSAS E BECOS SEM NOME — Num dos nossos regulares e úteis passeios pela vila cubista, tivemos ocasião de verificar que existem deficiências fáceis de remediar, no sistema de colocação de placas ou letreiros em que se mencionam os nomes das ruas, travessas ou becos.

Começamos por referir que, em determinadas travessas ou simples becos, não descurtinámos quaisquer letreiros indicativos dos seus nomes, pelo que deduzimos que ainda não foram «baptizados».

Embora se trate de pequenas artérias e de valor insignificante, seria da maior utilidade que se lhes dessem um nome, o que seria vantajoso para todos aqueles que no exercício da sua profissão (carteiros, médicos e enfermeiros) a elas têm de se deslocar com relativa frequência, facilitando-lhes deveras a sua missão.

Outra anomalia notámos e que não queremos deixar de apontar. Trata-se de algumas artérias, incluindo as avenidas da República e Dr. Bernardino da Silva, onde só existem letreiros elucidativos num dos seus extremos. A primeira tem duas placas, uma delas no centro da avenida, mas cremos que também seria conveniente

colocar outra na extremidade junto à passagem de nível.

Supomos que o mais aconselhável seria a colocação de placas nas duas extremidades das ruas. É este, aliás, o processo usado na nossa vila, com poucas excepções, diga-se em abono da verdade. — C.

TINTAS «EXCELSIOR»

Vendem-se

Dois triciclos, em bom estado, para venda de sorvetes. Informa: Café Brasileira — FARO.

Exposição de pintura em Faro

No Circulo Cultural do Algarve foi inaugurada uma exposição de quadros a óleo da distinta amadora sr.ª D. Marília Viegas. As duas dezenas de telas expostas revelam uma artista, que sendo a primeira vez que expõe, possui consideráveis aptidões e um meritório sentido da harmonia. Destacamos «Natureza morta» (n.º 6 e 10) e «Crepúsculo», como obras mais representativas neste salão, que é o primeiro contacto duma jovem mas talentosa artista com o público. A exposição continua patente ao público.

CONSULTAL

Consultores de Investimentos no Algarve, Lda. Praça Miguel Bombarda, 6 — ALBUFEIRA

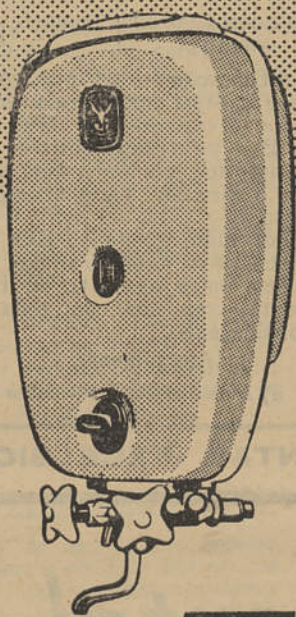
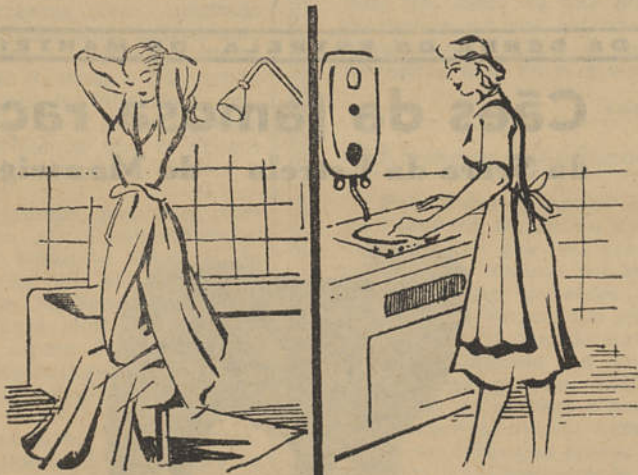
Tendo sido fundada para aconselhar no investimento de propriedades de todos os tipos, no Algarve, agradecemos informações dos proprietários, de quaisquer casas ou terras, que desejem vender.

Vaillant

O expoente máximo da Indústria Alemã

ÁGUA QUENTE CORRENTE

- A QUALQUER HORA
- EM QUALQUER LOCAL
- EM QUALQUER QUANTIDADE



PARA QUALQUER GÁS

O ESQUENTADOR A GÁS, É O SISTEMA DE AQUECIMENTO DE ÁGUA MAIS: SIMPLES, ECONÓMICO, RÁPIDO E EFICIENTE

Em toda a parte, na casa de campo, no monte distante de qualquer povoação, na casa própria, o Vaillant-Geyser para gás butano fornece água quente em quantidade ilimitada.

A água fria corrente é aquecida de tal forma, na sua passagem pelo Vaillant-Geyser, que se pode tirar quente ou morna em qualquer quantidade.

À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

SINO

Conhece os novos SINO de OURO SINO da SORTE?



Compre os Guachos SINO, Colas brancas SINO, Colas Tudo SINO, Almofadas SINO, Tintas para escrever e estilográficas SINO, Tintas para Carimbos SINO, Lacs SINO, da Firma A. FERREIRA, LDA., coleccione as senhas e tê-lo-á. Verá que é uma joia de certo valor. Comprando os artigos SINO, da Firma A. FERREIRA, LDA. compra bons artigos, a bons preços e terá o

SINO de OURO SINO da SORTE

A. FERREIRA, LDA.

227, Rua da Junqueira, 239 — Tel. 638478 — LISBOA

CASA VERDE - FARO

Sempre o maior e melhor sortido em tecidos de lã, algodão e seda, e sempre aos preços mais baratos.

EIS A SUA DIVISA!...

ACTUALIDADES

DESPORTIVAS

FUTEBOL

Comentários de ENCARNAÇÃO VIEGAS

Campeonato Nacional da I Divisão



Uma das fases do jogo Olhanense-Lusitano em que saíram vencedores os algarvios. Vital, guarda-redes eborense, anula o esforço de Parra

Mereciam melhor prémio os algarvios

Dispuseram-se os visitantes no terreno denunciando a intenção de discutir o jogo palmo a palmo, organizando-se no sentido de neutralizar os intentos ofensivos dos barreirense, na medida que partindo de trás e aproveitando a objectividade de Parra e Gancho, procuravam surpreender o último reduto cufista. E o que é certo é que o plano previamente

estabelecido confundiu os barreirense ao ponto de estes não conseguirem durante grande parte do jogo superiorizar-se aos algarvios que mereciam da sua actuação não mereciam tão desnivelado «score» e este só se justifica pela felicidade dos donos do terreno no que se refere a remate na ponta final do encontro.

Campeonato Nacional da II Divisão

Remate certo — segredo dos «Leões» de Faro

No passado domingo no seu despique com os alhandrenses ainda na perseguição do título, tiveram os homens da capital algarvia o mérito de um poder de concretização que rendeu quatro tentos e que perdeu outros tantos em lances que bateram toda a defesa visitante. Fazendo «movers» toda a linha dianteira da sua equipa o n.º 8 local José Bento não só foi o impulsionador da sua equipa, como ainda surgiu como o finalizador de remate fácil e certo. Também na rectaguarda soube haver-se a turma de Faro, ante um adversário de magnífica arquitectura de jogo e que apesar dos tentos sofridos nunca desfalceou.

Bela partida que ganhou o mais decidido

Foi um esplêndido encontro o que se disputou em Portimão com as duas turmas a procurar desenvolver os seus esquemas com outras preocupações que não fosse o jogo e o esférico, uma procurando tirar vantagem da sua maior capacidade atlética, a outra procurando impor-se pela habilidade natural dos seus elementos e agradável jogo da conjuntura. Ao final dos noventa minutos o triunfo sorriu aos algarvios merecidamente depois, visto ter sido maior a sua capacidade de ataque.

Vontade e bom jogo, base do êxito

Impôs-se logo de início a turma pom-balina mercê de velocidade que imprimiu aos seus esquemas atacantes, chegando sempre primeiro à bola do que o adversário e criando sucessivos momentos de apuro para o grupo alhandrense. Este porém logo que se apercebeu dos intentos dos fronteiricos procurou o contra-ataque, mas a defesa lusitanista, bem escalonada e com bom sentido de cobertura não se deixou surpreender.

Resultados dos jogos:

I Divisão: Seixal, 2 — Varzim, 1; Leixões, 1 — Setúbal, 0; Cuf., 4 — Olhanense, 1; Lusitano, 1 — Benfica, 3; Sporting, 1 — Académica, 0; Guimarães, 2 — Barreirense, 0; Belenenses, 1 — Porto, 1.
II Divisão — zona sul: Lusitano, 2 — Atlético, 1; Portimonense, 2 — C. Piedade, 0; Lusio, 0 — Peniche, 0; Montijo, 2 — Oriental, 1; Sacavenense, 3 — Beja, 2; Farense, 4 — Alhandra, 1; «Os Leões», 2 — Torriense, 2.
III Divisão — zona D: Moura, 0 — Juventude, 0; Aljustrelense, 3 — Calipolense, 0; Ferreirense, 1 — Faro e Benfica, 2.
Campeonato Distrital de Juniores (2.ª fase): Lusitano, 2 — Silves, 0; Olhanense, 4 — Farense, 4.
Campeonato Distrital de Principiantes (jogos em atraso): Esperança, 1 — Olhanense, 1; Faro e Benfica, 1 — Lusitano, 4.
Taça Associação de Futebol de Faro — Juniores — 1963-64: Lisboa e Gonçalves, 3 — São-brasense, 3; Moncarapachense, 2 — Faro e Benfica, 2; Tavirense, 1 — Esperança, 7.

Equipas e marcadores:

OLHANENSE — Martin; Alexandrino e Nunes; Madeira, Rui e José Manuel; Matias, Parra (1), Espírito Santo, Gancho e Reina.
LUSITANO — Santos; Vicente e Gonçalves; Silva, José Pedro (1) e Alves; Almeida, Jaruga, Aniceto (1), Araújo e António Pedro.
FARENSE — Rodrigues; Armando e Dias; Valdemar, Reina e Vítor; Oscar, José Bento (2), Marco, Gonçalves e Santa Rita (2).
PORTIMONENSE — Daniel; Lino e Tonica; Jorge, Eduardo e Santos; José Manuel, José António (1), Afonso (1), Arquimínio e Alexandrino.

CICLISMO

Jorge Corvo é o campeão regional de 1964

Ao vencer a prova de contra-relógio, realizada no passado domingo, o ciclista tavirense Jorge Corvo cotou-se campeão regional de independentes, título que mantinha da época transacta.

De salientar o extraordinário entusiasmo verificado durante a corrida de contra-relógio, o qual por vezes criou sérios embaraços à organização da prova.
Classificação — 1.º, Jorge Corvo, 2 horas, 44 minutos e 25 segundos; 2.º, Vítor Tenazinha, 2 horas, 46 minutos e 16 segundos; 3.º, José Carrasqueira, 2 horas, 46 minutos e 23 segundos; 4.º, Florival Martins, 2 horas, 47 minutos e 5.º, Valério Clara, 2 horas, 48 minutos e 16 segundos; 6.º, José Pedro, 2 horas, 50 minutos e 51 segundos; 7.º, Octávio Trinta, 2 horas, 51 minutos e 31 segundos; 8.º, Sérgio Páscoa, 2 horas, 51 minutos e 45 segundos; 9.º, Manuel Machado, 2 horas, 52 minutos e 55 segundos; 10.º, José Piedade, 2 horas, 53 minutos e 32 segundos.

Sport Faro e Benfica novo praticante da modalidade

Segundo nos informaram o clube farense Sport Faro e Benfica está organizando uma secção de ciclismo, facto que de certo modo valorizará o ciclismo algarvio, especialmente nas categorias amadoras a que o popular clube pensa dedicar-se.

Aplaudimos a iniciativa do Sport Faro e Benfica e fazemos votos para que a ideia tenha a continuidade que merece.

Provas para independentes patrocinadas por firmas comerciais

A Associação de Ciclismo de Faro procurando valorizar e manter em actividade para além dos campeonatos regionais os ciclistas algarvios, está procurando a colaboração de diversas firmas no sentido de organizar provas de estrada.

Sabemos que aderindo à excelente iniciativa da A. C. F. algumas casas comerciais algarvias já confirmaram a boa vontade em patrocinar estas provas. A Associação, por sua vez, aguarda ainda que outras se manifestem neste sentido, procurando compreender os benefícios que a propagação por intermédio do ciclismo, desporto de grande popularidade entre nós, lhes poderá trazer.

OFIR CHAGAS

TINTAS «EXCELSIOR»

Desejam V. Ex.ª aproveitar bem o vosso dinheiro? Adquiram os mais modernos artigos ELECTRO-DOMÉSTICOS na nova Casa de

ANTÓNIO SOARES

Praça Marquês de Pombal, 23

(Antiga Papelaria Ruivinho)

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

que lhes fará os maiores descontos de campanha

TIJOLOS

Melhores e mais baratos

Comprando nas fábricas de cerâmica da COMPANHIA DAS FÁBRICAS CERÂMICA LUSITÂNIA, da Vala do Carregado (perto da Ponte Marechal Carmona), telefone Carregado 26, Moita do Ribatejo, telef. 259014; e Setúbal (Rua António José Baptista, 100), telef. 22855, aproveitando os preços especiais nelas em vigor.

CASA DUARTE

Telefone 288

Para felicidade do seu lar

3 Nomes Universais indica

BUTAGAZ

Frigidaire Junkers

(FRIGORÍFICOS)

(ESQUENTADORES)

Vila Real de Santo António

I Campeonato Distrital de Tênis de Mesa

Com a presença de 16 concorrentes individuais e 3 equipas disputou-se em Albufeira o I Campeonato Distrital de Tênis de Mesa da F. N. A. T. Assistiram ao campeonato, os srs. José de Sousa Júnior, delegado distrital da F. N. A. T., António Carmona e Costa, chefe da secção desportiva e Mário Santos, antigo campeão nacional da modalidade, que dirigiu todas as partidas.

O vencedor da prova individual foi José Agostinho Queirós da equipa dos Serviços Médico-Sociais de Olhão, que bateu numa renhida final António Casimiro Mendonça da Casa do Povo da Luz de Tavira, por 2-0 com os resultados parciais de 21-17 em ambas as partidas. Estes dois concorrentes ficaram apurados para o Campeonato Nacional a disputar nos dias 11 e 12 de Abril em Aveiro, e revelaram boas qualidades que fazem garantir uma condigna representação especialmente, José Agostinho Queirós, que fazendo alarde de grande poderio venceu todas as partidas que disputou.

Por equipas saiu vencedor, o Grupo Desportivo da Casa do Povo da Luz de Tavira, que bateu na final a equipa da Casa do Povo de Paderne pela concludente marca de 5-0, depois de ter eliminado a dos Serviços Médico-Sociais por 5-3.

A equipa vencedora que também disputará o Campeonato Nacional alinhou com António Casimiro Mendonça, Jaime Varela, Diamantino Pacheco e João da Luz e Brito a suplente, sendo de notar que este elemento foi o mais velho do campeonato, pois com 50 anos de idade, ainda revelou boa capacidade física. Todos os elementos desta equipa revelaram boas qualidades e a sua vitória considera-se justíssima. A equipa da Casa do Povo de Paderne, apresentou, Arménio Aleluia Martins, José Manuel Aleluia Martins e Joaquim Manuel Júdice Pontes, e a dos Serviços Médico-Sociais com João de Sousa Cristina, José Agostinho Queirós e João Martins Horta. — Arménio Aleluia Martins

Cine-Foz

Vila Real de Santo António

DOMINGO DE PÁSCOA, em matiné e soirée, **Os mistérios de Paris**, em dialscope, com Jean Marais e Dany Robin. (Para 12 anos).

TERÇA-FEIRA, **Um crime na Riviera**, com Eddie Constantine e Françoise Brion. (Para 17 anos).

QUINTA-FEIRA, **Revolta no Defiant**, com Alec Guinness, Dirk Bogarde e Anthony Quayle. (Para 12 anos).

CASA CORREIA

MERCEARIAS E VINHOS FINOS

Praça Marquês de Pombal, 29 — Telef. 84

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Descoberta uma vitamina contra o envelhecimento

HEIDELBERGA — Milhões e milhões sonham na integridade física e intelectual até a uma idade avançada. Já se sabe, que as vitaminas prestam, neste sector, excelentes serviços. Investigadores alemães descobriram agora um derivado da vitamina B-6 que dá excelentes resultados na luta contra o cansaço intelectual, contra a falta de memória e de concentração, as consequências de meningite e de lesões cerebrais, assim como dores de cabeça, perturbações do sono e a debilitação geral da inteligência em consequência da idade.

Realizaram séries de experiências durante quatro anos com a pirritiozina, em parte no Instituto Max-Planck de Investigações Médicas em Heidelberg e na Clínica de Doenças Nervosas da Universidade de Saarbrücken. Os resultados foram surpreendentes: um professor secundário reformado, de 73 anos, pôde voltar a dar explicações de línguas vivas depois de um tratamento de apenas seis semanas. Anteriormente tinham-se verificado falhas de memória e estados de depressão psicológica. Em três pacientes com lesões cerebrais as dores desapareceram depois de quatro dias de tratamento; passadas duas semanas, puderam retomar o seu trabalho. Por enquanto, pelo menos, é preciso administrar o medicamento constantemente para se manter o efeito benéfico.

A ciência já sabe há muito que a vitamina B-6 cabe uma função importante no metabolismo do cérebro. Constitui, porém, novidade que o derivado desta vitamina, a pirritiozina, favoreça o abastecimento das células cerebrais com glucose e sódio. O sangue leva ao cérebro todas as substâncias necessárias, que através de uma finíssima rede de veias, que constitui uma espécie de barragem. A vitamina B-6 reduz a permeabilidade

por CRISTA ABEL

de a substâncias alimentares; a pirritiozina tem o mesmo efeito, abrindo, porém, excepções nos casos da glucose e do sódio. O novo medicamento permite, portanto, aos médicos intensificar o metabolismo cerebral.

Obtiveram-se os primeiros resultados em experiências em seres com animais. Os modernos processos de radioactividade permitiram observar exactamente o caminho seguido pela glucose no organismo. Exporam-se as substâncias a radiações, de maneira que os investigadores puderam determinar exactamente a diferença entre o abastecimento normal do cérebro e o abastecimento depois de ter sido ministrada a pirritiozina. Os trabalhos de investigação ainda não terminaram. Actualmente estão em curso experiências referentes aos efeitos do novo medicamento em crianças atrasadas devido a deficiências cerebrais vegetativas. Os primeiros resultados são animadores.

Campeonato Distrital de Principiantes

Em face dos resultados obtidos pelos clubes concorrentes, foi deliberado homologar este Campeonato com a seguinte pontuação:

1.º, Sporting Clube Farense, 12 pontos; 2.º, Sporting Clube Olhanense, 11; 3.º, Lusitano Futebol Clube, 10; 4.º, Sport Faro e Benfica, 4; 5.º, Clube de Futebol Esperança, 3 pontos.

É campeão distrital e nosso representante na «Taça Nacional de Principiantes» o Sporting Clube Farense.

Trespasa-se em Faro

Casa de Pasto, Taberna e Merceria com muita, clientela.

Dirigir a Viúva de José de Sousa Belchior, Rua do Alportel, 90, 92, 94 — FARO.

PROPRIEDADES VENDEM-SE

No concelho de Alcoutim. Várzea da Lourinhã, courela do Roncão, várzea com arvoredos na Lourinhã, Sítio do Enxoval e A da Lagoa (Cortes Pereiras).

Quem pretender dirigir a José Santana — Rua do Brasil, 31-1.º — Vila Real de Santo António — Telefone 93.

ÓCIOS de um Espírito Sonolento

*** A humanidade está em ser no ventre da mulher. E dentro dele que o homem edifica a sua mais bela criação, que é ele próprio.

*** Devemos ser gratos à morte, pelos benefícios que proporciona. E quem alimenta a vida. A arte de curar e a indústria dos remédios devem-lhe o pão de cada dia. E quando o nosso sofrimento não encontra alívio, ela no-lo traz. A morte é, pois, vida antes de ser morte.

*** A mulher donzela, mesmo na maturidade, costuma dizer que é moça, para significar o seu estado virginal. A esse género de «moças» é que o tempo delegou poderes ao homem para envelhecer...

J. Álvarez Sénior

JORNAL DO ALGARVE vende-se em Olhão na Tabacaria Moderna, Avenida da República, 46.



Círculo de Iniciação Teatral

apresenta brevemente

Autores Portugueses

Gil Vicente
Raul Brandão
Luís Francisco Rebelo

Vila Real de Santo António Malores 17 anos

BRISAS DO GUADIANA

Apontamentos

Porque não se organiza o Grupo de Xadrez de Vila Real de Santo António?

O **RENHIDO** torneio de dominó agora a decorrer no Café Monumental, da Vila Pombalina, com numerosas e habilitadas equipas a procurarem guindar-se aos lugares cimeiros da classificação, fez-nos pensar, passando para campo mais intelectualizado, primeiro, no interesse de que se revestiria a efectivação de torneios de xadrez nos cafés ou clubes onde tão interessante modalidade tem seus dedicados cultores, e depois na viabilidade da constituição do Grupo de Xadrez de Vila Real de Santo António, à semelhança do que já se fez em Faro e Portimão.

Estamos em crer que qualquer terra onde se jogue bastante o xadrez (bastante, mesmo no sentido de quantidade), oferece, pelas características de que tal desporto se reveste, apreciáveis indícios de regular frescura mental. Na Vila Pombalina, afora umas dezenas de principiantes que pela vontade demonstrada não tardarão a tornar-se iniciados, conhecemos número relativamente elevado de xadrezistas de regular craveira, que decerto não sairiam diminuídos num confronto com outros de diferentes terras. E este confronto, benéfico a todos os títulos, necessáriamente ao seu próprio desenvolvimento, não deixava de ser-lhes proporcionado desde que se constituíssem em Grupo.

O contacto em jogos amigáveis ou de campeonato com xadrezistas de outros agrupamentos, a separação por categorias e o natural desejo de ascensão à categoria imediata, propiciaria ao xadrez em Vila Real de Santo António um clima diferente, mais progressivo e mais atractivo, com o qual só teriam a lucrar tanto os novos como os veteranos xadrezistas.

É certo que no nosso pequeno meio o não-te-ral, o deixa-correr, o comodismo em suma, têm fundas raízes, tornando-se muito mais simples continuar de vez em quando na disputa da partida tradicional, com o parceiro do costume e no ambiente de sempre, do

que encorar a perspectiva, talvez emagradora, talvez trabalhosa, da integração no Grupo da especialidade. Em todo o caso, em face das nítidas vantagens que tal integração apresenta e porque a estagnação neste como em outros aspectos, de forma alguma redundam em melhoria, aqui deixamos a ideia, se assim se lhe pode chamar, esperaçosa em que ela surta algum efeito e pondo desde já esta secção do jornal ao dispor dos xadrezistas que deveras queiram colaborar na corporação do Grupo de Xadrez de Vila Real de Santo António.

O enigma do Hotel Guadiana

Por darem começo à avalanche que depois se registaria na vila fronteiriça com motivo nas festas da Semana Santa em Espanha, chamaram-nos particularmente a atenção sete autocarros aqui chegados no sábado passado, os quais ficaram estacionados na zona central da Avenida da República. Veículos novos, semelhantes, de 48 lugares, os seus 300 ocupantes, todos dos arredores de Lisboa, encontram as tradicionais dificuldades de alojamento deambulando muitos deles largo tempo pela vila antes de conseguirem instalar-se.

Achámos o seu quê de ironia no local escolhido para estacionamento, mesmo em frente ao edifício do Hotel, pensando se algum dos viajantes, mais atrapalhado com falta de acomodações haveria chegado a perguntar se o mostrenço inútil estava simplesmente a fazer-lhe figas, ou então o que significaria a sua presença ali, ostentando no mais alto da fachada a elucidativa designação de «Grande Hotel Guadiana», mostrando mais abaixo uma inestética amputação do «Grande», para ficar reduzido apenas a «Hotel Guadiana», e apresentando ainda mais abaixo a nota absolutamente negativa das suas portas fechadas.

S. P.

EM FARO recebe-se publicidade para o nosso jornal no Centro Revendedor de Quinquilharias, na Rua Filipe Alistão, 23.

Um museu de conquiologia poderia ser uma bela atracção turística em qualquer praia do Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

dências de muitos animais. Hoje, as conchas, perdidas quase completamente a sua serventia de idade pré-histórica, mantêm, no entanto, a graciosidade de sempre, que lhes é dada pelo grande número de tipos, formas, tamanhos e combinações de cores que apresentam.

Qual de nós, à hora da maré vazia em qualquer das opulentas praias da costa dourada do Algarve, não se debruçou, ao menos uma vez, para apanhar da areia uma concha orvalhada, e não ficou extasiado diante dos reflexos irrisados dessa pequenina obra prendada, em cuja produção a joalheria da Natureza é fértil e primorosa?

As conchas não vêm à costa com a mesma assiduidade em todo o ano, estando o seu aparecimento dependente das condições meteorológicas e dos caprichos das ondas. Por isso há momentos em que passamos nas praias e não as encontramos. Seria agradável e constituiria uma curiosidade instrutiva que as encontrássemos seleccionadas e catalogadas segundo critérios científicos, num museu que se instalasse em qualquer praia do Algarve, onde elas abundam, e no que poderiam ser criadas secções destinadas a exemplares provenientes do estrangeiro e outras a fins da conquiologia.

Pensamos que nenhum forasteiro chegado à praia onde estivesse aberto um museu desta natureza, deixaria de visitá-lo. E acreditamos que o município que tivesse a ideia de o instalar, teria nele uma fonte de receita que poderia ser base duma obra assistencial.

Tractor

Reparado, com dois pneus novos, charrua de dois ferros e friza de um metro e oitenta de largura, vende-se. Respostas a este jornal, ao n.º 4.198.

Depois de sete anos de trabalho a linha de conduta não mudará

(Conclusão da 1.ª página)

Pretendemos ser, sem exhibicionismos caricatos, nem impertinências incomodativas, uma voz mais a bradar e a estimular, uma voz que incuta ânimo; um grito que, embora partindo de um extremo da terra algarvia, se ouça por toda ela, lhe leve um pouco de optimismo e de novidades que a todos aproveitem e recreiem. Dedicaremos particular interesse especialmente a problemas de carácter económico que possam servir de orientação às actividades da província e contribuir para a sua maior prosperidade.

Esta foi a linha de conduta traçada nesse primeiro número e se hoje, após todos estes anos de trabalho, nos é permitido um atencioso exame de consciência, poderemos dizer, sem vaidade mas orgulhosamente, que temos procurado, por todos os meios, não arredar pé da linha marcada.

Seria ocioso dizer aqui quais as batalhas que já vencemos — elas estão aí à vista, essas realizações em favor das quais o *Jornal do Algarve* e todos os que nele já trabalharam levantaram a sua voz, sem outro interesse que não fosse o progresso do Algarve e o bem-estar dos algarvios.

O signatário só muito tarde — se bem que se saiba que para trabalhar não há tarde nem cedo — tomou contacto com o jornal da Província. Mercê de circunstâncias que não vêm para o caso esteve vários anos desligado dos problemas da Província e do maior paladino dos seus interesses.

O acaso, porém, tornou-lhe possível, val para três anos, ter lugar

entre os seus colaboradores, esses denodados combatentes nem os quais o nosso semanário não poderia viver. E o interesse pelo jornal da Província tomou-o de tal maneira que nunca mais parou.

Recordamo-nos ainda daquela tarde de Primavera em que conhecemos, no Café Chiado, em Lisboa, o director deste jornal. Afazeres da vida profissional tinham-nos levado a viver na capital. As primeiras palavras que José Barão nos dirigiu foram estas: — «Lá perdi mais um colaborador». Enganava-se. Efectivamente com o aquele amor à terra em que nascemos e que a distância sublima, continuámos a escrever para o *Jornal do Algarve*.

Agora as situações mudaram. O signatário entrou, como que inesperadamente, dentro desta grande máquina feita de boa vontade, de canseiras e trabalho sem desfalecimentos, que é o *Jornal do Algarve*.

É se, neste dia de anos, lhe é dado o ensejo de falar francamente e sem rodeios com os leitores, as suas palavras não poderão ser mais do que a afirmação de que continuaremos a lutar pelo Algarve seguindo o mesmo rumo que de incito nos foi marcado. Para isso contaremos com os nossos prestimosos colaboradores, a quem hoje rendemos uma sincera homenagem de agradecimento, e com os nossos leitores a quem o semanário se destina e que portanto têm os seus direitos.

TORQUATO DA LUZ

TINTAS «EXCELSIOR»



Montepio Geral

Associação de Socorros Mútuos Fundada em 1840

Fundos Permanentes e de Reserva 380.000.000\$00

MODALIDADES DE PREVIDÊNCIA

Pensões de sobrevivência e dotes — Rendas Vitalícias a favor de pessoas certas — Subsídios para funeral e luto

Em 1963 recebeu dos seus associados 5.585 contos

Pagou aos seus pensionistas 30.096 contos

CAIXA ECONÓMICA DE LISBOA

Anexa ao Montepio Geral

Recebe depósitos à ordem e a prazo — Recebe depósitos em condições especiais para menores — Realiza as seguintes operações: Empréstimos s/ prédios rústicos e urbanos; s/ papéis de crédito; metais e pedras preciosas — Aluguer de cofres fortes — Arrecadação de Valores nas casas fortes — Cobranças de juros e dividendos — Compra de cupões — Transferências de numerário

SEDE EM LISBOA — Rua Áurea, 219 a 241

FILIAL NO PORTO — Avenida dos Aliados, 90

AGÊNCIAS em BRAGANÇA, COIMBRA, ÉVORA, FARO e VISEU

FABRICANTES

Apresenta a maior colecção de Portugal em fios tricôt para Inverno

- AS MAIS RECENTES NOVIDADES
- GARANTIA DE QUALIDADES
- VENDEMOS SEMPRE MAIS BARATO

Lãs estrangeiras desde 80\$00 quilo
Lãs de fantasia desde 120\$00 quilo

AV. ALMIRANTE REIS, 4-1.ª FRENTE
LISBOA - 1

Peçam amostras

Enviamos encomendas à cobrança

CRÓNICA DE PARIS PARA JORNAL DO ALGARVE

O AEROPORTO DO ALGARVE

por SILVA MARTINS

CA de longe, na nossa qualidade de espectador interessado por tudo quanto se passa na província que nos serviu de berço, temos acompanhado com particular interesse, o debate aberto nas colunas deste jornal, a respeito do nome que deve ou não ser dado ao aeroporto em construção nos subúrbios de Faro.

Pessoalmente, confessamo-lo antes de tudo, pensávamos que só entre dois nomes, duas designações, as autoridades que tenham por missão proceder a esse baptismo, poderiam hesitar por alguns momentos. Mas admitimos igualmente, que uma vez o problema considerado no seu aspecto fundamental, essa hesitação desapareceria automaticamente e seria dada ao futuro aeroporto a única designação lógica, isto é, aquela que serviria melhor e acima de tudo, o interesse económico e turístico da província algarvia. Compreendemos perfeitamente que os farenenses movidos pelo tão natural como lógico orgulho baírrista, desejassem que fosse dado ao futuro aeroporto algarvio, o nome da sua cidade. Isso é humanamente bem compreensível. Todavia, tendo em conta os interesses cimeiros da província que são os mesmos da cidade de Faro, resultantes dos objectivos superiores que levaram agora o Governo a construir aquele aeroporto, com os aplausos de todos os algarvios, cremos que não será muito exigir dos nossos compatriotas farenenses, que sacrifiquem um tudo-nadinho do seu amor próprio, em benefício da colectividade algarvia. E demais que esse espírito de compreensão não vai ou não irá afectar em nada, os interesses económicos e turísticos da sua bela capital. Assim, seguindo essa ordem de ideias, posto de banda por questões de interesse geral e económico a designação de «Aeroporto de Faro» que também se justificava, fica só no campo das realidades, a saltar aos olhos de toda a gente, o único nome justificável: Aeroporto do Algarve.

É certo não faltar neste debate outras designações mais ou menos acertadas, mas que pecam quanto a nós, de uma grande falta de objectividade, em relação ao momento em que vivemos e aos interesses primordiais da província. Das duas coisas uma; ou nós algarvios damos ao mundo provas dum realismo positivo e fazemos do Algarve uma estância turística internacional que corresponda às exigências dos tempos modernos e à altura da nossa ambição, ou então continuaremos a permanecer no campo dos sonhos e a dormir o velho sonho das fadas encantadas... Uma empresa dessa envergadura — fazer do Algarve um centro de turismo internacional — é coisa demasiado séria para ser realizada, se não se tem os

olhos postos num vasto horizonte de ambiciosas e largas realizações. O nosso passado não nos envergonha, mas é sobretudo do futuro que nos devemos preocupar.

Qual é o nosso objectivo comum? Sem dúvida, atrair o maior número possível de turistas ao Algarve. Por essa razão mesma, a nossa preocupação cimeira há-de ser, de levar a todos os cantos da Terra e a todas as agências de turismo, em letras grandes, o nome da nossa província. Dar-se ao aeroporto o nome de Aeroporto do Algarve, é ter a certeza de que em todos os meios turísticos do mundo esta frase que diz tudo: «um bilhete para o Algarve», há-de correr de boca em boca e sobretudo nos lábios dos turistas que viajam por avião. Por que diabos, se há-de complicar uma coisa com nomes estranhos que nem para os algarvios têm muitas das vezes significação? Por qual devemos nós de ir criar problemas (muito susceptíveis de acarretarem largos prejuízos para a nossa província), lá onde eles não existem? Francamente, isso afigura-se-nos falta de objectividade e alheamento às realidades maiores do turismo. Se pretendemos vencer, devemos ser práticos antes de tudo.

Quando se pensa em turismo internacional, têm que se pôr de lado as pequenas questões de folclore local. Vejamos o que se passou este ano com o Carnaval em Loulé. Por causa duma poiflora caseira que vista de longe afigura-se-nos não servir os interesses de ninguém, a batalha de flores, que é sem sombra de dúvida um dos melhores cartazes da indústria de turismo no Algarve (fora da estação), não foi realizada. Ora isto para quem pretende pensar em «termos» internacionais, representa um grave erro de tática. Como se pode conceber, numa vila como Loulé, que em matéria de tão larga repercussão turística para a terra, se pratique ainda hoje uma política de compadres? Das duas uma: ou a batalha de flores é uma festa de família, um divertimento dos louletanos e então realizam-na ou não segundo o seu humor e ninguém tem nada que ver com isso; ou então se se pretende fazer dessa batalha um acontecimento de atractivos internacionais, a sua realização deve fazer parte integral dos programas locais, como o fazem outras festas e comemorações, isto para o prestígio da vila e para o bom nome do turismo algarvio. Só assim as agências de viagem e os outros organismos internacionais interessados, podem preparar com largos meses de antecedência, as viagens e excursões para o Carnaval de Loulé. Os grandes problemas de turismo internacional, não podem e não devem estar pendentes das pequenas intrigas de política local.

Ao povo algarvio não lhe faltam qualidades humanas para realizar obras gigantescas e assumir responsabilidades no campo do turismo. O que se nos afigura lhes minuar é uma visão global do tempo em que se vive e das necessidades imperiosas que são precisas resolver. Não há razão nenhuma que possa justificar, que nós não somos capazes de realizar em actos concretos, aquilo que em imaginação e vontade há muito concretizámos. É talvez tudo uma questão de tempo, mas o tempo é ouro, dizem os ingleses.

A Sociedade Recreativa Alcantarilhense está amanhã em festa

ALCANTARILHA — Amanhã, celebrando o domingo de Páscoa, a Sociedade Recreativa Alcantarilhense leva a efeito no seu amplo salão mais um animado baile, que servirá ao mesmo tempo para inaugurar algumas remodelações ultimamente efectuadas na sua sede.

É de assinalar a constante preocupação da direcção no sentido de proporcionar aos sócios animadas noites de baile e ao mesmo tempo de tornar mais confortável a sede da prestante colectividade. — C.